



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOÃO PAULO CUNHA SILVINO**

**O Sari: Da resiliência á Compaixão**  
**Aspeto Histórico - Espirituais de uma Virtude que**  
**Configurou uma Identidade**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Alexandre Freire Duarte

**Porto**  
**2021**



## **Resumo**

As pessoas são muitas vezes caracterizadas pela falta de um sentimento, fazível em virtude, a que denominamos de compaixão. A compaixão para com o outro, e com o outro. Este compadecer-se é um “galho” de uma denominada árvore a que podemos chamar amor, árvore essa, que da vida e faz crescer espiritualmente as pessoas. Este trabalho ressalta a pessoa de Madre Teresa de Calcutá que, pela sua vida de missionária, deu sempre tudo com a maior alegria e entrega. Num primeiro momento, apresenta-se uma contextualização histórica do lugar onde viveu quase toda a sua vida, passando-se, depois e num segundo momento, para o retrato da sua vida. Por fim, e depois de um breve esboço do cenário teológico da “compaixão” e da “misericórdia” a ela tão associada, tenta-se extrair o mais possível, provindo dos seus documentos e em especial do seu “*Diário*”, acerca do seu mais belo compromisso da entrega aos outros. A sua dedicação é de facto fascinante; é algo a que podemos de chamar grandioso, e até mesmo maravilhoso. Algo a que o ser humano deveria ter sempre em mente, pois dando-se com alegria e sem reticências, tudo torna mais belo neste mundo dilacerado pela indiferença e individualismo. Através deste “dar-se” exemplarmente testemunhado por Teresa de Calcutá, podemos aproximarmo-nos mais de Deus e construir o Reino ideal que Deus quer para nós.

***Palavras-chaves:*** Madre Teresa; Missionárias da Caridade; Índia; Compaixão; Calcutá; Entrega

## **Abstract**

Human beings are often characterized by the lack of a specific feeling, capable of being transformed into a virtue, which we call compassion. Compassion for the other, and with the other. This compassion is a “branch” of a tree called love, a tree that gives life and makes people grow spiritually. This work highlights the person of Mother Teresa of Calcutta who, for her life as a missionary, always gave everything with the greatest joy and dedication. At first, it presents a historical contextualization of the place where she lived almost all of her life, moving, afterwards and in a second moment, to the portrait of her life. Finally, and after a brief sketch of the theological scenario of “compassion” (and “mercy”, so associated with “compassion”), we try to extract as much as possible, coming from her documents and especially from her “*Diary*”, about her most beautiful commitment in giving herself to others. Her dedication is indeed fascinating; it is something that we can call great, and even wonderful. Something that the human being should always keep in mind, because giving himself with joy and without reticence, makes everything more beautiful in this World torn by indifference and individualism. Through this “giving himself” exemplified by Teresa of Calcutta, we can get closer to God and build the ideal Kingdom that God wants for us.

**Keywords:** Mother Theresa; Missionaries of Charity; India; Compassion; Calcutta; Commitment

## Siglas e abreviaturas

### Abreviaturas bíblicas

*Act.* – *Actos dos Apóstolos*

*Col.* – *Epístola aos Colossenses*

*Ex.* – *Livro do Êxodo*

*Gn.* – *Livro do Génesis*

*Is.* – *Livro de Isaías*

*Jo.* – *Evangelho Segundo São João*

*Jr.* – *Livro de Jeremias*

*Lc.* – *Evangelho Segundo São Lucas*

*Mc.* – *Evangelho Segundo São Marcos*

*Mq.* – *Livro de Miqueias*

*Mt.* – *Evangelho segundo São Mateus*

*Os.* – *Livro de Oseias*

*Sl.* – *Livro dos Salmos*

*1 Pd.* – *1º Epístola de São Pedro*

*1 Jo.* – *1º Epístola Segundo São João*

*2 Rs.* – *Segundo Livro dos Reis*

## **Outras siglas e abreviaturas**

*AAS. – Acta Apostolicae Sedis*

*CdIC – Catecismo da Igreja Católica*

cf. – conferir

col. – coluna

dir. – direção

ed. – edição

Idem – mesmo autor mencionado antes

M.C. – Missionárias da Caridade

n.º – número

p. – página

pp. – páginas

s./a. – sem autor

vol. – volume

## Introdução

Aquando da escolha do tema para a nossa dissertação, ou projeto final, deparamo-nos com um nó que tardava em desfazer-se. O tema tinha de ser algo “especial”, algo que nos satisfizesse, que nos completasse, tinha de ser um tema que fosse interessante para nós, mas que fosse igualmente estimulante para quem o queira ler no futuro, ou até servir de base para um estudo mais aprofundado acerca do tema por nós escolhido.

Numa primeira abordagem, pensamos em elaborar algo na linha da Teologia Dogmática, contudo, achamos que não seria cativante fazer algo desse género. Num outro momento pensou-se fazer na linha da Teologia Espiritual, com o tema “A compaixão em São Vicente de Paulo”. Todavia, um encontro mudou por completo o nosso pensamento e abriu-nos uma porta que não era de todo “descabida”, mas que nunca tinha sido pensada. Este encontro com um docente da faculdade de Teologia permitiu-nos pensar melhor no nosso tema e ir na “direção” que foi debatida nessa conversa.

Através deste diálogo já mencionado, o tema de Madre Teresa de Calcutá surgiu rapidamente e foi aceite sem aposiopeses. A figura desta Santa mulher não era, de todo, desconhecida da nossa parte, devido ao facto de ter sido uma pessoa marcante para a Sociedade Indiana, assim como para o catolicismo na Índia, e ainda de um modo mais particular, ter uma pequena imagem representativa desta. É interessante ver como “os caminhos se cruzam” nesta nossa vida terrena. Bastou “a imagem” e alguns documentários para nos fazerem perceber que este tema tinha de ser “nosso”, tinha de ser o nosso trabalho final.

Todos nós, ou grande parte das pessoas, conhece ou sabe alguma coisa sobre a vida desta mulher, não só porque já ouviu falar, ou já contactou com algumas das suas obras de perto, mas também porque já ouviu a típica expressão: “És como a Madre Teresa”, expressão que, na gíria popular, significa que um indivíduo é a prova viva da misericórdia, da bondade. De facto, como um sinal para o Mundo, esta mulher deu tudo de si, soube “cativar” e conseguiu criar laços com os outros<sup>1</sup>, ao ponto de haver uma necessidade mútua para, assim, consolidar esta relação.

Madre Teresa é uma das grandes Santas do século XX e, também por isso, faz tanto sentido “estudar” a sua vivência e atitude perante os outros.

---

<sup>1</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de – *O Príncipezinho*. Lisboa: Editorial Presença, 2001, p. 68.

Os factos apresentados são, por natureza, muito motivantes, levando a querer saber mais sobre esta mulher, sendo que os santos são primeiramente de “carne e osso”. São pessoas que tiveram as suas fraquezas, as suas necessidades mas que, através da oração e do modo vida mais próxima a Deus, conseguiram chegar a este patamar que é a santidade. Todos podemos ser santos, porém temos de criar uma ligação forte com o Deus único e verdadeiro. Deste modo, podemos afirmar, em poucas palavras, os principais motivos desta nossa escolha: em primeiro lugar, conhecer a sua vida, desde o seu nascimento até a sua morte, passando pelo florescer da sua vocação, até à fundação das Missionárias da Caridade; em segundo lugar, conhecer um pouco sobre a história da Índia, as suas mudanças ao longo dos anos, o que acabaria por marcar uma investigação na vida da Madre Teresa; em terceiro lugar, perceber como ela vivia a denominada compaixão, através dos seus escritos. Assim, esperamos que o legado desta notável pessoa seja mais disseminado na nossa sociedade, tão caracterizada pela indiferença e pelo individualismo.

O nosso projeto está dividido em três partes iguais. No primeiro capítulo, relatamos, de uma certa forma, o olhar sobre a história da Índia, no período correspondente de 1919 até 1989, onde estudamos as grandes mudanças políticas que foram sobretudo a génese das grandes guerras civis, bem como as guerras com outros países e, acima de tudo, a independência deste país. Neste nosso capítulo, o grande objetivo é tentar dar a compreender as mudanças político-culturais na Índia, originárias de uma reviravolta na vida das pessoas, tendo como consequência a morte de muitos. Todas estas controvérsias tiveram uma forte ligação com a vida e com o “projeto” de Madre Teresa.

No segundo capítulo, propusemo-nos a elaborar uma viagem pela vida de Madre Teresa, começando pelo seu nascimento, a seguir pela sua infância, (denotemos que foi nesta etapa da sua vida que houve um particular interesse pelas missões e uma aproximação destas através dos padres Jesuítas<sup>2</sup>), depois pela descoberta da sua vocação e ida para Índia, e, por fim, a criação das Missionárias da Caridade, denominada por ela, mais tarde, de Grande Chamamento.

Por último, no terceiro capítulo, debruçamo-nos sobre o tema principal deste nosso trabalho: a compaixão. Através dos seus escritos tentamos, sistematicamente, demonstrar que esta era predominante na sua vida, uma vez que sempre mostrou ser um dos seus pilares, um apoio incondicional para assim demonstrar que a vida humana tem

---

<sup>2</sup> Este ponto será abordado com mais clareza no capítulo referente.

sentido. É nas pequenas coisas que se vê o grande coração das pessoas, e é neste aspeto que Madre Teresa conseguiu ascender mais do que qualquer pessoa. Não é fácil e pouca gente teria coragem de ter esta iniciativa de criar uma nova congregação para ajudar os mais desfavorecidos, aqueles por quem ninguém se interessava.

Diz-nos o Papa Francisco na homilia da canonização de Madre Teresa:

«Madre Teresa, ao longo de toda a sua existência, foi uma dispensadora generosa da misericórdia divina, fazendo-se disponível a todos, através do acolhimento e da defesa da vida humana, dos nascituros e daqueles abandonados e descartados. Comprometeu-se na defesa da vida, proclamando incessantemente que «quem ainda não nasceu é o mais fraco, o menor, o mais miserável». Inclinou-se sobre as pessoas indefesas, deixadas moribundas à beira da estrada, reconhecendo a dignidade que Deus lhes dera; fez ouvir a sua voz aos poderosos da terra, para que reconhecessem a sua culpa diante dos crimes — diante dos crimes! — da pobreza criada por eles mesmos. A misericórdia foi para ela o “sal”, que dava sabor a todas as suas obras, e a luz que iluminava a escuridão de todos aqueles que nem sequer tinham mais lágrimas para chorar pela sua pobreza e sofrimento. A sua missão nas periferias das cidades e nas periferias existenciais permanece nos nossos dias como um testemunho eloquente da proximidade de Deus junto dos mais pobres entre os pobres»<sup>3</sup>.

Denotamos que a elaboração destes capítulos tem, conseqüentemente, uma relação entre si. A elaboração do primeiro capítulo, a História da Índia, apresenta dados concretos para a realização do segundo capítulo, isto é, através da elaboração deste, deparamo-nos com acontecimentos que influenciaram a vida de Madre Teresa. A colonização Inglesa, as guerras civis, a divisão da Índia e do Paquistão, tudo isto deixou marcas na sociedade em que a Madre se inseriu, levou-a a sentir algumas dificuldades aquando da sua chegada e conduziu-a na permanente luta pela ajuda aos pobres das ruas desse país.

Assim, o segundo capítulo conduz-nos a uma análise da vida de Teresa de Calcutá, onde observamos e nos deparamos com acontecimentos marcantes da sua vida, retratados na primeira parte. Desde a sua pequenez na sua terra natal, até aos grandes acontecimentos da sua vida: a descoberta da sua vocação, a entrada na congregação das irmãs de Loreto, a fundação da congregação das Missionárias da Caridade e as muitas lutas que travou até ao final da sua vida. Aqui é importante denotarmos que o primeiro capítulo tem como finalidade dar uma base de acontecimentos que marcaram a sua chegada à Índia.

---

<sup>3</sup> IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Homilia por ocasião da canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá* (4 de Setembro de 2016). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/document\\_s/papa-francesco\\_20160904\\_omelia-canonizzazione-madre-teresa.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/document_s/papa-francesco_20160904_omelia-canonizzazione-madre-teresa.html) (consultado dia 20 de Novembro de 2020)

O nosso terceiro capítulo é, pois, uma exposição de acontecimentos marcantes ao longo da sua vida, presentes no segundo capítulo, onde o tema central, a compaixão, tem uma forte centralidade, ou seja, é aqui neste ponto que nos focamos acima de tudo, e numa perspetiva de observação dos capítulos transatos, que a Madre Teresa dá o verdadeiro sentido a este sentimento. Todos estes acontecimentos por nós relatados tiveram uma cota parte na sua “difusão” da compaixão na sociedade em que estava inserida, e na qual convivía todos os dias.

A elaboração deste projeto foi conduzida da seguinte forma: após a escolha da bibliografia necessária, executamos o nosso segundo capítulo em primeiro lugar, pois achamos que qualquer informação a mais sobre a historicidade da Índia devia figurar como suporte para a preparação do nosso primeiro capítulo, concretizado em segundo plano. Achamos oportuno fazer desta forma devido à interligação entre estes capítulos, uma vez que através da realização do segundo capítulo recolhemos informações valiosas para a elaboração do primeiro. Por fim, elaboramos o terceiro e último capítulo.

Quanto à nossa bibliografia, podemos afirmar que foi particularmente procurada na Biblioteca do Seminário Maior do Porto e na Biblioteca da Universidade Católica do Porto, bem como a requisição de livros da Biblioteca da Universidade Católica de Lisboa, sendo que nos apoiamos, também, em informações gerais acessíveis na Internet. Procuramos para o nosso primeiro capítulo obter uma maior diversidade de fontes, contudo não nos foi possível, uma vez que se sabe pouco relativamente à história da Índia. Utilizamos essencialmente, mas não só, um livro de uma outra língua, o espanhol. A restante bibliografia por nós trabalhada figura em enciclopédias, tendo noção que haveria com certeza outras fontes, contudo, a nossa busca não nos revelou qualquer outro manual ou revistas. Aqui poderíamos colocar a língua como um entrave, como, de facto, foi.

No que diz respeito ao segundo capítulo, utilizamos várias obras como apoio para um estudo da vida de Madre Teresa, com especial atenção para o livro *Vem Sê a Minha Luz* onde se detém os principais passos da sua vida e os escritos privados deixados pelos seus diretores espirituais. A utilização de mais livros foi de facto uma ajuda preciosa para uma maior descoberta acerca desta mulher. Desde livros com a sua biografia até livros com poemas seus, foi uma riqueza imensurável para esta produção. Por fim, para realizar o último capítulo, utilizamos o livro acima citado. Todavia, foram também consultados Documentos Pontifícios para um maior esclarecimento. Tentamos

procurar a palavra *compaixão* no reconhecido “*Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*”, contudo, não obtivemos qualquer referência a este respeito.

O nosso Orientador, aquando da visualização deste último capítulo, propôs-nos a utilização do *Catecismo da Igreja Católica* para uma melhor articulação com os comentários nas “cartas” e para conduzir uma reflexão mais profunda acerca de outros temas, tais como a oração ou a eucaristia. Não obstante, não nos foi possível desenvolver mais o nosso estudo devido a fatores externos, ao tempo de pandemia que se vive e por já nos encontrarmos a realizar o estágio pastoral.

Um ponto essencial que é preciso ter aqui presente é o facto de que este nosso projeto é sobretudo um trabalho expositivo, não tanto com aparato crítico, mas sim para dar a conhecer um pouco acerca da vida desta mulher. Reconhecemos que uma perspetiva analítica crítica foi por nós posta de lado de modo consciente, dado que um olhar mais aprofundado e, de um certo modo, crítico, nos levaria a questões que nos desviavam do nosso modo de apresentar este trabalho, assim como um reconhecimento das nossas limitações pessoais.

É também importante referir que o nosso Orientador não nos encaminhou tanto neste aspeto da criticidade, pois em conjunto assumimos que outra abordagem seria difícil para nós e, assim, privilegiou o dar-nos as bases para a escrita de um texto expositivo. Reconhecemos também que deveríamos e poderíamos ter aprofundado de um modo diferente algumas questões, mas não nos foi possível devido ao tempo que insurgia e a fatores que já mencionamos.

Em suma, podemos afirmar que a nossa dissertação poderia ter uma maior qualidade na escrita, ou até mesmo um maior cuidado na procura de bibliografia. Sim, de facto é verdade, mas nós temos consciência das nossas limitações e não nos queríamos prejudicar. O leitor pode comprovar que o trabalho é simples, pois procurou fazer-se uma síntese do mais importante da vida e deste sentimento de Madre Teresa, mas tentou-se, acima de tudo, criar uma rampa para futuras dissertações, e que este nosso trabalho possa ser um pequeno apoio para tão frutíferos projetos que venham a ser realizados.

Esta dissertação não pretende ser um ícone, mas sim um pequeno rebento para a sociedade, e esperamos que, através desta, se possa conhecer, mais e melhor, a figura desta mulher tão importante.

Em última análise, o trabalho foi revisto várias vezes. Posto isto, se se verificar alguma incoerência, ou alguma falta, essas mesmas passaram despercebidas, a nós, ao

nosso orientador e a outras pessoas, a quem pedimos, com gentileza, uma leitura do mesmo. Se estas faltas aparecerem, são da nossa responsabilidade.

Em jeito de conclusão, temos de agradecer, de um modo particular, às várias pessoas que nos acompanharam ao longo deste tempo de redação, o muito trabalho que tiveram connosco e a paciência. Achamos por bem enuncia-las: Padre Vasco Soeiro; Alexandre Moreira; os nossos colegas de curso Luís Delindro, Luís Lencastre, Daniel Coelho; e também Sara Alexandra. Queremos também agradecer, de uma forma muito especial, à D. Teresa e à D. Alda, pela ajuda que nos proporcionaram na busca de informação na biblioteca da Universidade Católica do Porto. A todos estes, o nosso muito e sincero obrigado pela dedicação, amizade e amor que demonstraram para o final desta caminhada.

# Capítulo 1: Contextualização Histórica

«O Senhor disse a Abrão: “Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrarei. (...) Abençoearei os que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoaram”. (...) O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe: “Darei esta terra à tua descendência”. Abrão construiu ali um altar ao Senhor, que lhe havia aparecido» (*Gn. 12,1-7*)

Muitas vezes pensamos que o lugar para onde vamos e onde estamos pode mudar-nos, e até este terá um valor significativo na nossa vida, na nossa maneira de ser. Em verdade é certo que aconteça, mas muitas vezes não pensamos que a nossa presença, a nossa alegria, o nosso entusiasmo também possa mudar o meio que nos envolve o local que nos acolhe. Todos nós ao longo da vida temos algo que nos caracteriza, mas certamente neste contexto que vamos explorar podemos ter em conta que foi um misto de transformações, de um lado por parte das pessoas do outro, do meio envolvente.

A beleza da transformação é e está no local onde o nosso coração descansa, e onde quer estar em plenitude com o que vive e com o que sente. Neste nosso 1º Capítulo fazemos uma referência ao contexto histórico onde Madre Teresa viveu e conviveu com o que se passava ao seu redor e lutou por aquilo a que se sentia chamada. Durante os anos que Madre Teresa esteve presente na Índia, houve vários fatores que a podiam desanimar ou até mesmo deixar para trás o caminho que traçara, tais como as guerras, as lutas de classes, a pobreza, contudo com a fé em Deus conseguiu ultrapassar estas adversidades.

## 1.1.- Índia

Podemos identificar e elaborar a história da Índia de uma forma que talvez poucas pessoas conheçam. Acima de tudo podemos e vamos caracterizar o seu desenvolvimento com o cuidado necessário e estritamente essencial, a que esta teve no período que a nós nos interessa, ao longo dos anos que esteve sobre a influência do império Britânico. De facto, falar sobre a Índia no seu todo seria algo impensável, devido aos muitos séculos de história.

Antes de pronunciarmo-nos sobre o domínio Britânico, necessitamos de apresentar numa primeira instância as características da sua estrutura social, que havia e ainda hoje há, do País Indiano onde os Britânicos foram “apresentados”, e dos quais muitos dos conflitos que houve, deveu-se em grande parte às variedades de culturas e

religiões. Uma palavra muito característica para definirmos os estatutos sociais na Índia é o termo “Casta”. Este apareceu na época dos descobrimentos através do povo português, sendo já possível olhar para esta divisão de pessoas e de etnias antes dos descobrimentos. O termo apresenta-se como uma diferenciação de raças, de uma divisão e numa separação social<sup>4</sup>, com a sua evolução a dever-se a vários fatores: culto familiar, matrimónio misto, entre outros.

O nome “castas” tem uma forte ligação com a mitologia hinduísta, fazendo-se variadas vezes uma ligação ao corpo de Brana, deusa hindu, mostrando a sua natureza sagrada<sup>5</sup>. Só se pode passar de uma “casta” para outra através dos méritos que tivera na sua “casta” e transversalmente numa reencarnação. Existem 4 grandes “castas”: os *Brâmanes* (os sacerdotes); os *chátrias* ou guerreiros; os *vaisias* ou agricultores; e os *sudras* ou escravos. Há abaixo destas castas, um grau tão raso que não são designados com o termo castas e são: os *párias* ou os intocáveis. Os *párias* são denominados por viverem numa pobreza extrema e numa discriminação atroz, levando a que muitos estejam submissos aos trabalhos mais fracos. Num olhar atento vemos que foi com estes que o grande trabalho de Madre Teresa se debruçou mais e ao qual teve mais foco. Madre Teresa sendo Cristã não desprezava as outras religiões presentes, poderíamos dizer que ela foi como uma ponte, onde conseguia fazer esta ligação<sup>6</sup>.

## 1.2.- Dominação Britânica

A Índia estando sob o domínio Britânico<sup>7</sup> levou a que a companhia das Índias Orientais explorasse as variadas riquezas que esta podia fornecer, tendo trazido grandes mudanças nas questões políticas agrárias e tributárias que queriam promover o comércio da agricultura, gerando uma diminuição da plantação de bens alimentares, e um empobrecimento das pessoas bem como uma grande perda de terrenos por parte dos indivíduos que detinham grandes fazendas. A colonização da Índia por parte da Inglaterra criou um ambiente que garantia um direito de propriedade dos colonos sobre o comércio que aí havia, até um aparecimento de um princípio de motim criado pelos

---

<sup>4</sup> s./a. – Casta. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Portugal: Página Editora, vol. 6, p. 155.

<sup>5</sup> SILVA, António da – Casta. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1966, vol. 4, col. 1356.

<sup>6</sup> No capítulo seguinte veremos com maior pormenorização esta “ponte”, quando Madre Teresa ergue a Casa Mãe ao lado de um templo Hindu, e faz essa “amizade” com os originários dessa religião.

<sup>7</sup> MELO, F. Alcântara de – Índia: III. História Política. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000, vol. 15, col. 788.

sipaios<sup>8</sup>, iniciado perto da localidade de Deli. Esta revolta teve um efeito destruidor, pois conforme a sua propagação foi feita com rapidez, do mesmo modo foi velozmente contida de uma forma cruel.

Em 1858 o Governo Inglês tomou a iniciativa e a decisão de assumir o Império Indiano. A Rainha Vitória através de um comunicado anunciou que não haveria anexações ao que já se possuía, assim a sobrevivência dos 562 principados era um dado que não se iria alterar pois ocupavam 2/5 do subcontinente<sup>9</sup>. Com a administração Britânica em solo Indiano, os contactos com as pessoas tornaram-se menos assíduos, do mesmo modo a incompreensão de atitudes e costumes dos indianos cresceu e fez com que houvesse uma separação da sociedade aí residente. Durante este tempo apareceu o conceito de *Mother India* que até aquele momento não era conhecido. Durante os anos de 1876 e 1880 o nacionalismo tomou consciência do que se estava a passar. No tempo que se estava a viver apareceu o *Indian National Congress*<sup>10</sup> que foi uma organização criada para defesa da classe média e orientar o descontentamento da população. O *INC*<sup>11</sup> teve desde o início o apoio dos Britânicos, porém com Krishna Gokhale e Bal Tilak o *INC* tomou novos rumos<sup>12</sup>. Nos inícios esta constituição estava mais preocupada em limitar a sua influência aos meios ocidentalizados, e estava mais apreensiva com o seu estatuto pessoal do que com a descolonização. Em Agosto de 1917 Edwin Montagu anunciou que o objetivo do governo Britânico da Índia seria o desenvolvimento gradual das instituições, com vista á uma formação de um governo responsável na Índia como parte do império Britânico.

A entrada da Índia na I Guerra Mundial, estando esta ligada a uma das grandes potências existentes da altura, marcou de forma importante a evolução do nacionalismo indiano. Já depois do findar desse conflito, o ano de 1919 foi um ano de divisão na história da Índia moderna, devido ao facto de estarem presentes várias reformas, sendo que as reformas de Montagu fossem implementadas no ano anterior, a principal foi a introdução do governo partilhado por dois chefes de estado através da publicação *Government of India Act*<sup>13</sup>. Embora as reformas não tenham parado o “autogoverno”<sup>14</sup>

---

<sup>8</sup> Os sipaios eram soldados indignas na Índia, ao serviço dos Britânicos.

<sup>9</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 788.

<sup>10</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 789.

<sup>11</sup> Este congresso/partido foi fundado em 1885 durante a colonização Britânica da Índia, que se tornou rapidamente um movimento com um objetivo em mente que era da independência da Índia.

<sup>12</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 789.

<sup>13</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 789.

<sup>14</sup> METCALF, Barbara D.; METCALF, Thomas R. – *Historia de la India*. 3ª ed. Madrid: Ediciones Akal, 2014, p. 250.

exigido pelas nacionalistas, estes anunciaram que os indianos teriam um tempo para decidir o seu próprio destino. Nesse mesmo ano, a 13 de Abril de 1919, durante um comício realizado num parque na cidade de Amritsar, o general Dyer ordenou um massacre que fez com que houvesse 379 mortos e 1200 feridos na multidão, gerando-se uma série de medidas politicamente desastrosas<sup>15</sup> e uma lei marcial em algumas cidades<sup>16</sup>. Este terrível massacre, o pior da história do Raj Britânico<sup>17</sup>, foi um incidente isolado, que se tornou símbolo de injustiça colonial, sendo recordada em discursos e dramas.

Os anos que antecederam a independência e todo o processo de reforma, teve sempre que lidar com a oposição inglesa. Durante este tempo estava presente a figura do líder Britânico Winston Churchill.

Após a I Guerra Mundial, e onde muitos indianos serviram no exército, um período novo começou. Este tempo marcado pelas reformas Britânicas e por várias legislações e pelas reivindicações cada vez mais fortes por parte da população indiana pela independência, originou um novo movimento, movimento da não-cooperação, dirigido por um homem que se viria a tornar um ícone da população indiana, Mahatma Gandhi<sup>18</sup>. O seu programa da não-cooperação não a violência viria a ser um exemplo. Gandhi apareceu não só como um arquiteto chefe da independência indiana, mas brotou também como um dos maiores pensadores do séc. XX.

### 1.3.- Chegada de Gandhi

Mahatma Gandhi nasceu em 1869 numa família de comerciantes, no estado principesco de Saurashtra, na remota costa ocidental de Gujarat<sup>19</sup>. Gandhi cresceu de uma forma desajeitada com timidez, porém com uma grande ambição. Nos tempos de jovem Gandhi deixou uma jovem mulher para se dedicar ao estudo de direito em Inglaterra. Acabando os estudos regressou à Índia, todavia não era capaz de competir como advogado no mundo jurídico de Bombaim e foi para África do Sul em 1893<sup>20</sup>. Sendo o único advogado indiano, tornou-se rico e de boa reputação, pois defendia a comunidade empresarial indiana aí residente, através do movimento *anti-apartheid* e

---

<sup>15</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 789.

<sup>16</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 252.

<sup>17</sup> Este nome dá-se as pequenas frações do subcontinente, diretamente ligadas e governadas pelo estado britânico; cf. Rajá. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Portugal: Página Editora, vol. 24, p. 304.

<sup>18</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 789.

<sup>19</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 255.

<sup>20</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 255.

também através do seu “programa” da não cooperação, não violação, conhecido como *satyagraha*. A experiência Sul-Africana haveria de ser mais tarde uma forma de liderança da luta indiana pela liberdade. A visão social e política de Gandhi era um “produto” da educação que tivera em Gujarat, vivendo num ambiente bastante diferente daquele que muitas elites tinham nas suas grandes capitais. Nas cidades pequenas e isoladas dos estados principescos<sup>21</sup> da região, a educação inglesa era escassa sendo que a família de Gandhi tinha laços com a religião denominada de Jainismo, que consistia numa crença e numa vivência de não violência de Hinduísmo.

Fazendo aqui “interrupção” no seguimento deste nosso pensamento, ei-lo por bem, antes de mais, caracterizarmos a Índia na vertente religiosa, para dar a conhecer um dos pontos que durante vários anos foi causa de tantas guerras e atribulações. Do ponto de vista religioso a Índia é um vasto território com uma grande variedade de religiões, que se pode dividir em 3 regiões importantes: o norte, onde estão presentes as grandes religiões; o centro com vestígios do Islamismo; e o sul onde se encontra o Cristianismo. O Hinduísmo é uma religião geográfica, pois para se ser hindu basta nascer na Índia<sup>22</sup>, ou ter pais hindus. O Hinduísmo aceita todas as religiões, pois é tolerante. No ano de 1928 surgiu um movimento denominado de *Mahasabha Hindu*, decidido para afirmar cada vez mais os direitos dos hindus tendo-se tornado mais tarde um partido político.

Podemos denominar o Sikhismo e o Jainismo como seitas do Hinduísmo. O budismo também pode ser considerado como uma seita.

O Sikhismo era um movimento de compromisso entre os muçulmanos e o hinduísmo, contudo o Sikhismo separou-se do Hinduísmo. O Islamismo entrou na Índia pelo comércio árabe. A Índia antes da sua separação em dois estados conheceu verdadeiras lutas entre estas duas religiões<sup>23</sup>. A fundação do Paquistão fez com que se diminuísse os motivos destas fricções.

O Cristianismo é a terceira religião em número na Índia, e muito se deve as missões portuguesas e aos cristãos de São Tomé<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Estes estados eram governados e denominados desta forma, devido ao facto de serem independentes, pois eram governados pelos príncipes, mas que reconheciam a autoridade do estado britânico; cf. s./a. – Princepesco. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Portugal: Página Editora, vol. 23, p. 284.

<sup>22</sup> REGO, A. da Silva – Índia: III. História Religiosa. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000, vol.15, col. 799.

<sup>23</sup> Cf. REGO – Índia: III. História Religiosa, col. 801.

<sup>24</sup> Cf. REGO – Índia: III. História Religiosa, col. 802.

O Jainismo e a vida comercial vivida por Gandhi, rejeitavam a violência e a tomada da vida, existindo a forma ideal de um estado para Gandhi como um agrupamento de repúblicas de povos quase autossuficientes<sup>25</sup>. Gandhi pretendia uma transformação moral, não só a nível político da sociedade humana, não aceitando a opinião de muitos movimentos nacionalistas de que, para se atingir o fim – a liberdade –, se pudesse fazer tudo o que se queria. Um líder não só deve evitar a violência como também deve corrigir os seus seguidores para que aceitem um golpe sem a vingança. Gandhi através do seu amor transformador propôs à Índia que este amor não fosse só para alguns, mas que fosse para todos os indianos, desde os ricos até àqueles que denominavam de impuros de desprezados<sup>26</sup>. Durante algum tempo Gandhi abandonou a denominada “resistência passiva” como descrição da sua estratégia para a *satyagraha* ou força da verdade. Com a *satyagraha* vieram uma série de comportamentos que daria para uma criação de uma Índia capaz de se autogovernar como nação, ou seja, acima de tudo significam resolver litígios procurando verdades com o adversário que devia ser sempre respeitado e também amado.

Logo no início da posse de Mahatma Gandhi começou uma batalha que se baseou no recusar de pagamentos de impostos, abandonar as escolas públicas, algum menosprezo pelas decisões políticas de tribunais britânicos e um rejeitar sobre os produtos que vinham de fora, que não fossem nacionais<sup>27</sup>.

#### 1.4.- Apoiantes e opositores

Gandhi nunca quis falar pelo hinduísmo, nem queria uma Índia reconhecida como hindu, pois a não violência nunca foi um dos valores que o hinduísmo tivera. Embora Gandhi tivesse encontrado uma audiência acolhedora aos novos modos políticos, o seu apelo nunca foi uniforme na Índia e alguns dos que o seguiam faziam dele o que queriam.

Para se compreender o que era o “nacionalismo gandhiano” torna-se necessário examinar o que é que este defendia e porque o defendia. Tudo deveu-se a uma falta de entusiasmo em algumas regiões da Índia, o que levou Gandhi a conquistar uma aprovação do Congresso<sup>28</sup> de não-cooperação através de uma aliança com os

---

<sup>25</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 257.

<sup>26</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 258.

<sup>27</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 790.

<sup>28</sup> Não aprofundamos muito este tema do “Congresso”, pois desviar-nos-ia da nossa dissertação, mas podemos dizer que este Congresso, sofreu várias mudanças ao longo da sua existência. Para mais

muçulmanos do califado Otomano, sendo que sem o seu voto o movimento de não-cooperação não teria sucesso<sup>29</sup>. Todavia alguns apoiantes do califado discordaram de outros apoiantes de Gandhi e organizaram-se independentemente em volta dos seus líderes que tinham as suas prioridades e as suas ideias. Fora de Gujarat, onde o “nacionalismo gandhiano” mais floresceu, Gandhi encontrou tenentes dedicados à sua causa, tendo nomes importantes como: Govind Ballabh Pant e Motilal Nehru, junto com o seu filho Nehru Jawaharlal, sendo que este acabaria por ser o sucessor de Gandhi anos mais tarde<sup>30</sup>. Homens como Nehru com um empenho numa Índia mais moderna e que conseguisse resistir a um Ocidente industrializado, vendo numa Rússia socialista um modelo de desenvolvimento económico.

Para entrar neste movimento de não-cooperação o preço era elevado, pois deviam renunciar aos seus títulos, a honras do governo e acima de tudo a bens lucrativos<sup>31</sup>.

A mudança de Mahatma para a não-cooperação colocou nos Britânicos num dilema. Os Britânicos ao longo dos tempos conceberam variadas vezes estratégias para combater os nacionalistas, tendo os vários príncipes mantidos no poder pelos Britânicos, estariam determinados a manter os seus estados fora do nacionalismo<sup>32</sup>.

Para muitos, nomeadamente para os camponeses pobres, Gandhi era visto como uma espécie de “Deus” pois era capaz de reparar os erros e transformar as relações de poder. Em fevereiro de 1921 introduziu-se o *Act* de 1919<sup>33</sup> que visava na introdução de uma legislação bicameral. Esta introdução concedeu uma maior autonomia às províncias, ajudando a criar boas infraestruturas para uma independência da Índia.

Os camponeses querendo expressar todo o seu ideal começaram por saquear e por atacar proprietários de terras em nome de Gandhi, mas em fevereiro de 1922 sucedeu um acontecimento que viria a dissolver o movimento de não-cooperação. Uma multidão de camponeses em Chauri Chaura, um distrito de Gorakhpur, prendeu 22 polícias na esquadra local incendiando a casa e conseqüentemente matando todos os que estavam lá dentro, provocando um choque a Gandhi.

---

informação acerca deste tema deixamos aqui uma referência: METCALF, Barbara D.; METCALF, Thomas R. – *Historia de la India*, p. 250-321.

<sup>29</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 262.

<sup>30</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 263.

<sup>31</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 264.

<sup>32</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 265.

<sup>33</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 790.

Talvez não surpreenda que a oposição a Gandhi e ao seu estilo de vida tenha sentido oposição especialmente daqueles que viriam o seu domínio afetado por causa das ideias da não-cooperação<sup>34</sup>.

O comitê *All India Khilafat* embora, tenha coordenado as suas atividades com Gandhi, permaneceu por um lado separado. As propostas apresentadas por Jamiyyat<sup>35</sup> imaginavam uma Índia organizada por duas comunidades, os hindus e os muçulmanos, cada qual com as suas leis e tribunais próprios. As distinções entre as comunidades nunca seriam anuladas, pois Gandhi e os líderes dos Khilafat nunca imaginaram que as comunidades religiosas não fossem os protagonistas. No ano de 1924 o regime turco aboliu o califado, pois devido às reformas de Montagu pelas promessas de se poder aumentar o poder, os líderes hindus e muçulmanos começaram a mobilizar cada vez mais seguidores para as suas causas.

Temendo ficar dominados pela maioria hindu a Liga muçulmana declarou-se única representante dos muçulmanos indianos, assim a liga exigiu a criação de um estado muçulmano. Devido a estes acontecimentos arrebitou uma era de tumultos e exprobrações<sup>36</sup>.

### 1.5.- A não-cooperação

A não-cooperação de Gandhi foi uma “espinha” que os Britânicos não conseguiram digerir. O Governo indiano, não estando disposto a mais massacres como aconteceu com o de Amritsar e ansioso por obter uma Constituição diárquica, especialmente os que não eram a favor e que eram apoiantes de Gandhi, não seguiu uma política que fosse prejudicial para os indianos<sup>37</sup>. Os Britânicos estavam envolvidos numa política de manobras delicadas, pois tinham de tratar Gandhi com cuidado para não parecer um “mártir aos olhos dos indianos”<sup>38</sup>. Todavia quando chegou a altura do terrível massacre de Chauri Chaura, os Britânicos pensaram que tinha chegado o momento de prender Gandhi. A acusação deste, levou a que se desse por finalizado o primeiro movimento de nacionalismo, e assim os Britânicos conseguiram travar o seu avanço.

---

<sup>34</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 266.

<sup>35</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 269.

<sup>36</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 270.

<sup>37</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 271.

<sup>38</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 272.

Com a conclusão da primeira fase da campanha de Gandhi, as relações entre o Congresso e os Britânicos seguiu de uma forma ordenada, não sendo amigável, mas que estava alicerçada em ideias comuns para um desenvolvimento nacionalista de 1922 até 1947, reparando pois que o movimento com direção à independência não ia ser fácil e seria marcado por uma pressão. Como a não-cooperação avançou, vários políticos do Congresso incluindo Motilal Nehru, criaram o partido Swaraji para reentrar na luta e para participarem nas eleições para as assembleias<sup>39</sup>.

## 1.6.- Revoluções Agrícolas e Industriais

Com o aumento do Congresso Gandhiano nos anos do pós-guerra, assistiu-se também a um nível de protestos de luta entre classes. Os níveis dos preços subiram quase 50%, levando a que os cereais, que constituíam o sustento básico dos pobres, aumentasse mais que os das culturas de melhor qualidade. Os manifestantes atacavam propriedades comerciais, para conseguirem fazer um certo tipo de pressão para fixarem os preços dos itens básicos<sup>40</sup>. O Congresso não ofereceu apoio a este movimento de revolta. Jawaharlal Nehru inspirado pelos ideais socialistas, discutiu uma distribuição mais equilibrada da riqueza essencial para uma independência plena, havendo com esta ideia uma harmonia entre classes que alcançou uma ajuda para os interesses políticos do Congresso.

Os anos seguintes à I Guerra Mundial foram marcados por uma onda de greves sem precedentes por parte dos trabalhadores das fábricas, acompanhados pela criação dos primeiros sindicatos<sup>41</sup>. Através do Congresso dos Sindicatos da Índia, o Congresso tentou controlar o movimento sindical em expansão e porventura subordiná-lo aos seus interesses nacionalistas. A liderança da classe média do Congresso não conseguiu conter a militância dos trabalhadores.

## 1.7.- Retorno da não-cooperação (1927-1934)

No ano de 1927, com um avanço em dois anos da revisão da reforma de Montagu-Chemsford, o governo Britânico avançou com uma comissão liderada por John Simon para sugerir uma nova reforma da Constituição Indiana. Porém não receberam os louvores necessários porque os comissários eram membros do Parlamento Britânico.

---

<sup>39</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 275.

<sup>40</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 278.

<sup>41</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 280.

Esta missão por parte dos Britânicos insinuava que os Indianos não seriam capazes de decidir o seu futuro, e que precisavam de alguém que os guiasse. Com este acontecimento apareceu a segunda etapa da não-cooperação que durou de 1930 até 1934<sup>42</sup>. Perante este acontecimento o Vice-rei Lord Irwin, apoiado pelo governo trabalhista, emitiu uma nota de que a consequência do progresso constitucional da Índia originava o estatuto de domínio<sup>43</sup>. Esta declaração levou a um significado que seria de que a autoridade dos Ingleses tinha acabado sobre o domínio indiano.

Em 1930 os Britânicos realizaram uma serie de mesas redondas em Londres, onde foram convidadas várias pessoas indianas, com o objetivo de que houvesse um acordo sobre a reforma constitucional<sup>44</sup>. Motilal Nehru propôs um relatório onde aí afirmava que a Índia podia ser uma Índia federal, com um forte poder e sem reservas de lugares na legislatura para a comunidade Muçulmana. Nehru reavivou os receios que houvesse um “Raj Hindu” e uniu uma parte dos lideres muçulmanos contra o Congresso.

O segundo movimento de não-cooperação teve muitos elementos em comum com o primeiro movimento. Um dos momentos mais marcantes deste, foi uma decisão de Gandhi de fazer em 1930 uma marcha de 386 quilómetros desde o seu *ashram* até ao mar, seguida de uma produção ilícita de sal<sup>45</sup>. O sal não era uma fonte de rendimento para o governo, mas o congresso não gostou desta atitude. Esta marcha teria repercussões fora do normal pois rapidamente despertou a atenção do mundo inteiro. O governo deteria Gandhi depois da marcha, mas os danos já estavam feitos.

Quando os preços caíram os camponeses viraram-se outra vez para a desobediência civil, pois os seus rendimentos eram baixos e os preços sobre as suas terras eram altos. Nesta campanha contou-se com a participação das mulheres, pois não tinham participado na anterior. Com o crescente apelo popular do Congresso, os britânicos começaram a temer a diminuição da autoridade que ainda ia perdurando nas suas mãos.

O novo vice-rei Lord Willingdon (1931-1936), desejando assegurar aos britânicos na Índia que o Raj ainda estava sob controlo, tomou medidas severas contra o Congresso. Cerca de 40 000 indianos foram presos no espaço de três meses, incluindo o próprio Gandhi<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 282.

<sup>43</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 283.

<sup>44</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 792.

<sup>45</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 285.

<sup>46</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 288.

## 1.8.- Novas oportunidades e novos conflitos

«Com o Congresso fora de sessão, os britânicos avançaram sozinhos na estruturação do Governo da Índia. O mais importante foi o esforço de integração dos príncipes indianos no sistema político. Isolados uns dos outros até à criação da Casa dos Príncipes, em 1920, sujeitos apenas a uma supervisão menos rigorosa dos residentes britânicos designados para os seus tribunais, os príncipes apresentaram-se como representantes ideais da Índia “feudal” que a Grã-Bretanha tinha criado para garantir o seu domínio. À medida que o movimento do Congresso ganhava impulso, os príncipes, subitamente conscientes da sua própria vulnerabilidade, propunham que os britânicos e a Índia principesca se unissem num único Estado federal. Este plano tinha vantagens não só para os príncipes, que seriam agora integrados numa nova Índia desde o início, mas também para os outros. Os muçulmanos viam a federação como uma forma de conseguir aliados conservadores contra o Congresso, enquanto para os britânicos um estado federal significava uma oportunidade providencial para reduzir o poder do monstro do Congresso. A maioria dos Conservadores britânicos nunca se tinha resignado à perspectiva de uma Índia independente»<sup>47</sup>.

Em 1932 a Concessão Comunal procurou dar um tratamento especial as chamadas “minorias”, sendo que eram incluídos o que se denominavam de intocáveis e que estavam sob a liderança de Ambedkar, em oposição a Gandhi<sup>48</sup>. Gandhi não querendo que estes se separassem da comunidade hindu e denominando-se o protetor dessas pessoas a quem ele chamava de filhos de Deus<sup>49</sup>, começou uma medida (um jejum) para tentar parar que isso acontecesse.

No ano de 1939 o Congresso assumiu um papel de centro e vários muçulmanos começaram a procurar novas formas de inovar e de garantir os seus interesses, gerando assim uma ideia de que os muçulmanos da Índia deveriam ter um Estado próprio e separado<sup>50</sup>.

## 1.9.- A Indústria e a Economia

Durante os anos entre as Guerras viveram-se não só períodos de tumultos políticos como também esteve presente um decréscimo da economia, que gerou uma grave crise e uma frustração entre os nacionalistas:

«Muitas das crises que atingiram a Índia, incluindo a pandemia da gripe de 1918 e a Grande Depressão dos anos 30, tiveram a sua origem fora do país. No entanto, o seu impacto foi devastador. Após um período de relativa estabilidade em meados da década de 1920, a Depressão provocou uma queda acentuada dos preços. Como consequência, o valor das culturas produzidas pelos agricultores indianos foi reduzido para metade, enquanto os mercados estrangeiros de produtos agrícolas secaram. Para piorar a situação, os preços dos alimentos e das matérias-primas caíram ainda mais do que os dos produtos

---

<sup>47</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 288.

<sup>48</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 289.

<sup>49</sup> ZAMBONINI, Franca – *Madre Teresa: A mística dos últimos*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2003, p. 99.

<sup>50</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 294.

manufaturados importados. (...) Até à década de 1920, a população da Índia tinha sido possuída por uma elevada taxa de mortalidade, resultado da fome, da pobreza e da doença. As melhorias modestas na saúde pública, com o desaparecimento quase total das grandes fomes durante os 50 anos que se seguiram a 1910, desencadearam um crescimento lento mas progressivo da população»<sup>51</sup>.

Os confrontos com os Britânicos, com um dos mais marcantes a “caminhada do sal”, despertou e incentivou os indianos para uma caminhada de expansão para o seu domínio. Os indianos começaram a conquistar paulatinamente o seu espaço e a demonstrar que podiam governar o seu País. A entrada das eleições, como instrumento de participação, foi de grande relevo para o país, pois no tempo da independência as vias democráticas estavam fortalecidas na Índia<sup>52</sup>.

### 1.10.- A importância do ano 1940

Quando iniciou a II Guerra Mundial, a 3 de Setembro de 1939, a Índia entrou na Guerra juntamente com a Inglaterra, contra a Alemanha Nazi. Num tom de protesto contra esta iniciativa os indianos viram este acontecimento como um tom de arrogância<sup>53</sup> do Império Britânico e vários ministros do Congresso renunciaram aos seus cargos, isto trouxe logo um acontecimento seguinte:

«Em Março de 1940, aproveitando o que viam como uma “libertação” fortuita do poder do Congresso, a Liga Muçulmana, na sua conferência anual em Lahore, aprovou a Resolução do Paquistão. Estabeleceu as bases para uma série de crises que iriam dominar a década de 1940: a guerra, o último passo do Congresso para a não-cooperação, a ascensão do nacionalismo muçulmano e, finalmente, a independência em 1947, com a divisão do subcontinente em dois Estados»<sup>54</sup>.

No final dos anos 30 a Grã-Bretanha e a Índia estavam a caminhar lentamente para uma separação amigável, sendo que os interesses da Inglaterra na Índia estavam a diminuir à medida que o nacionalismo económico se ia instalando no mundo. Depois de 1937 os políticos do Congresso tinham demonstrado uma capacidade de governo que perspectivava o melhor para a Índia:

«O início da guerra, com a demissão dos ministros do Congresso, mudou tudo. Agora, de repente, lutando de costas contra a parede, primeiro contra Hitler e depois, desde Dezembro de 1941, contra os japoneses, a Grã-Bretanha necessitava desesperadamente de recursos humanos e materiais, bem como das bases seguras fornecidas pela Índia. A dimensão do exército indiano foi multiplicada por dez para combater no Médio Oriente e no Sudeste Asiático e para proteger o próprio país quando os japoneses avançaram sobre Assam, em 1942. O esforço dos britânicos para alimentar, vestir e armar esta imensa força consumiu os seus investimentos na Índia; no final da

---

<sup>51</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 294-295.

<sup>52</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 299.

<sup>53</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 792.

<sup>54</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 301.

guerra, a Índia já não estava em dívida para com a Grã-Bretanha mas, pelo contrário, Londres devia à Índia mais de mil milhões de libras esterlinas»<sup>55</sup>.

Desde 1939 e 1942 que o Congresso e a Inglaterra andavam a congeminar, tentando obter uma vantagem decisiva sobre a guerra. Ao contrário do que havia acontecido na I Guerra Mundial em 1914, o Congresso de 1939 não ofereceu apoio à economia. Pensando que o seu apoio tinha sido adquirido injustamente, o Congresso estava decidido a requerer um aumento do preço dos bens essenciais aos Britânicos pela sua cooperação. Alguns membros do Congresso ficaram à parte. Gandhi através do seu pacto da não-violência impediu de participar. Jawaharlal Nehru com as suas opiniões, fazia com que no comité de funcionamento do Congresso fossem sempre influentes. Influenciou a posição negocial deste partido de que a Índia deveria participar nesta luta pela liberdade. Contudo só fazia sentido se ela própria fosse livre. A Grã-Bretanha procurou sempre o apoio do Congresso para o seu esforço da Guerra.

Numa visita de Sir Stafford Cripps à Índia em Abril de 1942, os britânicos queriam oferecer a independência à Índia, convocando uma assembleia no fim da guerra, mas com a estipulação de que nenhuma parte que não desejasse aderir ao novo Estado seria obrigado a fazê-lo. A missão Cripps, estava condenada ao fracasso, pois as suas propostas não transformaram o conselho do vice-rei num gabinete responsável pela legislatura indiana. Cripps, membro do partido de esquerda trabalhista e também amigo de Nehru, fez o melhor para que houvesse um acordo, porém não foi possível porque havia muita desconfiança e muitas pessoas não queriam que as negociações fossem bem sucedidas. Em 1942 Winston Churchill tornou-se chefe do governo durante o período de guerra. Gandhi prevendo uma derrota na guerra por parte da Inglaterra, rejeitou a oferta de Cripps, pois para ele não haveria regressado à promessa da independência depois de uma guerra. Para a Grã-Bretanha o controlo da Índia era essencial para uma vitória.

Com a ruína das negociações, o Congresso começou a desesperar. No Verão de 1942 houve um ato de rebeldia conhecido como a “Marcha sobre a Índia”, sendo que esta rebeldia foi totalmente diferente das rebeliões passadas porque não foi um movimento de desobediência civilizado<sup>56</sup>. O movimento da “Marcha sobre a Índia” não conseguiu expulsar os Britânicos do país, pelo contrário, o castigo foi extremamente duro. Com o número bastante grande de soldados que havia na Índia, devido à guerra contra os rebeldes, os Ingleses esmagaram a revolta. Todos os dirigentes do Congresso foram detidos por três anos. Porventura este foi o último movimento da colonização,

---

<sup>55</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 302.

<sup>56</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 305.

pois a independência viria cinco anos mais tarde sem a não-cooperação. Esta revolta gerou uma ideia de uma estatura que visava um idealismo e sacrifício.

### 1.11.- A ideia do Paquistão

O descontentamento do Congresso desde a demissão inicial dos seus ministros, passando também pelas negociações fracassadas até a revolta das “marchas dos indianos”, obrigou a Inglaterra a virar-se para outro lado para apoiar a sua guerra, tendo tentado recuperar a sua iniciativa política e organizar assim uma transferência de poder para os grupos mais compassivos do Congresso. Uma das mais bem sucedidas foi a Liga Muçulmana. Quando em 1940 tomou o Paquistão como um sério objetivo para a evolução política da sua comunidade. O nome “Paquistão” foi concebido como uma combinação representativa dos nomes das províncias que deviam incluir, Punjab, a região afegã, e uma terra de puros<sup>57</sup>.

No ano de 1940 a preocupação dos muçulmanos assentava com o destino da Índia independente que se aproximava rapidamente e que levou a Liga a proclamar que, qualquer que fosse a decisão do esquema constitucional, as áreas em que houvesse muçulmanos estes pudessem ser agrupados para constituir os chamados “Estados Independentes”. Jinnah num discurso disse:

«Os Moussalmans [*sic*] não são uma minoria, como todos sabem e compreendem (...) Os Moussalmans [*sic*] são uma nação por qualquer definição do que é uma nação e devem ter a sua própria pátria, território e Estado. Queremos viver em paz e harmonia com os nossos vizinhos, como um povo livre e independente. Queremos que o nosso povo desenvolva a sua vida espiritual, cultural, económica, social e política na medida que considerarmos melhor e de acordo com os nossos próprios ideais e com a genialidade do nosso povo»<sup>58</sup>.

Até ao último momento continuou a haver incertezas relativa às fronteiras do Paquistão e até mesmo no facto se este Estado devia ser constituído por um o mais Estados. Jinnah imaginava o Paquistão não como um Estado separado, mas que pudesse jogar com um acordo de moeda de troca num acordo do pós-guerra. A simplicidade da ideia do Paquistão tornou-a atrativa para vários muçulmanos e também para os Britânicos, que desejavam apoio durante a guerra em que estavam envolvidos – sobretudo em países do Médio Oriente de maioria islâmica – e contribuíram para ela como propostas que permitissem que as províncias fossem “apagadas” da Índia independente.

---

<sup>57</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 307-308.

<sup>58</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 308.

## 1.12.- Guerra e Família

Os acontecimentos na Índia devastada pela guerra conduziram a uma crise quando os japoneses entraram nas selvas de Assam. Um acontecimento devastador foi a grande fome de 1943 em Bengala precipitada pela perturbação das importações de arroz da Birmânia, que estava ocupada pelo Japão, originando uma escassez de alimentos, e pela decisão de o Governo desviar os cereais das zonas rurais para o exército e para Calcutá. Com uma grande necessidade de expandir a sua força militar, a Grã-Bretanha abandonou a estratégia de recrutamento. Durante vários anos nunca tinham sido promovidos oficiais indianos, mas devido as grandes exigências que se faziam sentir da guerra foi necessário. Em 1945 a Índia tinha um exército “nacional” em todas as suas filas, um exército que iria conduzir o país à independência .

Perto do fim da guerra, a Grã Bretanha retomou as negociações sobre o futuro que a Índia teria. Em 1945 o vice-rei Lord Wavell agrupou Gandhi, Jinnah e os dirigentes do Congresso na capital de Simla, para uma reunião. Wavell gostaria de quebrar o impasse político que estava presente, querendo criar um conselho executivo exclusivamente indiano, para liderar um governo provisório<sup>59</sup>. As negociações fracassaram quando Jinnah insistiu que a Liga Muçulmana pudesse nomear todos os seus membros Muçulmanos.

Nos meses seguintes a Grã-Bretanha perdeu gradualmente o seu poder e a sua vontade de poder controlar a Índia. Em julho de 1945 o governo liderado por Churchill foi substituído por Clement Attlee. Apesar de sair vitoriosa da guerra a Inglaterra tinha sofrido perdas enormes, por isso faltava-lhe recursos para poder “combater” com uma Índia descontente. Os muçulmanos do Punjab e de Bengala eram protegidos pela sua posição maioritariamente em províncias que possuíam grande autonomia, no entanto o apoio das províncias foi de extrema importância para a emergência do Paquistão<sup>60</sup>. Diz-nos o texto:

«Jinnah não criou o Paquistão apenas através da astúcia e do artifício. Pelo contrário, a visão do “Paquistão” que foi apresentada aos muçulmanos em Punjab e noutros locais tinha ecos de uma lealdade duradoura e profundamente sentida. Anteriormente, a fé privada pouco tinha a ver com a identidade pública; um “muçulmano” era um indivíduo definido pela aritmética do colonialismo como membro de uma comunidade muçulmana “objetivamente” fixa. Na verdade, os recursos baseados na religião foram estritamente excluídos do processo eleitoral»<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 312.

<sup>60</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 316.

<sup>61</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 317.

Os Britânicos vendo que não conseguiam chegar a um acordo com estas duas “forças” enviou para a Índia uma missão, para elaborar um plano que conseguisse uma junção:

«Com este esquema, a Grã-Bretanha esperava manter a Índia unida que o Congresso e eles próprios queriam, e ao mesmo tempo, através destes grupos, assegurar a essência da exigência de Jinnah de um “Paquistão”. Esta proposta estava muito perto de dar a Jinnah o que ela mais desejava, que não era tanto um Estado independente como um “grande” Paquistão constituído por províncias. Jinnah queria evitar a todo o custo aquilo a que tinha chamado em 1944 “um Paquistão aleijado, mutilado e comido pelas traças”, em que todos os distritos não-muçulmanos, regiões que compreendem aproximadamente 40% de Bengala e Punjab, ficariam isolados do novo Estado. Ao integrar províncias inteiras, especialmente as principais, como o Punjab, a oeste, e Bengala, a leste, a Jinnah, no seu Paquistão, conseguiria reconciliar os seus líderes muçulmanos provinciais, que temiam a desordem e a perda de poder que sofreriam se as suas províncias fossem divididas em duas. Além disso, as grandes populações hindus do Punjab e Bengala garantiriam um tratamento justo das muitas populações muçulmanas que inevitavelmente permaneceriam nas províncias hindu maioritárias»<sup>62</sup>.

O Congresso liderado por Nehru, queria um governo central que pudesse liderar e planear uma Índia livre do colonialismo, que pudesse erradicar a pobreza do seu povo e queria transformar-se numa potência. Nehru rejeitou a ideia de se agruparem as províncias em sentido obrigatório, pois, segundo ele, estas deveriam ser livres.

### 1.13.- Ideia de Separação

Privado do “seu” Paquistão Jinnah sentiu-se desesperado porque tinha de aceitar o Paquistão comido pelas traças que anteriormente tinha desdenhado. Para que o Congresso não o deixasse de lado no final, pressionou-o recorrendo a uma ação de “terror” quando estava para vir a independência, com uma agitação e carnificaria. No grande massacre de Calcutá<sup>63</sup>, de 16 a 20 de Agosto de 1946, estavam de um lado os hinduístas enfurecidos pela domínio dos Britânicos e do outro lado os muçulmanos que desejavam construir um grande Estado islâmico<sup>64</sup>. Cerca de 4 mil pessoas de ambas as comunidades foram mortas e outras milhares ficaram feridas ou sem abrigo. Em Bihar foram assassinados 7 mil muçulmanos e em Noakhail morreram vários hindus. A luta pelo Punjab continuou no ano de 1947, sendo que estes conflitos deram lugar a um chamado “holocausto”. A rivalidade que havia no Punjab não se limitava só a colocar os hindus e os muçulmanos uns contra os outros. Os próprios Sikhs desta província

---

<sup>62</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 319.

<sup>63</sup> Calcutá era a cidade mais populosa da Índia com cerca de 5 milhões de habitantes, constituída maioritariamente por pobres, contudo era uma cidade bela e magnífica. In ALLEGRI, Roberto – *A Mãe de Calcutá: Madre Teresa*. Braga: Editorial A.O., 2016, p. 73

<sup>64</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 73

desempenharam um papel fundamental neste processo, pois estavam reunidos nos seus distritos e na sua cidade sagrada de Amritsar, onde os Sikhs constituíam uma minoria da população. Temiam ser integrados no Paquistão estando a merce dos muçulmanos de quem estes desconfiavam. Os Sikhs temiam a divisão do Punjab numa linha que separasse os distritos da maioria hindu e dos muçulmanos, pois deixaria dividia em dois Estados.

No ano de 1947, quando o Leste e o Norte da Índia começaram a surgir casos graves, o primeiro ministro Britânico nomeou Lord Mountbatten como o último vice-rei. Mountbatten trouxe no pensamento a transferência do poder de Junho de 1948 para 15 de Agosto de 1947. Quando Mountbatten chegou, ele e a sua equipa tiveram de se apressar para resolver os vários problemas que aí existiam, sendo um deles se se deviam dividir em dois ou três estados. Havia outra questão fundamental que era o futuro dos principados que estavam ligados à coroa e que não estariam depois na constituição da Índia<sup>65</sup>.

Mountbatten tinha proposto entregar as variadas províncias, estas podiam aderir a Índia ou ao Paquistão ou permaneceriam independentes. Porém Nehru rejeitou tal acontecimento.

Em 1947 o contrato de Jinnah com a teoria das duas nações tinha-o virado contra esse resultado, enquanto que a decisão da Comissão de Fronteiras concedia Calcutá à Índia, privando Bengala Oriental do seu escoamento, fazia parecer que economicamente não era viável. Em 1971, Bengala Oriental, agravada com o que recebia do Paquistão tinha pretensões de se tornar num Estado independente, como o Estado de Bangladesh<sup>66</sup>. À meia-noite de 15 de Agosto de 1947<sup>67</sup>, deu-se o tão esperado momento, num gesto que suscitou sentimentos de orgulho em todo o país. Jawaharlal Nehru, o primeiro ministro a exercer o cargo, levantou-se na Câmara do Parlamento e anunciou que a Índia tinha ganho a sua liberdade, desejada à tanto tempo: «Há muitos anos estabelecemos uma data com o destino; agora chegou o momento de cumprir a nossa promessa, não totalmente ou na sua totalidade, mas de forma muito substancial. Quando

---

<sup>65</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 324.

<sup>66</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 325.

<sup>67</sup> «As condições da independência da Índia dentro da Commonwealth, assinadas pelo futuro presidente indiano (...) Nehru e pelo alto comissário Britânico Lord Mountbatten a 15 de Agosto de 1947 foram defendidas pelo Mahatma Gandhi como “algo pior que um erro: um crime, um pecado”. De facto, num subcontinente artificial, estrategicamente dividido em dois pelos Britânicos, um hindu e outro maometano, estalaram imediatamente confrontos entre hindus, sikhs e muçulmanos, principalmente nas regiões do Punjab e de Bengala»: GONZÁLEZ-BALADO, José Luis – *Santa Teresa do mundo inteiro: vida, obra e mensagem*. 4ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2016, p. 36, nota n.º 12.

soar a meia-noite, enquanto o mundo dorme, a Índia despertará para a vida e a liberdade»<sup>68</sup>.

O impulso inicial de Março de 1947, ocorreu no Punjab Ocidental da maioria muçulmana, onde estes atacaram os habitantes hindus e sikhs. Com a aproximação da independência a violência propagou-se por toda a província, tendo mesmo atingido as várias comunidades. No final do ano de 1947, cerca de 5 milhões de hindus e sikhs mudaram-se do Punjab Ocidental para a Índia, enquanto 5,5 milhões fizeram o oposto:

«O resultado semelhante ao que agora se chama limpeza étnica, era um Punjab indiano com 60% de hindus e 35% de sikhs, enquanto o Punjab do Paquistão se tornou quase inteiramente muçulmano. Uma imigração semelhante, mas menos extensa, teve lugar entre Bengala Oriental e Bengala Ocidental, embora os ataques criminosos aos refugiados, com a consequente perda de vidas, tenham sido muito menos intensos na região oriental»<sup>69</sup>.

No meio das lutas para estabelecerem o poder, cada um dos lados da fronteira, conseguiu conter a violência com bastante rapidez. Os funcionários britânicos mantiveram-se em funções do lado do Paquistão, porque esse estado tinha a difícil tarefa de se erguer do zero. Tanto o Paquistão como a Índia tinham disciplinado os seus exércitos e os seus funcionários para assim avançarem rapidamente na organização dos seus estados.

#### 1.14.- Definição da Nação

Visto que os príncipes só tinham ligações com os britânicos, no tempo do Raj, a chegada da independência deixou-os sozinhos. Mountbatten dizendo que não podiam esperar ajuda da Inglaterra, aconselhou-os a estabelecer as melhores relações possíveis com os dois novos regimes. Os Novos governos, com medo que houvesse uma nova divisão, decidiram incorpora-los, sendo que os príncipes pediram tempo e melhores condições para a sua integração.

Os príncipes que estavam isolados não estavam em estado de exigência para com o Governo Indiano. Assim, o Maharaja de Caxemira, um hindu, ficou de fora. Estando isolado das planícies da Índia e rodeado pelas montanhas, Caxemira<sup>70</sup> era o único estado que tinha as suas fronteiras<sup>71</sup> divididas com a Índia e o Paquistão. O Maharaja podia escolher a qual se juntar, contudo não tomou essa decisão e sofreu uma invasão do exército do Paquistão. Em Outubro de 1947 decidiu anexar-se à Índia e

---

<sup>68</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 325.

<sup>69</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 330.

<sup>70</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 332.

<sup>71</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 794.

então começou o conflito entre o Paquistão e a Índia, referente à situação de Caxemira, não sendo pela sua riqueza mineral ou outros recursos, mas porque era a “chave” para ambas as fações sobre os seus domínios a que teriam. Para os paquistaneses o caso importante deveu-se ao facto que a maioria da população rera de origem muçulmana, logo devia pertencer-lhe.

O Paquistão, buscando ajuda internacional, levou o caso de Caxemira as Nações Unidas, sendo que foi decretado um cessar-fogo na linha de controlo de 1948. Caxemira não foi o único problema em termo das questões sociais, nos anos da independência. Muitas mulheres em vez de serem mortas nas suas aldeias, foram raptadas e levadas como trofeus pelos seus raptadores<sup>72</sup>. Depois do restabelecimento da ordem final de 1947, os dois Estados começaram a localizar as mulheres raptadas e a devolvê-las à sua nação: “As mulheres muçulmanas tiveram de regressar ao Paquistão e os hindus e sikhs à Índia. Uma ordem moral adequada exigia o regresso destas mulheres, se não às suas famílias, pelo menos às suas “casas” nacionais”<sup>73</sup>.

### 1.15.- Morte de Gandhi

No dia 30 de Janeiro de 1948 Mahatma Gandhi é assassinado por um fanático hindu, quando conduzia a oração em Nova Deli. Deixou a Nehru o governo provisório de Primeiro-ministro da Índia independente, para assumir as questões políticas e administrativas. Gandhi nunca gostou da divisão que houvera, e para evitar um resultado trágico propôs que Jinnah fosse nomeado primeiro-ministro de uma Índia unida. Porém não recebeu aval. Para Gandhi a Índia independente devia acolher todos os membros de todas as comunidades.

As estruturas do Estado com os seus serviços, passaram das mãos da Grã-Bretanha para o governo que lhe sucedera. A inauguração de uma nova Constituição foi feita no dia 26 de Janeiro de 1950<sup>74</sup>, onde uma nova era havia de começar.

### 1.16.- Democracia e desenvolvimento de 1950 até 1989

A Índia<sup>75</sup> embora tenha continuado a ser um membro da Commonwealth, proclamou-se uma república, deixando claro que não estaria mais ligada à coroa

---

<sup>72</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 335.

<sup>73</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 336.

<sup>74</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 340.

<sup>75</sup> A partir deste ponto, achamos por bem focarmo-nos só nos aspetos fundamentais, não tirando, claro, o crédito à grande história que a Índia tem. Mas devido ao grande hiato de tempo que se comprova

Britânica, quando a sua Constituição entrou em vigor. O dia 26 de Janeiro é conhecido como o dia da República e celebrada com desfiles. Todos tinham no seu pensamento que a Índia devia ser um país democrático, com a liberdade de expressão e de imprensa. O Congresso, preocupado com os mais frágeis e com os chamados de “intocáveis”, tomou medidas que visavam assegurar a estes grupos uma “voz” na ordem constitucional<sup>76</sup>.

Sob a liderança de Nehru o congresso também reviu os princípios do laicismo e do socialismo. Nehru queria fazer da Índia um Estado secular, e queria que o secularismo indiano tivesse relacionado e apoiasse as variadas religiões que existiam na Índia. As duas primeiras décadas da independência da Índia são consideradas como a era de Nehru, sendo que este construiu uma cidade no Punjab, denominada de Chandigarh, uma que a antiga capital tinha sido atribuída ao Paquistão sendo urgente criar uma nova sede, onde se demonstrasse que a Índia era um país livre.

A economia<sup>77</sup> foi um dos pontos essenciais que Nehru quis para a “sua” Índia independente. No ano de 1950 formou uma comissão de planeamento onde organizaria planos para o desenvolvimento da Índia, primeiramente centrado na agricultura e depois na indústria. Nos finais dos anos 50, Nehru foi confrontado com crises que não esperava, aparecendo o conflito com a China e com a produção dos alimentos que tinha estagnado. No ano de 1959 Dalai Lama, líder religioso dos tibetanos, fugiu com refugiados para a Índia, onde permaneceu em exílio até hoje. Nehru morreu em 1964 e foi substituído por Lad Bahadur Shastri. Durante o ano de 1965 a Índia foi afetada por uma crise linguística, decidindo assim que o hindu seria a língua oficial da Índia, sendo claro que esta ação provocou várias agitações.

Em 1965 deu-se uma tensão com o Paquistão, transformando-se numa guerra total, pois o Paquistão viu um recuar por parte da Índia num referendo em Caxemira e

---

e que nos levaria a muitas realidades existentes durante este tempo. Até ao ano de 1950 decidimos dar um maior enfoque, pois é importante perceber, numa primeira instância, o que levou à divisão da Índia em dois Estados e assim perceber de certo modo, que as lutas religiosas e as lutas étnicas estiveram sempre no palco dos conflitos. Como acima referimos, focar-nos-emos nos aspetos essenciais, para que não haja uma divergência de ideias. O objetivo do presente trabalho não é tanto demonstrar o nível político presente (porventura se seguíssemos esse caminho divergiríamos do que pensámos que seja o mais central), mas os acontecimentos essenciais que estiveram ligados à vida e à vivência de Madre Teresa. Os longos anos em que Madre Teresa esteve presente na Índia, formam todo um enredo de como ela conseguiu viver e trabalhar numa Índia muitas vezes dividida e subjugada pela política presente. A Índia teve sempre um clima de perturbação e de instabilidade, criando por vezes dificuldades ao trabalho que Madre Teresa desenvolvia. Para um maior aprofundamento deste tema, remetemos o leitor para a seguinte referência: METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 341-392.

<sup>76</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 343.

<sup>77</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 362.

enviou soldados para o local. A Índia respondeu enviando tanques de guerra<sup>78</sup>. O primeiro ministro Shastri conseguiu um cessar fogo restabelecendo a estabilidade, contudo, na luta pela independência do Bangladesh em 1971 e em Caxemira em 1999, os dois Países voltaram a guerrilhar. Depois do cessar fogo Shastri morreu inesperadamente<sup>79</sup>, sendo substituído por Indira Gandhi, filha de Nehru. Viriam tempos de agitação de lutas externas e internas. Em 1971 Indira apercebeu-se que o Paquistão estava em dificuldades, devido a um conflito interno entre os Bengalis de Este e os Punjabs do Oeste, e sob este pretexto decidiu enviar um exercito<sup>80</sup>, com uma aliança já feita precedentemente:

«assinou uma aliança com a União Soviética, pondo fim aos laços estreitos com os Estados Unidos, já desgastados pela ajuda americana ao Paquistão, forjada na guerra com a China. O seu maior triunfo, porém, foi a sua vitória na guerra com o Paquistão, em Dezembro de 1971. Desde o final da década de 1960, o Paquistão tem vindo a lutar para conter os interesses divergentes das suas duas partes, oriental e ocidental, separadas por 1.600 quilómetros de território indiano»<sup>81</sup>.

Desta guerra surgiu a independência, como já tínhamos mencionado, do Bangladesh. De 1977 até 1980 o Governo foi encabeçado por Moraji Desai tendo como principal preocupação os desequilíbrios internos a nível de pagamentos, pois a Índia tinha cerca de 10 milhões de desempregados. No ano de 1980 Indira Gandhi volta ao poder e surgem problemas com os independentes de Caxemira, confrontos com os sikhs e hindus devido à língua adotada. Um dos grandes problemas, se não o maior problema, foi um segundo massacre de Amristar, onde as forças armadas entraram e evacuaram o templo. Indira viria a ser assassinada pelos seus guarda-costas sikhs.

Sucedeu-lhe o seu filho Rajiv Gandhi, que procurando criar laços de alianças com várias potências, passou grande parte do seu tempo como primeiro ministro em viagens. No dia 16 de Julho começam motins, pois os sikhs queriam que as castas inferiores tivessem a possibilidade de ter cargos na função pública. Em Fevereiro de 1986 o papa João Paulo II <sup>82</sup> visita a Índia e encontra-se com Dalai Lama e com Madre Teresa, cultivando a sua amizade e viu o trabalho que estava a fazer em favor dos pobres e dos desfavorecidos, no meio daquele “Mundo” que era a Índia.

Madre Teresa viveu numa Índia de conflitos de lutas internas e externas, todavia não deixou que isso a demove-se da sua força para o trabalho que estava destinada a

---

<sup>78</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 367.

<sup>79</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 795.

<sup>80</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 796.

<sup>81</sup> Cf. METCALF; METCALF – *Historia de la India*, p. 374.

<sup>82</sup> Cf. MELO – Índia: III. História Política, col. 796.

fazer. A sua compaixão e o nobre trabalho que efetuou ao longos dos anos que esteve nesta “Índia de lutas”, levou a que todos a reconhecessem como a “mãe”.

## Capítulo 2: Madre Teresa - a sua vida

«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os seus anjos, então sentar-se-á no seu trono glorioso, (...). Então o Rei dirá (...): Vinde vós, os abençoados por meu Pai. (...) Pois estava com fome, e deste-me de comer; estava com sede, e deste-me de beber; era estrangeiro e recebeste-me na vossa casa; estava sem roupa, e vestiste-me; estava doente, e cuidas-te de mim; (...)» (Mt. 25,35-45).

O entregar-se aos outros foi uma das diretrizes que levou Madre Teresa a mostrar ao Mundo a sua compaixão para com os que mais necessitam, a ver no outro, nos os pobres, o rosto de Cristo Jesus. Madre Teresa disse: «Se eu algum vez vier a ser Santa- serei com certeza uma santa da “escuridão”. Hei-de estar permanentemente fora do Céu – a iluminar os que na terra se encontram na escuridão»<sup>83</sup>.

Estamos perante um dado concreto da sua vida, que hoje, podemos acreditar e admitir que estas palavras podem e estão a ser verdadeiramente cumpridas, pois é no maior sofrimento que as pessoas encontram as respostas e anseios para a vida. Madre Teresa é a luz que hoje nós, os seus contemporâneos, necessitamos na vida e porventura temo-la como “lâmparina” no nosso caminho para uma melhor edificação do mundo em ajuda aos outros.

### 2.1.- O começo e o encontro da sua vocação

Agnes Gouxha Bojaxhiu, denominada como hoje a conhecemos de Madre Teresa, teve o seu nome escolhido pelos seus pais devido ao acontecimento da morte de um mártir cristão do século IV<sup>84</sup>. Nasceu no dia 27 de Agosto de 1910<sup>85</sup> em Skopje<sup>86</sup>, uma pequena cidade na Jugoslávia (nos Balcãs), competida pela Albânia e o mundo islâmico e o eslavo. Era pois um centro de etnias de tribos, e de variadas religiões. Os

---

<sup>83</sup> TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Padre Joseph Neuner, S. J., 6 de Março de 1962. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa: Vem sê a minha luz*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007, p. 21

<sup>84</sup> Em Latim, Inês diz-se *Agnes*. Está relacionado com o grego *agne* (casta, pura) e com o termo latino *agnus* (cordeiro). De acordo com a tradição, a jovem (treze anos) Agnes era o atrativo amoroso do filho do prefeito de Roma. Pretendia casar com ela. Ela Recusou. O jovem, despeitado, instigou a ira do seu pai contra Agnes. Quando o pai dele percebeu que era cristã, mandou decapitá-la; cf. GONZÁLEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 7, nota n.º 1.

<sup>85</sup> A data do seu batismo é confundida por alguns autores, entendido a mesma como a do seu nascimento. Há um hiato de tempo de 24 horas; GONZÁLEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 7, nota n.º 2.

<sup>86</sup> Skopje tinha 20000 habitantes, na altura do nascimento de Madre Teresa. Em 1912 teve a sua independência, como capital, da Republica Albanesa da Macedónia. Um ano mais tarde as grandes potências mundiais desmembraram parte da Albânia e a Macedónia ficando anexada a confederação Jugoslava.

seus progenitores eram albaneses, o seu pai Nikola Bojaxhiu e a sua mãe Drane Bernaj. Tendo ainda mais dois irmãos, a sua irmã mais nova, chamada Ágata, e o seu irmão mais velho, Lazar<sup>87</sup>.

A sua família detinha alguns bens, pois seu pai Nikola era um comerciante de bom renome, tendo negócios de exportação e de importação com outros países, o que levava a uma vida mais “abastada” a nível económico. O seu pai Nikola sendo um comerciante, como referimos, fazia algumas viagens de comércio mas ao mesmo tempo procurava ser um pai que tentava estar presente para os seus três filhos. Nikola era inclusivamente uma figura de grande nível na sociedade em que vivia, pois era o primeiro concelheiro municipal.

A doçura, a compaixão que Agnes tinha herdou da sua mãe, pois era muito ligada as pessoas carenciadas, pessoas essas que a mãe e ela própria, Agnes, faziam questão de visitar em suas casas. Um dos grandes exemplos que podemos constatar, é a visita a uma velhinha de seu nome Gazuri<sup>88</sup>, com sensivelmente 70 anos, a quem o filho tinha abandonado numa barraca miserável, sem condições de encontrar comida. A mãe e Agnes, limpavam a casa, enchiam a despensa com comida e ajudavam com roupa. Todas estas ações foram um verdadeiro testemunho do que a extraiu da sua mãe: a sua paixão e amor pelos que necessitam: o seu dar-se pelos outros. Para Drane, sua mãe, os outros eram seres humanos com dignidade não são pessoas esquecidas da sociedade: «Nunca devemos esquecer quem não tem nada. As pessoas que têm fome e o olhar perdido, as crianças que não têm que vestir e não têm remédios quando adoecem»<sup>89</sup>.

Estando um dia numa conferência, Madre Teresa lembrou como era o amor da mãe para com o pai: «A minha mãe, a quem não posso esquecer, era uma santa mulher. Estava todo o dia muito ocupada. No entanto, quando se aproximava o entardecer, acelerava o ritmo da sua atividade, a fim de estar preparada para acolher o seu marido, o nosso pai»<sup>90</sup>. A família era de facto um porto seguro desta mulher, mas também havia a parte religiosa, onde na pequena comunidade de Skopje, que era “administrada” pelos Jesuítas sendo o seu reitor o padre Franjo Jambrekovich, que era um grande amigo desta família, a paróquia era consagrada ao Sagrado Coração de Jesus. Na sua paróquia em Skopje, o padre jesuíta Franjo decidira implementar instituições para rapazes e para

---

<sup>87</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 17.

<sup>88</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 18.

<sup>89</sup> ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 18.

<sup>90</sup> GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 9.

raparigas, no sentido de espicaçar os mais jovens nas práticas e virtudes da Virgem. Agnes e a sua irmã chegariam a pertencer às filhas de Maria<sup>91</sup>.

Um meio que infundia e que animava toda a população, eram as peregrinações que se faziam ao Santuário de Nossa Senhora de Letnice, edificado perto de Montenegro. Era nesse santuário que a comunidade de Skopje se sentia bem, assim como a família de Agnes, pois a mãe de Gonxha aí levava várias vezes ao ano a sua família. Um ponto essencial, que também importa destas peregrinações, é saber que o clima era essencial para a saúde da sua filha Gonxha, pois nessa altura já apareciam alguns problemas tais como problemas respiratórios.

A vida desta família iria sofrer um revés com a morte do pai, em 1918, por questões políticas, que estando num jantar começou a ter vários espasmos gástricos. Foi levado com urgência para casa, contudo como os espasmos não passavam e se tornaram mais intensos, foi levado de urgência para o hospital onde faria uma cirurgia. Todavia não conseguiu resistir e acabou por falecer na mesa de operações. Agnes tinha nove anos aquando a morte do seu pai. No funeral do pai estiveram várias identidades, entre elas a corporação municipal e a delegação do governo central, assim como vários amigos e cidadãos.

A morte do pai levou a que esta família se sentisse privada de uma certa abundância, que obtinha dos negócios do pai. Isto conduziu a que a mãe Drane, com os seus três filhos nos braços, tivesse de trabalhar vendendo produtos de artesanato, fazendo bordados entre outras coisas, para sustentar a família. Por estar sozinha, a mãe não deixou de dar o que de melhor conseguia aos seus filhos. Por isso fez com que continuassem os estudos<sup>92</sup>, continuando com a religião como um ponto fundamental nas suas vidas<sup>93</sup>. Agnes olhava para a mãe como uma força de coragem. Ao ver todo este panorama, a morte do pai e a mãe com o cuidado dos pobres, a jovem Agnes sentiu um maior aproximar das pessoas que não tinham nada, e que era no dar que se encontrava o sorriso, a alegria. Já não era por ver a mãe Drane a dar tudo e fazer tudo pelos que mais necessitam, era sim já um caminho, uma escolha pessoal de que poderia fazer, de ser uma dádiva para os marginalizados<sup>94</sup>.

Agnes sentiu desabrochar a sua vocação, como que fosse uma flor. Com o reitor da sua paróquia, este que descrevia a atividade missionaria nos países mais exóticos e

---

<sup>91</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 17.

<sup>92</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 11.

<sup>93</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 11.

<sup>94</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 38.

pelo meio estava o nome do grande país Índia. Com esta descrição o padre conseguia cativar os jovens e adultos desta comunidade, pois a missionação é uma das características denominadoras da Companhia de Jesus. Na paróquia havia também uma pequena revista denominada de *Katolicke Misije*, onde se referiam pequenos opúsculos sobre as aventuras e conquistas dos padres missionários<sup>95</sup> nos países exóticos, e onde no meio dessas aventuras aparecia a Índia<sup>96</sup>. Algumas vezes o padre Jambrekovich convidava algum missionário que estivesse de passagem para contar as pessoas, a sua vida de missionação, a sua coragem e a sua ligação a oração, e o encontro com os outros, pois muitas vezes o encontro com os que mais necessitam é o fundamental. De facto o contacto que fez com um missionário, de seu nome Anthony<sup>97</sup>, fez despertar e foi como uma “alavanca”, para a sua vocação que já, poderíamos dizer, estava a vir ao decima.

Assim com este aglomerado de situações, de circunstâncias vividas com a mãe, Drana, que Agnes mais tarde denominada Madre Teresa, sentiu que Deus tinha um projeto de vida para ela e que Skopje já não lhe basta. Ela precisava de algo mais.

«Nessa altura tinha apenas doze anos. Foi então, em 1922, que percebi pela primeira vez que tinha vocação para os pobres, Queria ser missionária, queria dar a vida de Cristo às pessoas que viviam nos países de missão»<sup>98</sup>. A correspondência que o padre Anthony fez para Skopje, eram passadas de mão em mão entre as pessoas, quando chegava a mão de Agnes ela devorava tudo o que nelas continha. Todas as alegrias, as tristezas, os acontecimentos marcantes, tudo isto ia fomentando mais e mais a certeza em Agnes para o desabrochar da vocação. A oração que o padre Anthony lhe ensinou<sup>99</sup> ajudava cada vez a sentir-se mais próxima de Deus e dos Homens.

Os anos seguintes foram de aprofundamento espiritual e vocacional, o que acabaria por se afirmar em 1928 já com dezoito anos feitos, onde ela encontrou o seu “caminho”. Contudo a ideia de ter de contar a mãe era algo que a deixava perturbada.

Era de facto uma perda para a mãe, deixar ir a sua filha embora mas sabia que confiando-a a Deus era algo que a deixava descansada: «Dói perder uma filha (...). Mas, apesar de tudo, darei sempre graças a Deus por te ter iluminado. O teu pai confiou-te a mim, eu agora confio-te a Ele. Põe as tuas mãos nas de Jesus, e vai sempre em frente,

---

<sup>95</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 14.

<sup>96</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 39.

<sup>97</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 41.

<sup>98</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 34.

<sup>99</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 42.

Gonxha»<sup>100</sup>. Anos mais tarde já então como Madre Teresa, viria a recordar uma passagem que foi essencial para o seu discernimento vocacional:

«Foi aos pés de Nossa Senhora de Letnice, próximo de Skopje, que me pareceu ouvir pela primeira vez o chamamento divino, que me convenceu a servir a Deus e a entregar-me completamente ao seu serviço. Era a tarde de 15 de Agosto. Eu estava a rezar com uma vela acesa nas mãos. Naquele dia decidi consagrar-me para sempre a Deus na vida religiosa. A cena, aos pés da Virgem, continua inapagável no meu coração. Era a voz de Deus que me chamava para me entregar completamente a Ele, por meio do serviço ao próximo»<sup>101</sup>.

No dia 25 de Setembro de 1928 Agnes começa a sua “aventura” deixando a sua cidade Skopje, com a mãe Drana e Aga a sua irmã, para o comboio em Zagreb, sabendo a mãe que não a veria por alguns anos, e indo para Rathfarnham, próximo de Dublin na Irlanda<sup>102</sup>, onde o seu pároco lhe tinha mostrado que havia irmãs (missionárias) destinada a missão que ela queria na zona da Índia<sup>103</sup>, onde estas a aceitaram, sendo esta casa as Irmãs de Loreto, «o ramo irlandês do instituto da Bem-aventurada Virgem Maria, Fundado em 1609 cujas missionárias eram enviadas sobretudo para a Índia»<sup>104</sup>. Numa carta para a reverenda Madre Superior escreveu:

«Queira por favor atender ao meu desejo sincero. Quero pertencer à vossa Sociedade, para poder vir um dia ser a ser irmã missionária, e trabalhar por Jesus que morreu por todos nós. (...) absolutamente nada de inglês, mas espero no bom Deus que Ele me ajude a aprender o pouco de que necessito pelo que começo imediatamente nestes [dias] a praticá-lo»<sup>105</sup>.

## 2.2.- Início da sua caminhada - Irmãs de Loreto

Chegada a Dublin, mais precisamente em Loreto Abbey de Rathfarnham, Agnes começou a sua caminhada, começando por estudar Inglês pois sabia o albanês, sérvio e um pouco de francês durante cinco semanas, com a ajuda da Madre Irwin de Rathfarnham<sup>106</sup>. Depois do tempo necessário em Dublin, Agnes foi enviada para a Índia a fim de iniciar o seu noviciado, sentiu nesse momento uma felicidade por poder ir ao encontro do seu tão esperado sonho de poder ir para onde sentia que o seu coração devia estar.

---

<sup>100</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 50.

<sup>101</sup> GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 17.

<sup>102</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade: Pensamentos e palavras*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2005, p. 8.

<sup>103</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 51.

<sup>104</sup> TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 8.

<sup>105</sup> TERESA DE CALCUTÁ – Carta para Superiora Geral de Loreto, 28 de Junho de 1928. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 34, nota de rodapé n.º II.

<sup>106</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 55.

Depois de uma conversa com a Madre Irwin, esta indicou-lhe o caminho que percorreria até chegar ao convento onde faria o seu noviciado com mais quatro raparigas da congregação: «atravessareis o Mediterrâneo, o Mar Vermelho, o Mar Árabe, e entrareis no Golfo de Bengala. (...) Ficareis alguns dias na Loreto House e, depois, de comboio, fareis outros 600 quilómetros até ao convento de Darjeeling, a 2000 metros de altitude, aos pés dos Himalaias. Ali, farás o noviciado»<sup>107</sup>. Então no dia 1 de Dezembro de 1928 embarcaram no barco denominado de *Marcha* e partiram em direção a Índia, passando por vários lugares como tinha dito a Madre Irwin, ao longo da viagem Agnes ia escrevendo pequenos textos, de como estaria a ser a viagem, para o jornal *Katolicke Misije*<sup>108</sup> pois os jesuítas tinham-lhe pedido.

A sua viagem demorou mais de um mês, mas no dia 6 de Janeiro de 1929 atracaram em Gangs, no dia da festa da Epifania. A caminho de Calcutá Gonxha vê nas ruas pessoas que estão deitadas em cima de esteiras, algumas feitas de folhas ou até mesmo sobre a terra. Vê pessoas sem roupa que vivem debaixo do sol, que quando está frio, o único meio que se tem de aquecer é com farrapos<sup>109</sup>. Todas estas coisas que a futura Madre Teresa via, eram como facas a se espetarem no seu pequeno, sentiu aí nesse momento as primeiras dúvidas.

Depois da chegada a Calcutá foi reencaminhada para Darjeeling para aí poder continuar com a sua preparação. Darjeeling ficava na base dos Himalaias a 2000 metros de altitude, aí seio majestoso e belo do Himalaia, pouco viu da pobreza que esperava<sup>110</sup>. Depois da sua chegada a Darjeeling a futura irmã Teresa continuou a receber a sua formação, sendo que este foi dividido, onde em Maio começou o noviciado, com um período de dois anos de preparação para a iniciação à vida religiosa, esta que precede dos primeiros votos. No primeiro ano teve como foco a formação espiritual, com relevo para a formação da espiritualidade da ordem e para a oração. No segundo ano teve como foco a missão do instituto, um acompanhamento de uma formação para o trabalho apostólico<sup>111</sup>.

No dia 25 de Maio de 1931, depois de ter completado todo o processo de noviciado, fez a profissão dos seus votos<sup>112</sup>, aí prometendo que seria fiel: à castidade, à

---

<sup>107</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 58.

<sup>108</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 26.

<sup>109</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 61.

<sup>110</sup> Cf. SPINK, Kathryn – *Madre Teresa de Calcutá: Missionárias da Caridade*. Braga: Editorial A.O., 1981, p. 17.

<sup>111</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 37.

<sup>112</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 37.

pobreza e também à obediência. Foi nesse mesmo dia que ela acabaria por deixar o seu nome de nascença, o nome que os pais lhe deram e que andou sempre consigo, para se chamar Irmã Teresa, nome esse que escolhera por causa de Santa Teresa de Lisieux, a que a Igreja intitula como padroeira das missões<sup>113</sup>.

Depois do tempo de noviciado, a irmã Teresa foi remetida para uma comunidade, mais especificamente a de Loreto de Calcutá, onde exerceu a função de professora de História e Geografia em St. Mary's Bengali Medium School<sup>114</sup>. Esta escola era especialmente dedicada a meninas, mas lá também frequentavam adolescentes da burguesia bengali<sup>115</sup> e colonial. Foi professora aí durante 17 anos, acabando por ser também diretora da mesma instituição.

Durante nove anos esteve em Loreto, onde era bem apreciada pelas suas colegas e pelos superiores, pelo facto de ser uma pessoa bem humorada, com talento para dirigir e organizar as necessidades do quotidiano e com uma certa sensibilidade, que não era visível para quem a acompanhava, sendo intimidade, e profunda na relação espiritual com Jesus. Só os seus confessores<sup>116</sup> sabiam desta união tão grande com aquele a quem a ela chamavam de noiva mimada de Jesus<sup>117</sup>.

Numa conversa com uma irmã amiga Teresa diz:

«Quando vim para a Índia, queria ser uma mãe, queria fazer de mãe de todos os que não têm nada, proteger e ajudar quem nunca recebeu uma carícia ou uma palavra gentil. Eu pensava nos pobres, naqueles que vivem na miséria das barracas, que são atormentados pelas doenças (...) Contudo, os superiores disseram-me que fosse professora. Não lamentei. (...) estou lisonjeada por Deus me ter escolhido para isto»<sup>118</sup>.

Durante o tempo que tinha disponível, conseguiu aprender a língua Hindi e Bengali, sendo que tudo isto já nos permite ver quão já se sentia próxima dos que mais necessitavam, desde o seu ponto de partida em Skopje, como já tinha na nesta o que deveria ser para os outros, o ser algo para os outros.

No dia 24 de Março de 1937, acabaria por receber os votos perpétuos, e assim, por norma da congregação, teria de mudar o nome passaria a ser tratada como “Madre Teresa”<sup>119</sup>. Os votos foram professados na capela do convento em Darjeeling sendo o celebrante o Arcebispo Ferdinand Périer.

---

<sup>113</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 17-18.

<sup>114</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 38.

<sup>115</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 34

<sup>116</sup> Cf. LÓPEZ GUZMÁN, Maria Dolores – *Madre Teresa: Creer o no Creer. Razón y fe*, n.º 1383 (2014) 53.

<sup>117</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 40.

<sup>118</sup> ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 69.

<sup>119</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 43.

Depois de receber os seus votos Madre Teresa voltaria para St. Mary's para fazer as habituais tarefas, com o entusiasmo que era já habitual dela. Madre Teresa, foi incumbida também de estar à frente da congregação diocesana das Irmãs Indianas em Bengali. Em Entally havia uma Congregação Mariana, que tinha o mesmo pensamento que trouxera a irmã Teresa à Índia<sup>120</sup>. Algumas pessoas desta congregação visitavam o hospital de doentes em Nilratan Sackar, sendo também que iam aos bairros pobres em Motijhil, para estar com estes. Através do seu quarto no convento, ela podia ver a degradação que se sentia no bairro de Motijhil. «Sabia o que me competia – lembrava ela – “mas não sabia como lá chegar»<sup>121</sup>. Apesar de todas as tarefas a desempenhar, aos domingos, Madre Teresa costumava ir visitar os pobres aos bairros de latas:

«Todos os domingos vou visitar os pobres dos bairros de lata de Calcutá. Não posso ajudá-los, porque nada tenho, mas vou levar-lhes alegria. (...) Tudo aquilo era muito doloroso, mas ao mesmo tempo fiquei muito satisfeita por ver que eles ficam satisfeitos com as minhas visitas. Finalmente, a mãe disse-me: “Oh, Ma, venha ver-nos outra vez! O seu sorriso trouxe a luz do sol a esta casa!”»<sup>122</sup>.

Ao longo dos anos em que Madre Teresa esteve na Índia, a sua vida foi muito intensa, acabando por adoecer devido ao trabalho em execução. A participação da Índia na II Guerra Mundial criou desordens na vida quotidiana. A situação de Calcutá, como no resto do país, era também de uma crueldade sobrenatural. Devido à divisão da Índia as populações, neste caso em Calcutá, dividiram-se em quase partes iguais entre comunidades antagónicas muçulmanas e hindus<sup>123</sup>. O exército Britânico requisitou o colégio St. Mary's. Deste modo todos os que viviam e frequentavam tiveram de sair. Acabariam por voltar em 1946. Entre 1942-1943, a fome começou a aparecer em Bengala<sup>124</sup> e no convento, levando Madre Teresa a sair deste em busca de comida, mesmo sabendo que lá fora o ambiente era de “sufocar”. São estas as suas palavras:

«Foi então que comecei a ver os corpos abandonados nas ruas, esfaqueados, espancados, jazendo em estranhas posições, mergulhados no sangue que deles havia jorrado, já seco. (...) Tínhamo-los recebido e ajudado a fugir e a evitar o perigo. Só quando eu saí para as ruas é que vi a morte que os perseguia. (...) Eu respondi-lhes que tinha precisado de sair, de correr risco, porque tinha comigo trezentas estudantes que não tinham que comer»<sup>125</sup>.

---

<sup>120</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 18.

<sup>121</sup> SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 18.

<sup>122</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 46. De notar que uma freira de Loreto que tivesse feito os votos perpétuos não era tratada por “Ma”, um tratamento bengali, mas por “Madre”, o tratamento europeu. Foi, portanto, o amor da Irmã Teresa pelo seu povo que lhe valeu o merecido título de “Ma” – que era uma expressão da intimidade e do afeto das pessoas por ela: KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 46 nota n.º II.

<sup>123</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 18.

<sup>124</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 34

<sup>125</sup> MADRE TERESA, Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 55-56.

utas e divisões foi de facto avassalador para a população<sup>126</sup>, levando á que houvesse inúmeras baixas de população. Este conflito foi um dos piores que a cidade de Calcutá viu, e que toda a Índia viveu.

### 2.3.- A chamada para uma missão maior

Devido a todo este conflito que estava a acontecer na Índia, Madre Teresa sente dúvidas, pois Deus quis que ela fosse para a Índia, mas não se tornou missionaria como queria, mas sim professora. Sentia-se longe dos que mais necessitavam. Madre Teresa sentia a necessidade de ouvir a voz de Deus no seu coração. A sua partida fez-se à noite, pois durante o dia, o calor era abrasador. A caminho para a estação de comboio, Teresa vê-se rodeada de horrores: corpos de seres humanos, casas ardidas, casas demolidas e muros deitados abaixo que estavam no meio da estrada. Madre Teresa, vê tudo isto e fica incrédula com o ambiente e a atmosfera que se vive. As pessoas e os pobres parecem nunca mais acabar.

Em Setembro de 1946, na altura com trinta e seis anos, foi mandada para o Convento de Loreto em Darjeeling, que ficava a 600 quilómetros a norte de Calcutá, para fazer o seu retiro anual e tirar assim uns dias de sossego. Enquanto decorria a sua viagem no dia 10 de Setembro de 1946, aconteceu o que se pode chamar de encontro místico<sup>127</sup>, onde ouviu a s voz de Cristo para a chamar a algo de “grande”. Revelou-nos:

«Tratou-se de um chamamento no interior da minha vocação. Tratou-se de um chamamento. Era uma vocação para abandonar Loreto, onde me sentia muito feliz, e ir para as ruas servir os mais pobres entre os pobres. Foi naquele comboio que ouvi um chamamento para abandonar tudo e O seguir para os bairros de lata – para O servir nos mais pobres de entre os pobres. (...) Percebi que era a sua vontade e que tinha de O seguir»<sup>128</sup>.

A Madre Teresa considerou que este foi o dia, que mais tarde foi designado como “Dia da Inspiração”, onde aí mesmo começou as Missionárias da Caridade, com o seu *sari*<sup>129</sup> que seria o símbolo da presença de Deus.

Durante um ano Madre Teresa começou a receber varias manifestações de Deus no seu interior, o que lhe iam dando mais força para a sua nova missão a que estava

---

<sup>126</sup> Este temas encontram-se de forma mais desenvolvida no nosso 1º capítulo. O que tentamos aqui fazer foi realizar um pequeno resumo enquadratório da temática retratada no capítulo precedente.

<sup>127</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 57

<sup>128</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 57.

<sup>129</sup> Traje típico das mulheres indianas, constituído por uma peça de tecido comprida que é enrolada à volta do corpo, formando uma das pontas a saia e a outra atravessando o tronco e pendendo sobre o ombro ou a cabeça. ALLEGRI, Roberto – *A Mãe de Calcutá*, p. 90 nota n.º 1.

destinada. Madre Teresa e Cristo tinham várias e comoventes conversas, onde Cristo refere que ela devia dar o seu amor aos mais frágeis. O chamamento que ela recebera, era para ser a grande portadora do amor, da compaixão, para com os mais pobres, aqueles que não tinham nada, aqueles que detinham doenças que ninguém ligava. Madre Teresa, designaria esta comunicação como “a Voz”<sup>130</sup>. A sede de Jesus pelos que mais necessitavam e por aqueles que ainda não o conheciam, levou a que o coração de Madre Teresa ficasse repleto de luz e felicidade. Jesus pediu que ela fosse o seu raio de luz no meio daquela escuridão, ser o farol das pessoas, mostrar a compaixão de Deus para com elas.

Em outubro, Madre Teresa regressou a Calcutá onde acabou por retomar a sua vida de uma forma normal em St. Mary’s School. Assim que teve disponibilidade, falou com o seu diretor espiritual, o padre jesuíta Celeste Van Exem, acerca do que se tinha passado e acontecido durante viagem de comboio, em direção a Darjeeling, para o seu retiro, bem com as anotações que tirara do retiro. A sua vontade de começar a agir em prol dos que necessitavam era grande, porém esta necessitava de uma direção, precisava de uma autorização das suas superiores de Loreto, do seu diretor espiritual e acima de tudo do arcebispo de Calcutá, o jesuíta Ferdinand Périer.

Se estes considerassem que era autêntico, deveriam ajudar a concretização, se achassem que não era autêntico, estavam obrigados a desencorajá-la. O seu diretor espiritual, o padre Van Exem, levou a questão muito a peito, pois continha uma grande admiração por esta freira, assim como uma grande fervorosa ideia da sua vida espiritual. Não tendo qualquer dúvida quanto a sua sinceridade, o padre exigiu em primeira instância que ela se desligasse deste assunto, para pensar em outra coisa. A renúncia que o seu diretor lhe pedia era uma forma de por à prova o seu caráter genuíno do seu chamamento. Em Janeiro de 1947, o padre Van Exem já não tinha dúvidas de que a inspiração da Madre Teresa viera de Deus para a criação das Missionárias da Caridade, dando-lhe autorização para escrever ao Arcebispo. A ansiedade de Madre Teresa em dar o primeiro passo no seu trabalho entre os pobres de Calcutá, estavam a tornar-se mais sérios.

Antes de escrever a sua primeira carta ao Arcebispo Périer, a provincial de Madre Teresa informou-a de que ela seria transferida para uma comunidade de Loreto em Asansol, uma cidade situada a cerca de 200 quilómetros de Calcutá. Um dos fatores que possa ter levado a esta mudança, era o facto de que as conversas entre Madre Teresa

---

<sup>130</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 87.

e o seu confessor, eram bastante alargadas e com alguma frequência, o que causou uma desconfiança e uma intriga entre as outras irmãs, devido ao facto de passado pouco tempo depois do retiro em Darjeeling<sup>131</sup>.

A ida para Asansol foi um golpe que a fé sofrera, porém ela sentia que era a mão de Deus presente neste acontecimento. O padre Van Exem informou Teresa, antes de esta sair de Calcutá, que o Arcebispo exprimira a primeira reação, todavia mostrando-se cauteloso, tendo-lhe comunicado de que precisaria de tempo para rezar e consultar<sup>132</sup>. O chamamento que recebera tinha sido algo de legítimo, porém ela não queria avançar sem a autorização dos seus superiores, pois a obediência que ela fizera nos votos, também se notava nesta questão.

Nos meses seguintes, a correspondência entre ela e o Arcebispo Périer eram intensas, onde ela tentava convencer que lhe desse autorização para avançar na sua nova “vida”. Durante a sua vasta correspondência com o Arcebispo<sup>133</sup> ia falando-lhe do que pretendia com a nova atividade, as regras, o seu estilo de vida. O Arcebispo levava a sério o que Madre escrevia nas suas cartas, mas ao mesmo tempo aconselhava cautela.

Em julho de 1947, Madre Teresa regressou à sua comunidade de Entally, em Calcutá, pois devido à intervenção da madre superiora da congregação notou que houve um erro por parte da Madre Provincial, no que tocava à pessoa de Madre Teresa. Quando chegou Madre Teresa limitou-se a seguir as ordens que recebia, mas sempre com a ideia no seu coração e que estes acontecimentos tinham de realizar-se, pois Deus estava a traçar o seu caminho. Durante vários meses continuou com a atividade que tivera anteriormente, mantendo a correspondência com o Arcebispo, com o intuito de o conseguir convencer a dar o seu aval.

Depois de tanto se ter esforçado a pedir, o Arcebispo Périer apercebeu-se da força de carácter e da grandeza do coração de Madre Teresa decidindo dar o seu parecer depois de um longo período de reflexão. Foi então que no fim de uma missa no Convento de Loreto, no dia 6 de Janeiro de 1948, que o Arcebispo deu o seu sim definitivo. Nesse mesmo dia Madre Teresa fazia dezanove anos que tinha vindo para a Índia.

Depois da autorização do Arcebispo Périer, faltava agora instigar a superiora geral de Loreto, Madre Gertrude Kennedy, devido às normas da Igreja. Depois de

---

<sup>131</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 71.

<sup>132</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 72.

<sup>133</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 73-114.

receber o sim da sua superiora, havia agora de pedir ao Papa Pio XII<sup>134</sup> o consentimento para poder deixar Loreto. Uma das questões à qual Madre Teresa se colocou a seguir foi a de se ela continuaria ou não ligada à congregação, mas para isso precisava de uma licença do Vaticano. Nesta altura o Arcebispo Périer tinha-se tornado um dos seus maiores conselheiros, sendo ele a ajudá-la no processo de libertação dos votos.

Numa carta redigida à madre Geral diz-nos Madre Teresa: «Quero deixar Loreto logo que seja possível a Sagrada Congregação conceder-me a anulação dos votos e o Indulto de Secularização, ato pela qual desejo adquirir a liberdade de viver a vida de uma indiana na Índia e trabalhar nos bairros de lata»<sup>135</sup>. Finalmente no dia 7 de Fevereiro de 1948 Madre Teresa escreve uma carta para a Sagrada Congregação para os Religiosos, dizendo: «peço humildemente licença para dirigir esta petição (...) destinada a obter o indulto de secularização, libertando-me assim dos votos que me ligam ao referido Instituto»<sup>136</sup>. No dia 8 de agosto de 1948, Teresa, recebeu finalmente notícias de Roma, sendo que o Papa Pio XII lhe tinha concedido um indulto de excomunhão em vez do indulto de secularização, podendo dessa forma permanecer fora, sem se desligar dos seus compromissos eclesiástico-religiosos e deixando-a sob a dependência do Arcebispo Périer. Assim continuaria a ser freira de Loreto.

Depois de tanto tempo à espera, mais precisamente dois anos desde o acontecimento marcante na sua vida que foi a viagem de comboio, poderia finalmente fazer o que Jesus lhe pedira, levar a alegria ao Coração de Jesus<sup>137</sup>.

## 2.4.- Nascimento da Congregação

A 16 de Agosto de 1948 Teresa despiu o hábito religioso que usava como irmã de Loreto e vestiu um novo hábito, da sua futura congregação, um sari simples branco de um tecido barato debruado a azul, uma pequena cruz ao ombro esquerdo e para os pés umas sandálias abertas<sup>138</sup>.

Neste momento havia uma mistura de sensações, pois iria abandonar a casa que a acolheu durante tantos anos, iria deixar as suas companheiras e as suas alunas. Depois

---

<sup>134</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 42.

<sup>135</sup> TERESA DE CALCUTÁ, Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 118, nota n.º I. Através de um indulto de secularização, um religioso recebe uma dispensa dos votos religiosos, passando assim à condição de leigo. Através de um indulto de excomunhão, o religioso continua a ser, formalmente, membro do correspondente instituto religioso, obrigado pelos votos religiosos, mas vive fora da casa religiosa. Nesta situação, ficam suspensos muitos direitos e obrigações

<sup>136</sup> TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Cardeal Perfeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, 7 de Fevereiro de 1948. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 127-128.

<sup>137</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 132.

<sup>138</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 20.

de ter passado o portão de Entally e caminhado por uma Calcutá onde jaziam os corpos dos abandonados, dos doentes, de uma miséria sem igual. Seguiu caminho para Patna uma cidade a trezentos quilómetros de Calcutá, onde iria aprender o necessário e o essencial de enfermagem para prestar o auxílio aos mais pobres. Em Patna encontrou o Hospital da Sagrada Família das irmãs da Missão Médica, com a superiora Madre Dengal, onde lhe ensinou em poucos meses que ela necessitaria<sup>139</sup>.

Depois do tempo passado no Hospital, em preparação da sua missão, regressou a Calcutá e instalou-se na companhia das Irmãs do Pobres, no convento de São José<sup>140</sup>.

A 21 de Dezembro, Madre Teresa saiu do Convento de São José e dirigiu-se pela primeira vez para os bairros de lata, com o intuito de ajudar as pessoas que mais necessitavam. Por causa da II Guerra Mundial, como expusemos no primeiro capítulo, Calcutá estava bastante deteriorada. A cidade, que era conhecida pelos seus palácios, tornou-se numa zona de bairros de lata. Os pobres que viviam na rua ou nos bairros de lata muitas vezes não conseguiam mandar os filhos para a escola, não tinham apoio médico, e os membros para a sua sobrevivência era quase nulo, já que os alimentos eram muitas vezes escassos. As condições de vida da própria cidade eram deveras sufocantes para quem quer que lá estivesse, pois os serviços municipais não conseguiam dar “braços a tudo”, com os esgotos entupidos, que quando havia as cheias as ruas e as casas enchiam-se de água e de fezes de pessoas e animais. Nesta altura havia já a doenças, tais como a tuberculose, e a água potável era muito pouca. Diz-nos Madre Teresa:

«Falei muito, muito pouco, limitei-me a lavar algumas feridas, fiz alguns curativos, dei medicamentos a alguns. (...) Depois fomos para Bazar de Taltala, onde encontramos uma mulher muito pobre a morrer julgo de fome mais do que tuberculose. Tanta pobreza. Tanto sofrimento a sério. (...) Pediu algumas vezes a confissão e a Sagrada Comunhão»<sup>141</sup>.

Cada dia que passava nos bairros de lata era um desafio para ela, mas apesar dos sofrimentos e de algumas vezes sentir uma vontade de voltar para o conforto que tinha em Loreto, Madre Teresa continuava a seguir o caminho que o Senhor lhe tinha pedido: estar ao pé dos que nada têm e dos que sofrem mais. Diz-nos Madre Teresa: «Chamam-

---

<sup>139</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 21.

<sup>140</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 142.

<sup>141</sup> Registo dos Primeiros Dias, escrito entre 21 e 23 de Dezembro de 1948. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p 143.

me “Irmã dos birros de lata”, e sinto-me muito satisfeita por ser apenas isso, por seu amor e para sua glória»<sup>142</sup>.

Com toda esta realidade que a rodeava, Madre Teresa já andava pelo bairro de Motijhil enquanto falava com mães e mulheres sentadas no passeio, e ensinava algumas crianças o pequeno alfabeto, dando uma pequena educação àquelas pessoas. O aumento de crianças era todos os dias notável, pois a recitação e a escrita do alfabeto já ecoava naquele bairro.

Madre Teresa procurava uma casa para poder aí começar a dar o auxílio necessário aos que mais necessitavam, sem ser na rua ou no lixo, e procurou durante dois meses, até que um dia o padre Julien Henri<sup>143</sup> conseguiu arranjar um pequeno piso de uma casa de um professor indiano, Miguel Gomes, a quem Madre Teresa tinha ensinado no colégio de Loreto a sua filha.

Muita gente ao ver este trabalho notável que Teresa fazia começou também a ajudá-la, trazendo dinheiro. Já tendo alguns voluntários e porque os pobres já eram em número elevado Madre Teresa, pediu à Virgem Maria que lhe enviasse seguidores. Alunas suas em St. May’s interessaram-se pela obra e pela missão. No dia 19 de Março de 1949 – dia de São José – Subashini Das<sup>144</sup>, uma das suas antigas e melhores alunas no colégio, veio juntar-se a Madre Teresa, sendo que se lhe seguiram mais candidatas, perfazendo um total de doze raparigas, que eram de famílias de classe alta e com bastantes bens monetários. Estas raparigas tinham por direito familiar, uma vida boa no futuro e poderiam casar-se com alguém da sua condição. Com esta nova vida elas, estariam a §violar as leis da sua casta, pois irem ao encontro dos que mais necessitam e de outras castas inferiores, não era muito bem visto pelos familiares e pelas pessoas da cidade.

Como o tempo que a Santa Sé lhe concedeu estava a acabar, Teresa de Calcutá escreveu à Santa Sé pedindo um prolongamento, mas não teve resposta, cabendo então ao Arcebispo Périer pedir à Santa Sé uma renovação do tempo. Esta acabou por

---

<sup>142</sup> Diário da Madre Teresa, 24 de Janeiro de 1949 (daqui em diante, Diário). Foi o Arcebispo Périer quem lhe ordenou que procedesse a este registo dos eventos, que foi escrito entre o Natal de 1948 e 11 de Junho de 1949. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 144

<sup>143</sup> Este padre católico era o pároco da paróquia que Madre Teresa frequentava.

<sup>144</sup> Aquela primeira seguidora foi a que, quando teve de mudar de nome para professar como Missionária da Caridade, escolheu o nome de batismo da fundadora: Agnes. Gozou sempre de uma grande confiança por parte de Santa teresa, de quem permaneceu muito próxima durante toda a sua vida e da qual foi a principal colaboradora em várias missões. Ela foi, por exemplo, ao longo de muitos anos, a primeira diretora de Nirmal Hriday. E foi também uma das únicas Missionárias da Caridade que Santa Teresa quis levar consigo para Oslo, quando recebeu o Nobel da Paz, em 1979; cf. GONZÁLEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 46, nota n.º 16.

acontecer. Em 1950 Teresa de Calcutá escreve a Pio XII a solicitar a aprovação da nova congregação com intuito diocesano. Com a crescente adesão, de antigas alunas de Irmã Teresa, a esta nova missão, quem não se contentava com esta situação e com este espécie de ideal era a sua antiga comunidade de Loreto. O apoio que Madre Teresa recebera inicialmente das suas antigas companheiras de Loreto foi travado pela sua Superiora Geral<sup>145</sup>.

No dia 7 de Outubro de 1950, dia que é dedicado a festa da Nossa Senhora do Santo Rosário, o Arcebispo Périer instituiu oficialmente a Sociedade das Missionárias da Caridade, com a autorização da Santa Sé<sup>146</sup>. Para a fundação da nova sociedade houve a criação das regras por parte de Madre Teresa, com que o Arcebispo Périer proclamou solenemente<sup>147</sup>. A Congregação tinha como padroeira o Coração Imaculado da Bem-Aventurada Virgem Maria, tendo também como objetivos: saciar a sede de Jesus Cristo pelas almas e pelos votos de Pobreza Castidade e Obediência, mas existia um que só é feito pelas irmãs de que tinham de oferecer, dedicando-se com generosidade ao cuidado dos outros.

O trabalho que elas faziam era de uma extrema exigência, tendo de percorrer grandes quilómetros e muitas vezes de passar fome até para dar aos que mais necessitavam. Madre Teresa não queria excluir este sofrimento dela, nem das raparigas que a seguiam, dizendo muitas vezes: «Agarre a oportunidade de oferecer qualquer coisa a Jesus»<sup>148</sup>. Havia dificuldades porém Madre Teresa não se deixava desencorajar, até dava mais ânimo às suas jovens. Como nossa Senhora era a sua companhia, andava sempre com um terço na mão dizendo:

«Somos ensinadas a amar e a rezar o Terço com grande devoção; sejamos muito fiéis a este primeiro amor – pois ele nos permitirá aproximarmo-nos da nossa Mãe Celestial. A nossa regra exige-nos que nunca vamos para os bairros de lata sem termos primeiro recitado os louvores da Mãe; é por isso que temos de rezar o Terço nas ruas e nos buracos sem luz dos bairros de lata»<sup>149</sup>.

A 11 de Abril de 1951, o primeiro grupo de irmãs realizam o noviciado como Missionárias da Caridade, um grande acontecimento pois crescia aí uma nova forma de progresso espiritual nelas.

---

<sup>145</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 148.

<sup>146</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 148-149.

<sup>147</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 149.

<sup>148</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 151.

<sup>149</sup> TERESA DE CALCUTÁ – Explicação das Constituições Originais. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 152.

Como referimos acima, havia acusações e rumores contra a nova fundação da congregação de Madre Teresa. Estas acusações deixavam Madre Teresa desconfortável e incomodada, contudo ela sabia que era o desejo de Deus de saciar a sua sede com as almas dos que mais precisavam. Madre Teresa sentia que o objetivo das Missionárias da Caridade era a procura da santidade, era com isto que ela tentava instruir as outras irmãs, numa relação profunda e enraizada em Deus. O serviço era o meio para atingir o objetivo de levar Jesus Cristo aos demais, com o sorriso<sup>150</sup>, um fator vital para comunicar esse amor de Jesus Cristo.

Com as cerca de vinte irmãs a fazerem o trabalho que era essencial, Teresa de Calcutá percorria a cidade para atender as necessidades que aí se faziam sentir dos mais pobres, onde muitas vezes encontrava pessoas já em estado terminal deitadas na rua. Os hospitais não aceitavam estas pessoas desamparadas em estado final da sua vida. Como os Hospitais não atendiam estas pessoas, Teresa começou a procurar uma casa onde elas fossem tratadas com dignidade e com cuidado necessário para aí acabarem os seus dias. A câmara de Calcutá colocou então à disponibilidade das Missionárias da Caridade um dos seus abrigos, para os peregrinos do tempo de Kali<sup>151</sup>, ao qual Teresa de Calcutá viria a chamar-lhe Nirmal Hriday<sup>152</sup>, que em Bengali significa “Coração Puro”, em homenagem ao Coração Imaculado de Maria. Era pois aí nesse sítio que as irmãs levavam os moribundos que necessitavam de ajuda, para terem um serviço de cuidados médicos.

Em 1952, o terceiro andar da casa onde estavam da família Gomes começou a tornar-se muito pequeno para tantas pessoas, o que fez com que a fosse necessário encontrar uma casa maior<sup>153</sup>. O arcebispo Périer também ficou a par desta notícia e incentivou os padres Julien e Celeste Van (o diretor espiritual) a ajudarem a procurar uma casa maior. Foi então que encontraram uma outra casa, perto da casa dos Gomes, na rua Lower Circular Road, 54-A<sup>154</sup>, que era de um ex-funcionário de justiça que era Muçulmano e que ao saber para que intenção se designava fez um preço generoso para a causa. Em Fevereiro de 1953 acabariam por se mudar para essa mesma casa, que ainda hoje é designada como a casa mãe da congregação.

---

<sup>150</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 32.

<sup>151</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 155.

<sup>152</sup> Cf. PANI, Giancarlo – Madre Teresa di Calcutta: La canonizzazione di una Missionaria della Carità. *La Civiltà Cattolica*, n.º 3989 (2016) 425.

<sup>153</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 158.

<sup>154</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 34.

## 2.5.- O trabalho em (com)paixão e amor

Andando pelas ruas de Calcutá, um dia Teresa de Calcutá encontrou uma mulher que estava deitada no chão onde tinha sido desgastada pelas ratazanas, e as pessoas que passavam por ela não lhe dirigiam nenhum afeto, nem um carinho, deixando-a morrer ali sozinha. Ao ver este acontecimento Madre Teresa colocou-a aos seus ombros e levou-a ao hospital que estava mais perto, mas o pessoal do Hospital recusou-a e não queria dar mais um lugar no mesmo. Acabou por morrer nos seus braços<sup>155</sup>. Este é um exemplo de vários casos em que nada pode fazer por algumas pessoas. Alguns deles eram pessoas em estado terminal e para lhes dar uma morte mais digna, acabava por leva-los para o Nirmal Hriday.

Os primeiros tempos em Nirmal Hriday não foram fáceis, pois as pessoas atiravam pedras às missionárias<sup>156</sup> quando estas levavam alguém para a casa. Os contemporâneos achavam que elas estavam a perturbar a invadir o território Indiano, pois estavam a levar pessoas que não eram consideradas daquela pequena comunidade. Os próprios sacerdotes da deusa Kali queriam matar Madre Teresa, porém desistiram ao verem o que acharam de impensável. Um dia Teresa de Calcutá vendo um dos jovens sacerdotes deitado no chão com uma doença incurável<sup>157</sup> pegou nele, levou e tratou, podendo morrer em paz. Ao depararem-se com este acontecimento, muitos disseram que nesse dia tinham visto a própria Deusa Kali em pessoa<sup>158</sup> e a situação mudou, sendo que os próprios sacerdotes tornaram-se aliados destas irmãs e até os próprios hindus peregrinos levavam presentes.

Santa Teresa refere numa expressão sua: «Na escolha das obras não existiu planificação nem projeto algum. Pusemos em andamento cada uma das novas iniciativas à medida que fomos sentindo interpeladas pelos sofrimentos das pessoas ao nosso redor. Foi Deus que nos foi mostrando gradualmente o que queria que realizássemos»<sup>159</sup>, sendo que este plano não teria dado grandes resultados se fossem atividades pensadas anteriormente. Estas faziam mais sentido serem da forma como Deus queria que fossem. Todos mereciam a especial atenção da Madre Teresa e das suas colaboradoras, mas sabemos que primeiramente as crianças do bairro de Motijil

---

<sup>155</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 50.

<sup>156</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 39.

<sup>157</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 52.

<sup>158</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 53.

<sup>159</sup> GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 55.

foram as primeiras a serem “abraçadas” pela generosidade e grandeza do coração desta mulher tão excepcional.

Com as aulas ao ar livre, sobre a relva, ensinava necessidades essenciais tais como: lavar a boca, tomar banho, noções de religião, de tudo um pouco sobre o cuidado da pessoa em si. Com o tempo foi descobrindo que várias crianças não tinham familiares, eram crianças abandonadas, outras que aprendiam a roubar para outras pessoas, descobrindo igualmente que muitos pais, familiares deixavam as crianças na rua, pois os seus progenitores acabariam por morrer nas ruas, nas valetas ou até mesmo em Nirmal Hriday<sup>160</sup>, ou até mesmo as mães que tinham filhos de outros homens e não poderiam voltar à sua família.

Tudo isto era um grande “murro” no estômago de Madre Teresa, o que a fez pensar e criar, para além das outras atividades que já tinha, o Shishu Bhavan em 1955, o primeiro lar de crianças desfavorecidas<sup>161</sup>, acolhendo crianças que se encontravam nas ruas a chorar, ao pé dos pais mortos<sup>162</sup>. Uma das grandes características desta casa era o facto de ser próxima da Casa-Mãe em Lower Circule. Com o grande expandir da palavra acerca dos fins que esta casa se destinava, muitos polícias, assistentes sociais e até mesmo pais levavam crianças para aquela casa, pois sabiam que lá elas teriam o amor de alguém, o aconchego de alguém. O carinho estava sempre presente para todos, a sede que Deus tinha começava a ser saciada aos poucos. Muitas pessoas disseram que uma boa solução para o grande crescimento da população na Índia era o aborto, contudo Madre Teresa foi sempre contra este princípio, «para ela, cada criança é Cristo Menino. A sua destruição pelo aborto deve ser em absoluto encarada como uma crucifixão»<sup>163</sup>.

Num país tão grande é normal que haja uma grande diversidade de doenças e de perigos. Madre Teresa constatou com o número de leprosos que aí existia era devido ao facto de ser uma espaço sobrelotado e de ter condições precárias tais como: a fome, a falta de higiene, a falta de ajuda médica. Com este acontecimento a tornar-se tão importante e impotente para muitos, Teresa de Calcutá iniciou uma iniciativa a que se lhe chamam de clínicas ambulantes. Tratava-se de uma assistência que ia ao encontro das necessidades das pessoas que tinham a doença. Estas chamadas clínicas ambulantes foram uma oportunidade de oferecer uma assistência médica a essas pessoas que ninguém as queria por perto, que viviam isoladas e ou afastadas das suas próprias

---

<sup>160</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 41.

<sup>161</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 41.

<sup>162</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 57.

<sup>163</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 45.

famílias. Certo tempo depois teve leprosarias permanentes, sendo uma das mais conhecidas a de Shanti Nagar<sup>164</sup>, uma cidade para aqueles que ninguém queria. Uma ajuda bastante importante para estas obras foi a da venda da limusine do Papa Paulo VI que lhe tinha oferecido em 1964 por uma visita à Índia<sup>165</sup>. Com a importância recebida do Prémio Nobel, mandou construir mais cidades para os leprosos.

## 2.6.- A obra continua pelo mundo inteiro

Durante os primeiros anos da fundação da Congregação das Missionárias da Caridade, o trabalho com os que mais precisavam estava restrito às delimitações de Calcutá, pois se se queria alargar a congregação para outras partes da Índia ou para outros lugares fora deste país, tinha-se de esperar cerca de 10 anos. As leis do direito Canónico proibiam a instalação de mais casas fora de Calcutá. Passados os 10 anos e depois de ter feito um pedido ao papa para que a congregação (estando ainda como “experiência” diocesana<sup>166</sup>) sofresse uma passagem para o direito pontifício, no dia 1 de Fevereiro de 1965<sup>167</sup> foi aprovado o seu pedido e assim a Congregação das Irmãs da Caridade poderiam sair para outros locais, como Continentes e cidades.

No dia 26 de Julho de 1965 inaugurou a primeira casa fora da Índia, em Cocorote, na Venezuela<sup>168</sup>, sendo esta a primeira de muitas. Na Índia foram criadas várias casas em Delhi, Ranchi entre outras cidades, todas estas pedidas pelos bispos titulares dessas cidades. Surgiram casas em diversos países como, Austrália, Itália, Jordânia, no México, em Guatemala, abrindo em países comunistas como Cuba e até Roma, onde o pedido foi feito pelo próprio Papa, entre outros. A congregação crescia cada vez mais rápido devido ao facto de a bondade e a compaixão pelos que mais necessitam era a chave para a edificação da congregação. A boa vontade, o amor que as irmãs transmitiam às pessoas era o verdadeiro amor que Deus quer e queria transmitir. A rapidez com que a congregação crescia era notável, as Missionárias da Caridade conseguiram abranger todos os aspetos da vida tais como: Clínicas para tuberculosos, clínicas para assistência a mulheres grávidas, clínicas para leprosos, lares para crianças abandonadas, etc.<sup>169</sup>

---

<sup>164</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 49.

<sup>165</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 61.

<sup>166</sup> Cf. GONZÁLEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo*, p. 58, nota n.º 24.

<sup>167</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 12.

<sup>168</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 12.

<sup>169</sup> Cf. SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 61.

Com o passar dos anos a “família” de Santa Teresa ia ficando maior, com diversos ramos a aparecerem através de vocações. Em 1970 Madre Teresa inaugura uma sede de noviciado das Missionárias da Caridade em Londres, funda os Irmãos Missionários da Caridade, fundou um ramo contemplativo, entre outros. Com a rápida propagação do nome e das casas, começaram a aparecer também os mais variados prêmios e a fazerem-se manchetes de jornais com a figura da Madre Teresa.

O mundo começou a conhecê-la e a mostrar simpatia por aquilo que via nela em favor dos outros. Em 1971, em Roma, Teresa recebe o prêmio pela Paz, a ela conferido por Paulo VI. Nesse mesmo ano receberia nos Estados Unidos o prêmio do Bom Samaritano, o prêmio Internacional John F. Kennedy, e foi-lhe conferido o doutoramento em Direito, e o semanário “Time” dedicou-lhe uma capa. Um dos prêmios mais ilustres que se possa ter em conta, não desfazendo os outros, foi o de uma Irmã receber em 1979 no dia 17 de Outubro o Nobel da Paz em Oslo<sup>170</sup>, onde no começo do seu discurso começou com uma oração a São Francisco de Assis. No seu discurso teve presente os pobres e os mais necessitados, bem como as pessoas que davam o que tinham. Diz-nos no seu discurso:

«Eu escolhi a pobreza dos mais pobres (...) Mas estou feliz por receber esse prêmio Nobel em nome dos esfomeados, dos sem-abrigo, e de quem não tem que vestir, dos leprosos. (...) Os pobres sabem ensinar-nos coisas maravilhosas. São pessoas maravilhosas. Uma tarde, recolhemos quatro pessoas da rua. Uma delas, uma mulher, estava em condições terríveis. (...) Pegou-me na mão. Disse apenas: “Obrigado!” e , a seguir morreu. (...) Há anos, em Calcutá, houve uma grande penúria de açúcar nas nossas casas. A notícia espalhou-se e uma criança de quatro anos disse aos pais: “ Não comerei açúcar durante três dias. (...) Três dias depois os pais trouxeram o açúcar»<sup>171</sup>.

## 2.7.- Os últimos momentos

As duas últimas décadas da vida da Madre Teresa foram de um período de grande atividade, apesar da saúde se deteriorar. Em 1983 fez uma viagem a Roma e caiu de cama e foi hospitalizada, sendo-lhe diagnosticado uma agrave deficiência no coração. Embora tivesse recuperado, começaram-lhe a faltar as forças que tinha antes. A partir de um certo tempo não conseguia deixar de ter dores ou de estar doente, contudo permanecia ativa e cada vez mais decidida no que fazia, sendo que o quarto voto que fizera era sempre cumprido: o de dar o serviço gratuito e dedicado aos mais pobres<sup>172</sup>. Em 1989 os médicos colocaram um pacemaker para lhe corrigir uma arritmia produzida

---

<sup>170</sup> Cf. ALLEGRI – *A mãe de Calcutá*, p. 129.

<sup>171</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 130.

<sup>172</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 306.

pelo bloqueio de uma artéria. Por volta de 1985 Madre Teresa expressou o desejo de ser a superiora geral, contudo esses não eram os planos de Deus para o que lhe restava da sua vida.

Em 1986, a 3 de Fevereiro, Madre Teresa recebe em Nirmal Hriday o Papa João Paulo II, aquando da sua visita a Calcutá, onde o papa vê o que é realmente o dar de si aos outros, através do empenho que constata das Missionarias da Caridade<sup>173</sup>. Depois desta visita houve uma comunhão entre os dois nunca antes vista, nasceu uma amizade própria dos dois.

Em Dezembro de 1991, a poucos dias do Natal, estando em Tijuana (no México) sofreu uma pneumonia. Em 1993 estando em Roma escorregou e partiu três costelas. No ano de 1996 no dia da festa da congregação teve uma convulsão e foi transportada para uma clínica. Aí esteve internada vários dias, o que fez com que houvesse uma grande apreensão acerca do seu estado de saúde. Por causa disso, as crianças do Shishu Bhavan pediram um milagre, pois no dia 27 de agosto quatro dias depois de estar internada, Teresa de Calcutá faria oitenta e seis anos, e de facto aconteceu esse milagre com grande alegria<sup>174</sup>.

Nos últimos anos da sua vida a correspondência não passava de pequenas notas devido ao seu estado de saúde. Apesar de todos estes problemas que recaiam sobre ela, Teresa de Calcutá, nunca deixou de pensar e de trabalhar para os outros, o ir mais além por aqueles que não tinham nada era o que a fazia mover. Ela queria saciar a sede que Jesus Cristo tinha das almas que mais necessitavam. Não se podiam deixar ao abandono e era preciso ir ao encontro (cf. *Mt.* 25,35-36) como se encontram nas obras de misericórdia. Madre Teresa aceitava todos os seus sofrimentos<sup>175</sup> pois ela sabia que isso lhe traria a consolação e a alegria. Em 1997 pouco antes de morrer, a Irmã Nirmala<sup>176</sup> foi eleita para lhe suceder. Em Maio desse mesmo ano fez uma viagem a Roma, Nova Iorque e Washington D.C., mesmo indo contra os conselhos médicos. Quando regressou a Calcutá comentou com uma amiga “o meu trabalho está concluído”. Estava radiante com todo o trabalho que tinha feito, e toda a vida oferecida a Deus, para saciar a sua sede, a compaixão que dela brotava para o mundo.

---

<sup>173</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 131.

<sup>174</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 235.

<sup>175</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 325.

<sup>176</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 15.

Durante os primeiros dias da congregação até ao final da sua vida, Teresa tinha cumprido a sua promessa de não recusar nada a Jesus, e instruiu os que a seguiam para fazerem o mesmo, viver e oferecer a sua vida sem reservas<sup>177</sup>.

Um dos sacerdotes Missionários da Caridade que ela fundara recordou:

«À medida que se aproximava do final da vida, quando se dirigia a nós, percebia-se no que dizia que tinha uma ânsia (sede) por estar com Jesus, uma ânsia de “ir para casa, para Deus”. Se alguém lhe pedia: “Madre, não nos deixe. Não podemos viver sem si”, ela respondia apenas “Não se preocupem. A Madre poderá fazer muito mais por todos quando estiver no céu”»<sup>178</sup>.

No dia 5 de Setembro de 1997, à noite Madre Teresa queixou-se de uma dor forte nas costas, o que lhe provocou o não conseguir respirar. As irmãs assustadas fizeram tudo para ajudar, chamaram um médico e um sacerdote. Sem que fosse algo que se espera-se, deu-se um apagão e as casas ficaram sem luz. Os primeiros socorros não puderam valer de nada, pois com a falta de corrente não havia a possibilidade de ligar o ventilador para ajudar na respiração. Às 21:30, faleceu a mulher que tanto deu àquele país, cidade e ao mundo<sup>179</sup>.

A Índia como país que é, reservou-lhe um funeral de estado estando presentes vários presidentes, monarcas e primeiros ministro do mundo inteiro. A celebração foi presidida pelo cardeal Ângelo Sodano que era o Secretario de Estado do Vaticano. O seu túmulo encontra-se em Calcutá na Casa-Mãe.

João Paulo II dois anos após a morte desta mulher admirável, abriu o processo de sua beatificação<sup>180</sup>, que por norma só se pode abrir cinco anos após a morte por direito canónico. Na sua homília João Paulo II chamou-lhe “ícone de Boa Samaritana”. O milagre que deu para o avanço da beatificação foi o de uma senhora chamada de Mónica Bersa, atingida por um tumor. A celebração da sua beatificação foi vista por mais de 300 mil pessoas na praça de São Pedro. No ano de 2008 verificou-se outro milagre por interseção da Madre Teresa: um jovem brasileiro que tinha vários obsessos no cérebro, precisava de ser urgentemente operado e de um momento para outro não foi preciso.

No dia 17 de Dezembro de 2015 o papa Francisco deu o seu aval para a canonização de Madre Teresa, tendo esta sido proclamada Santa da Igreja Católica Romana no dia 4 de Setembro de 2016<sup>181</sup>.

---

<sup>177</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 331.

<sup>178</sup> Testemunho do Padre Gary. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 332.

<sup>179</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 332.

<sup>180</sup> Cf. GONZALEZ-BALADO – *Santa Teresa do mundo inteiro*, p. 239.

<sup>181</sup> Cf. ALLEGRI – *A Mãe de Calcutá*, p. 135.

## Capítulo 3: A compaixão pelos demais ao longo de uma vida

«Finalmente, tende todos a mesma atitude, sede compassivos, cheios de amor fraterno, misericordiosos e de espírito humilde. Não pagueis o mal com o mal, nem o insulto com outro insulto; pelo contrário, abençoai, porque para isso é que fostes chamados, isto é, para serdes herdeiros da bênção» (IPd. 3,8-10)

podemos fazer e o que pensamos sobre a compaixão? Será que só alguns têm este dom? Será que somos merecedores da compaixão dos outros ou da misericórdia em que somos envolvidos? As ações que temos durante a (nossa) vida, refletem muito aquilo que somos.

Neste último capítulo teremos uma demonstração de ações por parte da Madre Teresa que fizeram com que ela seja considerada, hoje, a “imagem da compaixão”, mulher de dar e não de receber.

Muitas vezes ausente de expressão, o entrelaçar da compaixão com a misericórdia torna a participação para com o outro muito mais ativa e significativa, um caminho de entrega total ao próximo, ainda que isso implique sofrer com ou por ele.

Uma obra de misericórdia que muitos devem centrar na sua vida e que devem fazer dela um exemplo, como foi para Madre Teresa de Calcutá, que como vimos no capítulo transato, deu o que de melhor tinha, a compaixão e a misericórdia, traduzida em amor. Este amor expressado pela compaixão, foi tal, que a própria palavra reclama por si só algo de que o Mundo necessita, um Mundo onde aqueles que mais precisam a tenham através das ações ou das palavras de outros.

### 3.1.- O sentido da compaixão

A compaixão muitas vezes por nós entendida, não têm o verdadeiro valor cristão a que está sujeita. A pessoa compassiva não sensibiliza porque se mostra aos outros, mas porque sente no seu íntimo as necessidades do outro. Acima de tudo o sujeito que nutre a compassividade não se interroga acerca do “quem” mas sim do “que”. A compaixão está, como referimos, intrinsecamente ligada ao amor e ao perdão. Este amor marca a afeição, a proximidade para com o outro. Assim, a pessoa que vive ao lado do seu próximo, numa ligação de frente-a-frente com, não se limita nem parte de si, mas sim do outro. Para Madre Teresa de Calcutá esta ação obteve na sua vida uma

importância inestimável, pois foi um dos grandes valores e pilares incutidos pela sua família, em especial pela sua mãe. O “projeto” de ajuda, aos que mais necessitavam na Índia, influenciou e marcou a vida dela, sendo que Madre Teresa nunca deixou de lado as outras características que a defendiam, tais como a bondade e a simpatia, entre outras.

Ao longo da toda a vida, Teresa de Calcutá sempre optou pelos mais pobres, pelos mais desfavorecidos, pois neles reconhecia o rosto de Cristo. Podemos confirmar e realçar que a compaixão é o compreender o outro, ter preocupação pelo outro que está ao seu lado, pelo seu amigo, ou pela pessoa que vê à sua frente, mesmo sem o conhecer. É importante mostrar ao outro que há alguém com ele que é amigável e que com ele se importa de verdade, que o ouve nos momentos de maior necessidade e trágicos que a vida trás consigo.

Etimologicamente a palavra compaixão vem de uma dupla origem, sendo que no latim se diz *miseratio*, que significa aquele que é digno de compaixão. Logo a *miseratio* traduz uma ação de acompanhar o drama que o outro vive. Esta definição deve ser completada com a participação no sofrimento do outro, na medida em que é diferente desse sofrimento, pois a compaixão não é sinônimo de identificação com as emoções do outro, mas sim com a disponibilidade que tem para ajudar, procurando-a com todos os recursos possíveis.

Compaixão é perdoar aquele que o ofendeu, tal como vimos no capítulo prévio. Isto mesmo praticou Madre Teresa quando perdoou os que a ofenderam por ter ajudado um jovem Hindu, mesmo sendo de outra religião. É sofrer com o outro na sua dor ou na sua doença, é compartilhar com o outro o pão, particularmente com aquele que não tem o pão de cada dia. É atender o próximo com o coração aberto e ajudar nem que seja com uma palavra amiga. Ser compassivo é dizer e demonstrar ao outro que não está só, que se faz presente para o apoiar e ajudar, pois sem isso o Mundo seria um lugar solitário e violento.

É interessante constatar que ao longo da vida devemos alicerçarmo-nos em 3 etapas, segundo Madre Teresa: VER, ACOMPANHAR, e FAZER. Tendo estas etapas presentes é possível que se caminhe com uma maior força e uma maior segurança para ajudar o outro. Todas estas etapas apresentadas tem em seu fundamento no dar em vez do receber. Assim a compaixão é fruto de uma “entrega” ao outro o que de melhor pode dar. O ato de ver o outro numa situação menos agradável, leva a que o nosso sentido e a nossa vivência cristã levem ao de cima a nossa prática cristã de ver no outro o melhor

que conseguimos, isto é, o ajudar, o amor com que se faz. Num segundo momento temos o acompanhamento com que se faz este caminho com o outro através das alegrias – «Há mais alegria em dar do que receber» (cf. *Act.* 20,35) – ou até do sofrimento a que possa estar sujeito no seu quotidiano. Por fim no fazer, no agir, se define o ser cristão, que dizer, o modo como devemos dar o exemplo, mostrar que a compaixão é viver com o outro a sua situação concreta, fazer como Cristo fazia, o encher-se de compaixão pelas pessoas.

A compaixão leva-nos ao amor, e se nesse amor temos Deus<sup>182</sup> então amamos o outro como se ama a Deus: «Se alguém disser “Eu amo a Deus”, mas odiar o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?» (*1Jo.* 4,20). Neste amor que se tem pelo outro, nutre o amor por Deus pois é através da compaixão pelo outro que se encontra Deus. O amor revestido da compaixão não se pode considerar meramente um sentimento<sup>183</sup>, uma espécie de semente que temos dentro de nós mas que não cresce. Os sentimentos são pequenas “candeias” que podemos controlar, acender, são o que pode vir e ir ao mesmo tempo. Contudo não é nestes sentimentos que se encontra a totalidade do amor. O verdadeiro encontro deste amor acontece quando nos encontramos com o outro, sempre que temos dentro de nós a crescer “este fogo de amor”, dando-nos alegrias que nascem e são encontrados através da experiência de ser amados e acolhidos<sup>184</sup>.

A compaixão, perspectivada neste amor pelos outros, se faltar é porque não há um verdadeiro contacto com Deus, pois vemos o outro e só o outro, mas não conseguimos ver que este sentimento foi-nos deixado por Jesus Cristo. Quando temos a nossa atenção voltada para o outro (a necessária disponibilidade para o outro) demonstrando o amor por ele assim somos ditos “bons” aos olhos de Deus. É deste modo que tendo a compaixão como um serviço ao próximo se abrem «os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como ele me ama»<sup>185</sup>.

O exemplo de Madre Teresa, sendo o cerne deste trabalho, leva-nos a constatar que muitos se questionaram sobre a sua capacidade de amar os outros, de os ajudar nas dificuldades da vida quotidiana. A Madre Teresa, todavia, não faltava esta capacidade de ajuda e de amor, pois tinha o amor do Senhor presente em cada eucaristia e isso lhe bastava. Amar a Deus e amar o próximo é um dos pilares fundamentais, constituem por

---

<sup>182</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est*, n.º 16: [Carta encíclica de 25 de Dezembro de 2005]. *AAS* 98 (2006) 218.

<sup>183</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est*, n.º 17. *AAS* 98 (2006) 230.

<sup>184</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est*, n.º 17. *AAS* 98 (2006) 231.

<sup>185</sup> IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est*, n.º 18. *AAS* 98 (2006) 232.

assim dizer um mandamento<sup>186</sup>. Neste sentido, a compaixão é pois um “convite” para uma participação da pessoa para com a outra, numa demonstração de amor, de ternura, de uma dádiva florida na vida do outro. É viver numa atitude de perdoar se assim se o tiver de fazer, de sofrer com o outro, de sentir-se “um-com-o-outro”, para assim perceber o que o outro necessita. A compaixão é assim um sentimento de vinculação ao outro, a partir do qual somos ligados como se fosse uma espécie de ligação Divina. De facto, o que fazemos ao outro é a Deus que o fazemos (cf. *Mt.* 25,40).

O mandamento do amor, deve fazer cair “o muro” que existe entre os que mais precisam e aqueles que tudo têm. Os que tudo têm devem sentir compaixão do amigo ou conhecido que não tem o mesmo pão para comer.

### 3.2.- A compaixão nas Escrituras

O amor que vem da compaixão é uma disposição dos atos humanos que alimenta a bondade e a misericórdia. A compaixão é pois uma forma de amor, onde podemos afirmar que é um despertar de dentro de nós, quando somos confrontados com aqueles que são mais vulneráveis, aqueles que sofrem ou aqueles que não tem uma condição humana de dignidade. A compaixão produz constantemente ações para um alívio do sofrimento. Porém as distâncias entre pessoas, tais como, geográficas ou humanas, impedem que as pessoas actuem de acordo com o que estão a sentir, com os seus verdadeiros sentimentos. Devemos afirmar que, a compaixão não se resume meramente a uma solução exclusiva do cristianismo para com o sofrimento (cf. *CdIC* 2448). Podemos encontrar uma boa explicação no texto de Lucas, a parábola do Bom Samaritano (cf. *Lc.* 10,33). Os cristãos têm razões para nutrir as suas disposições de compaixão e de amor, pois tiveram e têm um “ícone” a quem podem seguir, imitando as suas ações: JESUS CRISTO.

#### 3.2.1.- No Antigo Testamento

Temos presente que a misericórdia de Deus é uma opção gratuita, sem se dar nada em troca (cf. *Ex.* 33,19) e é dada com ternura como a compaixão da mãe (cf. *Isaías* 49,15) ou de um pai (cf. *Os.* 11,8) por um filho. Ao longo dos textos do Antigo Testamento vemos que o povo têm a esperança de que Deus se compadeça deles, pois eles são um povo desobediente e esperam que através da Sua compaixão possa

---

<sup>186</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est*, n.º 18. *AAS* 98 (2006) 232.

desaparecer a sua raiva<sup>187</sup>. A compaixão de Yahweh está enraizada na aliança com o seu povo eleito (cf. *2Rs.* 13,23) que se concretiza numa esperança para o futuro (cf. *Is.* 49,13) onde se enraíza a compaixão de Deus.

Temos presente que os atos compassivos fluem de pessoas com compaixão, que são compassivas, que tem amor no seu coração, isto é, não ficámos supressos por vermos tal ação a ser realizada pois sabemos que essa compaixão vem e é constitutiva da presença de Deus no seu povo, nas pessoas. O Senhor é misericordioso e compassivo, são estas expressões que nos ecoam nos ouvidos e que perpassam através dos tempos, através da tradição cristã<sup>188</sup>. Ao longo das escrituras temos presente momentos de Deus para com o seu povo, momentos esses de compaixão, de amor. A compaixão de Deus era essencial para a conservação da aliança com o seu povo, e por isso o povo o louvava com hinos e salmos (cf. *Sl.* 78,38; 86,15).

Sabemos que a compaixão não é um ser humano que possamos ver ou sentir, sem deixar, porém, de ser encarnada: é uma atitude, uma forma de vida que nos foi deixada por Jesus Cristo através das suas palavras, dos seus atos e afetos para com os outros.

### 3.2.2.- No Novo Testamento

O Novo Testamento continua a falar de Deus como sendo compassivo e amável. A compaixão de Deus é demonstrada no ministério de seu Filho para e com o seu povo<sup>189</sup>. A compaixão estende-se para e através das multidões que não têm quem as proteja (cf. *Mt.* 9,36), para as pessoas doentes (cf. *Mt.* 14,14)<sup>190</sup>, para com os famintos (cf. *Mc.* 8,2) e com os cegos (cf. *Mt.* 20,34). Temos vários momentos nos textos onde encontramos a palavra compaixão, tal como em Lucas, onde nos é apresentado o episódio do filho pródigo, onde o pai espera pelo seu filho, e quando o vê ainda ao longe fica cheio de compaixão e vai ter com ele abraçando-o e beijando-o (cf. *Lc.* 15,20). Nesta parábola atestamos o sentido profundo da palavra compaixão: o dar-se ao outro através do amor, mesmo que se tenha tomado outro caminho. Deus tem compaixão de nós e aceita-nos mesmo quando nos afastamos dele e a ele voltamos, pois é um pai que se compadece dos seus filhos queridos.

---

<sup>187</sup> Cf. PIKAZA, Xavier – *Compasión*. In IDEM – *Gran Diccionario de la Biblia*, 2ª ed. Navarra: Verbo Divino, 2015, p. 240.

<sup>188</sup> Cf. PIKAZA, Xavier – *Compasión*, p. 240.

<sup>189</sup> Cf. PIKAZA, Xavier – *Compasión*, p. 241.

<sup>190</sup> Cf. PIKAZA, Xavier – *Compasión*, p. 241.

Nós os crentes, aprendemos e refletimos sobre a compaixão através de exemplos e de exortações. Somos um pouco como Tomé, que só acreditamos quando vemos, contudo sendo cristãos temos de viver e sentir sem ver fisicamente com os nossos olhos. Imitar Cristo levou a que muitos tivessem e ainda possam ter uma vida de compaixão exemplar, uma compaixão vivida como Madre Teresa de Calcutá, entre outros. A compaixão é amor que se dá e não se espera nada em troca. As escrituras também exortam aos crentes e não crentes a viverem uma vida de compaixão no aspecto integral das suas vidas (cf. *Col. 3,12*).

A compaixão precisa de ser nutrida, de ser praticada. Porventura se não se fizer esse esforço, então podemos dizer que a nossa fé é vã. Pelo contrário, a nossa fé funda-se nesta compaixão, neste carinho, amor pelos outros. Ora, se isto não for “trabalhado” podemos cair numa resposta falta de amor, num sentimentalismo superficial e vão<sup>191</sup>. Se este amor não for trabalhado diariamente e dado gratuitamente, então podemos acabar por nos tornarmos frios e a nossa vida deixar de ser, e ter, um laço com Cristo que morreu por nós, para nossa salvação. Não houve maior prova de compaixão/amor do que esta na vida.

### 3.3.- Compaixão lado a lado com a Misericórdia

As palavras hebraicas (*hamal* e *rachuwm*) e em grego (*splanchnisomai* e *eleêmosune*)<sup>192</sup>, são várias vezes traduzidas por compaixão, porém têm outro sentido tal como: piedade, amar e demonstrar misericórdia. É interessante analisarmos que esta última palavra – misericórdia<sup>193</sup> – é uma palavra e que se utiliza com bastante frequência nas nossas discussões.

Exploraremos um pouco mais desta ligação e desta semelhança entre estas duas palavras, que muitas pessoas pensam que têm sentidos diferentes mas que a sua “raiz” e essência são verdadeiramente iguais.

Podemos ter em conta que a compaixão na bíblia tem várias vertentes, e uma que usamos frequentemente é a palavra misericórdia, um derivado da tradução grega. A compaixão é assim um «aspecto de amor que vindo através do próximo para com a

---

<sup>191</sup> Cf. PIKAZA, Xavier – *Compasión*, p. 241.

<sup>192</sup> BAUBER, J. B. – Misericórdia. In *Diccionario de Teología Bíblica*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, Col. 658.

<sup>193</sup> Demonstramos um sinónimo de compaixão, tendo em conta que não será esta mesma palavra a que daremos foco ao longo deste capítulo, contudo a ela recorreremos, pois achamos necessário demonstrar a força que a palavra compaixão tem no seu sentido, da teologia bíblica.

carência, [impulsiona-se] para o ajudar»<sup>194</sup>. Essa disposição de vontade em ajudar por parte dos homens vem acima de tudo, e como já anteriormente mencionamos, por parte de Deus, que através da sua graça, ajuda a ultrapassar as dificuldades. É na pobreza e na necessidade que a misericórdia/compaixão vê a sua própria pobreza e necessidade, pois tanto o que dá como o que recebe, tem a mesma grandeza<sup>195</sup>.

Ao longo destes séculos temos vindo a redescobrir a compaixão e a sua importância, mas com outros nomes. A misericórdia é este bem espiritual que todos nós devemos implementar nas nossas vidas. O Papa Francisco, na sua Carta apostólica *Misericordia et Misera*, demonstra misericórdia possui pois um rosto de consolação<sup>196</sup> que está presente a todos aqueles que querem dar o melhor de si. Diz-nos o papa:

«Ainda hoje populações inteiras padecem a fome e a sede, sendo grande a preocupação suscitada pelas imagens de crianças que não têm nada para se alimentar. Multidões de pessoas continuam a emigrar dum país para outro à procura de alimento, trabalho, casa e paz. A doença, nas suas várias formas, é um motivo permanente de aflição que requer ajuda, consolação e apoio. (...) A cultura do individualismo exacerbado, sobretudo no Ocidente, leva a perder o sentido de solidariedade e responsabilidade para com os outros»<sup>197</sup>.

Neste excerto podemos comprovar que o Papa Francisco, vê a necessidade da compaixão, da misericórdia, que falta para com estas pessoas, esta gente que sofre mas que não tem ninguém ao lado delas para as apoiar e ajudar a ultrapassar as adversidades da vida. A compaixão é dada mesmo no mais profundo sentimento que se possa ter pelos outros.

A misericórdia é o amor transfigurado pela compaixão, isto é, unir-se ao outro. Um bom ponto de identificação que fazemos chegar ao de cima, são as obras de misericórdia, onde se encontra “espalhada por elas” esta binação da compaixão.

### 3.4.- Obras de Misericórdia - Vias de auxílio

É sabido que as obras de misericórdia, em parte retratadas em *Mt.* 25,31-46, são para o cristão, um “itinerário”, um projeto de vida a seguir, alicerçadas na fé em Jesus Cristo. As obras de misericórdia são pois vias de fazer o bem pelos outros e para os outros. Estas são como que “fermento” para ajudar a crescer a nossa fé, pois a elevação

---

<sup>194</sup> Cf. GENNARO, C. – Misericordia (obras de). In *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*. Barcelona: Herder, 1973, vol. 4, p. 601.

<sup>195</sup> Cf. DARLAP, Adolf – Misericordia. In *Diccionario de Espiritualidad*. Dir. Ancilli Ermanno. Barcelona: Herder, 1983, vol. 2. p. 629.

<sup>196</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 13: [Carta Apostólica de 20 de Novembro de 2016]. *AAS*. 108 (2016) 1311-1327.

<sup>197</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 18. *AAS*. 108 (2016) 1323.

do cristão. Diz-nos o Papa Francisco: «Em suma, as obras de misericórdia corporais e espirituais constituem, até aos nossos dias, a verificação da grande e positiva incidência da misericórdia como valor social. Com efeito, esta impele a arregaçar as mangas para restituir dignidade a milhões de pessoas que são nossos irmãos e irmãs, chamados connosco a construir uma cidade fiável»<sup>198</sup>.

O Papa Francisco expõe, neste excerto, que as obras de misericórdia são o sustentáculo da sociedade, pois uma sociedade que não é regida por compaixão, misericórdia, pouco pode fazer para um melhor relacionamento social. As sociedades de hoje, devem pois ter um olhar de amor para os outros, porque atualmente vivemos num mundo fragmentado pela discórdia, pelo individualismo e pelo materialismo.

«Não ter trabalho nem receber um salário justo, não poder ter uma casa ou uma terra onde habitar, ser discriminado pela fé, a raça, a posição social... estas e muitas outras condições que atentam contra a dignidade da pessoa; frente a elas, a ação misericordiosa dos cristãos responde, antes de mais nada, com a vigilância e a solidariedade. Hoje são tantas as situações em que podemos restituir dignidade às pessoas, consentindo-lhes uma vida humana»<sup>199</sup>.

Diz-nos ainda o Papa Francisco:

«O carácter social da misericórdia exige que não permaneçamos inertes, mas afugentemos a indiferença e a hipocrisia, para que os planos e os projetos não fiquem letra morta. Que o Espírito Santo nos ajude a estar sempre prontos a prestar de forma efetiva e desinteressada a nossa contribuição, para que a justiça e uma vida digna não permaneçam meras palavras de circunstância, mas sejam o compromisso concreto de quem pretende testemunhar a presença do Reino de Deus»<sup>200</sup>.

Somos chamados pois a ter um papel fundamental para uma melhor disponibilidade para os outros. Temos de deixar de parte os nossos medos e fomentar o amor, pois o que fizermos aos outros é a Cristo que o fazemos (cf. *Mt. 25, 40*)

A vida das pessoas é um bem fundamental na nossa sociedade, por isso o Papa Francisco insiste que o cristão de hoje tem de olhar o outro com misericórdia, com “os olhos de Deus”, pois só assim é possível ver o sofrimento do semelhante, quando este não atinge um “patamar” na sociedade.

«Somos chamados a fazer crescer numa cultura de misericórdia, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos, (...) temos possibilidade de criar uma verdadeira revolução cultural, precisamente, a partir da simplicidade de gestos que podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, a vida das pessoas»<sup>201</sup>.

---

<sup>198</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 18. AAS. 108 (2016) 1324.

<sup>199</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 19. AAS. 108 (2016) 1324.

<sup>200</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 19. AAS. 108 (2016) 1325.

<sup>201</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 20. AAS. 108 (2016) 1326.

Neste fragmento temos presente que somos hoje no nosso dia-a-dia chamados a participar numa comunhão com aqueles que necessitam. A base fundamental do cristianismo é o amor pelos outros, por isso é imperativo que façamos este gesto de dar ao outro, de viver com outro para uma ajuda sincera.

É interessante vermos que a misericórdia, neste caso as obras, foram uma constante na vida de Madre Teresa. A sua vida regeu-se acima de tudo através da oração, mas o contacto com os pobres foi o seu grande epicentro. O olhar da compaixão, da misericórdia sobre os pobres, gera um olhar de respeito de bondade, pois é com carinho que se olha para eles e se vê o essencial de uma vida<sup>202</sup>.

Neste ponto podemos acrescentar que a própria caridade, no sentido compassivo, é um aspecto bastante marcante, ou seja, a «caridade é a atenção ao corpo do outro»<sup>203</sup>. Veja-se: «E como o corpo é a realidade humana mais espiritual, é através do contacto com o corpo ferido, carente, sofredor, necessitado, que recriamos as condições de dignidade do homem ferido e ofendido, injuriado pela vida»<sup>204</sup>.

### 3.5.- O Rosto da Compaixão, através dos seus escritos

Madre Teresa de Calcutá, como foi referido anteriormente, teve uma vida repleta de dinamismos, como a criação da congregação, as Missionárias da Caridade, a criação de várias casas, e de diversos colaboradores que foram “aparecendo”. Ao longo do tempo, apesar da azáfama, ela nunca deixou de fazer o que lhe mais palpitava no coração, isto é, dar tudo aos outros.

A sua vida foi uma vida repleta de entrega, de paixão, de amor, de alegrias para com os que mais necessitavam. O amor não deve ser um sentimento único nem um sentimento parado, deve ser sim uma comoção que dinamiza o coração de cada um de nós. Sem amor, sem carinho, sem a compaixão a nossa vida passaria a ser uma vida obscura, onde a luz da salvação, da gratidão não chega. Devemos, pois, ter em conta estes sentimentos, dos quais o próprio Jesus Cristo nos deixou o mandamento novo de nos amarmos uns aos outros (cf. *Jo.* 15,12-13).

A compaixão pode ser vivida de várias formas, todavia na Madre Teresa a compaixão era vivida na relação com os pobres e aqueles a quem ela todos os dias disponibilizava a sua vida, num ato de entrega. Diz-nos Madre Teresa:

---

<sup>202</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Misericordia et Misera*, n.º 21. AAS. 108 (2016) 1326.

<sup>203</sup> Cf. MANICARDI, Luciano – *A Caridade dá que fazer*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016, p. 56.

<sup>204</sup> MANICARDI – *A Caridade dá que fazer*, p. 56-57.

«As palavras de Jesus – “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” – deveriam ser não só uma luz para nós, mas também uma chama destruidora do egoísmo que nos impede de crescer na santidade. Jesus amou-nos até ao fim (...). Este amor deve vir de dentro, da nossa união com Cristo. Deveria brotar do nosso amor a Deus. Para nós, amar deve ser tão normal como viver e respirar, dia a dia, até à morte. Para compreender isto e para o pôr em prática, precisamos muito de oração; da oração que nos une a Deus e se derrama continuamente sobre os outros. As nossas obras de caridade não são senão o derramamento contínuo do nosso amor interior pelo Senhor. Por isso, estará mais unido a Deus quem amar mais o seu próximo»<sup>205</sup>.

Um bom ponto de apoio e de orientação para se falar da compaixão em Madre Teresa é precisamente os seus escritos, onde poderemos ver que nesta mulher o mais pequeno gesto era como uma gota de água no oceano<sup>206</sup>, tudo servia para agradar a Deus.

Ao longo dos seus escritos encontramos variadas formas onde ela demonstra o verdadeiro sentimento que é o amor, desta compaixão pelos outros.

«Quando circulo pelas ruas, tenho a sensação de que tenho o fogo debaixo dos pés e de que todo o meu corpo arde. Quando as coisas se tornam mais difíceis, consolo-me com a ideia de que desta maneira se salvam almas e de que o meu querido Jesus sofreu muito ainda mais por elas. (...) A vida de uma missionária não é um mar de rosas, na realidade é mais um mar de espinhos; mas com tudo isso, é uma vida cheia de felicidade e de alegria, quando ela compreende que está a fazer o mesmo que Jesus fez quando esteve neste mundo, e que está a cumprir o mandamento de Jesus: “Ide e ensinai todas as nações!” [cf. Mt. 28,19]»<sup>207</sup>.

Como podemos verificar neste excerto de uma das suas cartas, Madre Teresa relata--nos que a vida não é fácil, por estar num país novo com uma densidade populacional enorme. Contudo, com a força de Jesus Cristo as situações são passadas de uma forma mais leve. A dureza do trabalho de uma missionária da caridade é a salvação de outros, e estas sofrem as dores e agonias do dia a dia, mas a alegria de Jesus Cristo está sempre com elas. A salvação das almas é o que mais importa para Madre Teresa.

«Todos os domingos vou visitar os pobres dos bairros de lata de Calcutá. Não posso ajudá-los, porque nada tenho, mas vou levar-lhes alegria. Da última vez, vinte pequenitos estavam ansiosamente à espera da “Ma”. Quando me viram, correram ao meu encontro, mesmo os que andavam ao pé coxinho. Entrei. (...) cada família dispõe de apenas um quarto, com dois metros de comprimento e metro e meio de profundidade. A porta é tão estreita que eu mal consegui entrar, e o teto é tão baixo que não me permitia ficar de pé. (...) Tudo aquilo me era muito doloroso, mas ao mesmo tempo fiquei muito satisfeita por

---

<sup>205</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 67.

<sup>206</sup> Esta foi uma expressão que Madre Teresa aplicava muitas vezes, para explicar o seu trabalho. O seu trabalho para muitos poderia parecer um pequeno grão, uma pequena gota, mas quando caído, faria sempre a diferença. O mar é mar porque é composto de milhões de litros de água. Assim a sua vida sem o pequeno trabalho que faça não se torna o mesmo.

<sup>207</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para a revista católica *Blagovijest*, Novembro de 1932. Apud KOLODIEJCHUC – *Madre Teresa*, p. 38.

ver que eles ficam satisfeitos com as minhas visitas. Finalmente, a mãe disse-me: oh, Mãe, venha ver-nos outra vez! O seu sorriso trouxe a luz do sol a esta casa!»<sup>208</sup>.

A alegria destas pessoas quando viam Teresa de Calcutá era como uma enorme bola de fogo que se lhes acendia no coração. No texto acima apresentado comprovamos que só com um simples olhar, muito se pode dar, mesmo sem levar nada consigo. O amor ao próximo não tem preço, e ver a felicidade e um sorriso no rosto dos demais, que passam por contantes privações, é o maior tesouro que se pode obter. Num outro texto, relata-nos:

«A Alegria é sinal de uma pessoa generosa e mortificada que esquecendo-se de todas as coisas, incluindo de si própria, tenta agradar ao seu Deus em tudo o que faz pelas almas. A alegria é muitas vezes uma capa que se esconde uma vida de sacrifício, de permanente união com Deus, de fervor e generosidade. Uma pessoa que tem este dom da alegria atinge com frequência um elevado grau de perfeição. Porque Deus ama aquele que dá com alegria e aproxima do seu coração a religiosa que ama»<sup>209</sup>.

Tal como este pequeno texto nos indica, a vida sem esta alegria, não passa de uma mera sombra daquilo que é viver. O dar-se aos outros e pelos outros é dos maiores fervores, sendo que tudo o que se faça, faça-se para Deus, e desta forma a vida, a tal alegria interior, é tão refrescante como uma brisa de ar fresco. Há uma necessidade de se entregar, para assim estar em perfeita união com Deus, pois ele próprio é um exemplo de entrega e de sacrifício pelo bem comum. O fazer o bem sem esperar algo em troca, vai de encontro com esta felicidade, de uma união com Deus. Madre Teresa sabia que ao levar a sua alegria àquele povo, estaria a demonstrar o seu próprio Deus, um Deus que se compadece e que tem misericórdia dos que mais precisam.

Madre Teresa utilizava muito a expressão «tenho sede» (*Jo.* 19,28), expressão esta que Jesus na hora da sua morte usou.

Nas primeiras regras, Teresa identifica uma em especial e que as Missionárias deveriam deter nos seus corações: «O fim particular é levar Cristo às casas e às ruas dos bairros de lata, aos doentes, aos moribundos, aos pedintes e às criancinhas da rua. Os doentes serão tratados, na medida em que tal for possível, em suas casas. As criancinhas terão escolas nos bairros de lata. Os pedintes serão procurados e visitados nos seus buracos, fora da cidade ou nas ruas»<sup>210</sup>.

---

<sup>208</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para a revista católica *Katolicke Misije*, 25 de Outubro de 1937. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 46.

<sup>209</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *Explicação das constituições originais*. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 52.

<sup>210</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 60.

É visível que aquando da criação e da constituição das Missionárias da Caridade, a sua principal preocupação eram e foram os pobres. Os pobres, marginalizados, as “criancinhas” são verdadeiramente os que mais necessitavam e que mais atenção tiveram do trabalho destas. O levar Cristo ao coração das pessoas, era de facto o maior objetivo destas irmãs. Vejamos:

«O trabalho das Irmãs será irem ter com as pessoas. – Não haverá colégios internos, mas haverá muitas escolas, gratuitas só até a II classe. Em cada paróquia irão duas irmãs, uma para os doentes e os moribundos, outra para a escola. Se o número assim o exigir os pares poderão aumentar. As irmãs ensinarão os pequenitos, ajudando-os a terem diversões puras para os manter longe da rua e do pecado. Todas as escolas deverão ficar localizadas nas zonas mais pobres das paróquias, para tirar as crianças das ruas, para entreter enquanto os pais, que são pobres, vão trabalhar. Aquela que se encarregar dos doentes, assistirá os moribundos, fará todo o trabalho pelos doentes, o mesmo, se não mais, que fazem pelas pessoas no hospital»<sup>211</sup>.

Como podemos testemunhar neste pequeno fragmento extraído de uma das suas cartas deparamo-nos que, para além da sua vida, também a vida das irmãs que estavam com ela detinham toda uma forma de contacto com as pessoas. As regras foram feitas, e implementadas por Madre Teresa, sendo que estas, deviam ser a entrega da existência para conosco. As suas ideias tinham de ser “transportadas” para a congregação, para assim como a seu exemplo, as suas companheiras fizessem o mesmo. A ajuda aos outros, sem discriminação, é o centro desta congregação.

Ao longo dos tempos Teresa de Calcutá, deu a sua vida, sem esperar algo em troca. Um simples sorriso do outro no qual ela acompanhava era considerada uma vitória, uma joia com valor inestimável. Não podemos afirmar que esta noção de compaixão fosse uma mudança repentina, uma transformação, mas sim uma caminhada, feita através da sua oração e do “encontro” com Cristo. Assim como Jesus se entregou por todos, ela também queria fazer da sua vida uma entrega total, sem compromissos nem complicações. Ir ao encontro dos que mais precisam, é um caminho, é um “evento”, é um transformar qualquer coração de pedra, num coração que bombeia amor.

«Entre os muitos pobres, quanto sofrem as mães, por causa dos filhos, por causa dos maridos. As minhas Irmãs hão-de cuidar-lhes dos filhos, hão-de cuidar dos doentes, dos velhos, e dos moribundos em suas casas, hão-de ensinar as jovens esposas a tornar felizes as suas famílias. Há muitos locais onde nem os sacerdotes conseguem chegar, mas uma Missionária da Caridade há-de entrar devido ao seu trabalho em todos os buracos, onde quer que exista vida humana, onde quer que haja uma alma para Jesus»<sup>212</sup>.

---

<sup>211</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Arcebispo Périer, 13 de Janeiro de 1947. Apud KOLODIEJCHUCK, – *Madre Teresa*, p. 68.

<sup>212</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Arcebispo Périer, em data anterior a 7 de Março de 1947. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 78.

É visível neste texto que Madre Teresa enviou ao Arcebispo Périer, o cuidado que as irmãs da congregação terão com as pessoas. A disponibilidade com que ela se refere e que estas terão é de uma certa forma admirável. Veja-se na forma como ela afirma que, onde os locais, onde os sacerdotes não possam ir ter com as pessoas, onde as próprias irmãs irão ter com elas. Nos buracos onde as pessoas habitavam teriam a presença e a ajuda. A misericórdia e a compaixão inundariam esses mesmos sítios, para que houvesse assim uma luz de salvação e de conforto. O sofrer, com os habitantes, as adversidades da vida é mostrar que há alguém presente, alguém que se mostra preocupado e que quer ajudar.

Numa carta dirigida ao Arcebispo Périer diz-nos Teresa: «Deixe-me partir, excelência, e entregar-me por eles, deixe-me oferecer-me a mim e a quantas quiserem juntar-se a mim por esses pobres que ninguém quer, pelas criancinhas da rua, pelos doentes, pelos moribundos, pelos pedintes, deixe-me ir aos buracos onde eles vivem e levar àquelas casas desfeitas onde habitam a alegria e a paz de Cristo»<sup>213</sup>.

De facto podemos ver que a sua entrega era total. Aquando da sua espera para poder começar aquilo que Deus lhe pediu, Teresa de Calcutá, pedia insistentemente ao seu Arcebispo que a deixasse partir para poder começar a sua demanda de entrega aos outros. Para que isto aconteça, é preciso realmente uma entrega enorme, uma paixão ardente, um coração em “chamas” para fazer algo pelos seus semelhantes. A compaixão muitas vezes, leva-nos por caminhos que parecem difíceis, ter de ajudar o outro, viver o que ele vive, experienciar o que ele experiencia, tudo isto é vivido com uma força inigualável. Madre Teresa nada rejeitava aos outros, tudo o que ela pretendia era dar vida, dar alegrias àquelas pessoas. O passar privações não era de todo um dos seus medos, era sim o de não se poder entregar ao seu povo, ser a luz daquela nação em específico.

Numa outra carta sua, relata-nos:

«Para me permitir fazer este tipo de trabalho, é necessária uma vida de oração e de sacrifício: para abordar os mais pobres de entre os pobres temos de nos tornar como eles, para atrair os pobres a Cristo, é necessária uma pobreza completa. (...) Parece-me que para servir os mais pobres de entre os indianos tenho de viver como uma indiana com os indianos, não podendo por isso, permanecer no Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria. (...) quero reunir outras almas à minha volta para fazerem o mesmo trabalho e para juntas servirmos os pobres nos seus mais humildes, mais rejeitados e mais desprezados membros. São milhões os que vivem nas cidades indianas na ignorância de Deus e de

---

<sup>213</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Arcebispo Périer, 30 de Março de 1947. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 81.

Cristo, em abominável estado de pecado. Nós os levaremos a Cristo e lhes levaremos Cristo»<sup>214</sup>.

Todo o trabalho que Madre Teresa fez foi um trabalho dedicado às pessoas e para as pessoas. Para encontrar esta força e este alento, a oração era a sua ajuda. Os seus sacrifícios foram de facto inúmeros, contudo, nunca deixava nada por fazer. Diz-nos Madre Teresa: «Para que o nosso serviço aos mais pobres não deixe de ser realmente um serviço aos pobres, deve manter-se numa base de sacrifício»<sup>215</sup>.

Nesta carta deparamo-nos com a sua ideia de que para ajudar os mais pobres, tinha de se fazer como eles, tinha de se “rebaixar” até ao pé deles. Um povo que vivia na rua, que não tinha amor e que não tinha uma mão que os ajudasse que os levantasse. Por isso Teresa precisava de ser como eles, viver como eles, sendo que tinha de sair do Instituto onde vivia. Sair do seu conforto e ir para o meio daqueles pobres. A ideia e o instinto de se tornar indiana como eles foi necessário, pois só assim poderia estar verdadeiramente com eles.

Para se realizar esta obra de fé, seria necessário a ajuda de pessoas, pessoas essas que foram as suas seguidoras, que deixaram de lado todos os seus bens, os seus pertences, para se entregarem verdadeiramente a esta causa.

O oferecimento da sua vida e das suas “seguidoras” é de facto impressionante, pois só com um grande amor é que se consegue fazer uma entrega tão íntima. Para além da ajuda essencial aos pobres, Madre Teresa levava também o que de mais lhe impulsionava fazer. Levar Cristo aos coração das pessoas era de facto um ato que só alguém tendo uma ligação tão forte a Cristo, e tendo coragem de fazer, estando ela num país, cidade onde a religião não é maioritariamente cristã, poderia ter problemas. Levar Cristo aos pobres nas suas pessoas era uma forma de estas sentirem que havia algo mais do que uma mera ajuda. Muitas vezes Teresa de Calcutá dizia que era no pobres que encontrava Cristo: «Amemos a Jesus nas suas dolorosas semelhanças. De contrário, não teria significado sermos Missionárias da Caridade. A nossa Congregação mergulha mais fundo. É Cristo esfomeado que eu alimento. No pobre está verdadeiramente Cristo»<sup>216</sup>.

Numa outra carta sua diz-nos:

«Julgo que há quem pergunte para que serve trabalhar entre os mais inferiores dos inferiores, quando, os sábios e os ricos estão aí a chegar, [de maneira que] é melhor prestar-lhes todas as atenções. Sim, eles que façam isso. (...). Se os ricos hindus e

---

<sup>214</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Cardeal Prefeito da Sagrada Congregação para os Religiosos, 7 de Fevereiro de 1948. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 127-128.

<sup>215</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade*, p. 77.

<sup>216</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ, p. 67.

muçulmanos podem ser objeto de todas as atenções e de toda a devoção de muitas freiras e padres, certamente que os mais pobres entre os pobres e os mais inferiores entre os inferiores também podem ser objeto do amor e da devoção de alguns. Chamam-me “Irmã dos bairros de lata”, e sinto-me muito satisfeita por ser apenas isso, por seu amor e para sua glória»<sup>217</sup>.

Toda a atenção tinha de ser dada aos pobres, pois foi para isso que a sua vida estava destinada. A compaixão que demonstrava pelos outros era de facto algo grandioso, pois os mais pequenos, eram os maiores para esta mulher. Uma alma que fosse salva, um outro que encontrasse e visse Cristo era como um belo encontro entre a “esposa e o marido”<sup>218</sup>.

O encontro de Madre Teresa com os outros, acabava sempre por ser uma ligação especial, pois estes encontros nunca eram demais. Nunca se cansava de dar e fazer o bem ao outro, de fazer o outro feliz. Quando andava a tratar dos seus assuntos, mesmo no início da “edificação” da congregação, ela nunca deixava de fora do seu pensamento os pobres e os infelizes, veja-se : «Quando andava por ali à procura de uma casa, fartei-me de andar até me doerem as pernas e os braços, pensei como lhes deve também doer a eles o corpo e a alma quando andam à procura de uma casa, de comida, de ajuda»<sup>219</sup>.

Todo o bem que Madre Teresa fez não era para receber em troca, era uma graça para ela poder ajudar os outros. Numa outra carta deparamo-nos com uma descrição sua:

«Lentamente com o auxílio de algumas leigas comecei a reunir as crianças de dois bairros de lata. Depois em Março juntou-se a nós a primeira jovem de Bengala. (...) Temos os dispensários onde os pobres recebem tratamentos e medicamentos gratuitos atendidos por generosos médicos católicos e hindus, que tiveram a generosidade de oferecer gratuitamente os seus serviços. Visitamos as famílias de rua em rua. Aos domingos levamos as crianças pobres dos bairros de lata à Missa. Em Maio passado começamos a dar Catequese a 26 crianças. (...) Levamos os abandonados que encontramos frequentemente nas ruas para os diferentes hospitais»<sup>220</sup>.

Nesta carta temos presente o comportamento da Madre Teresa, assim como de algumas auxiliares, na ajuda aos doentes e aos marginalizados. Todo o processo de ajuda que os doentes têm, sendo assistidos por médicos, tendo medicamentos, foi tudo pensado por ela. A ajuda é séria e honesta e tudo o que a Madre Teresa faz é com amor e compaixão, pois os seres humanos que estavam abandonados precisavam de algum

---

<sup>217</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *Diário*, 24 de Janeiro de 1949.. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 144. De notar que foi o Arcebispo Périer quem lhe ordenou que procedesse a este registo dos eventos, que foi escrito entre o Natal de 1948 e 11 de Junho de 1949

<sup>218</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 45.

<sup>219</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 145

<sup>220</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o papa Pio XII, 1 de Março de 1950. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 147.

carinho e conforto. Veja-se que as crianças eram levadas à celebração eucarística, sendo que Teresa e as auxiliares queriam que tivessem uma educação cristã, mesmo estando num país onde a maioria das pessoas eram da religião muçulmana e hindu.

É interessante ver uma carta do Arcebispo Périer onde responde a Madre Teresa e agradecendo todo o bem que a sua Congregação tem feito por todas estas pessoas que tanto precisam. «Não lhe escondo que me senti profundamente impressionado e comovido ao ver tanta miséria, mas também tanta generosidade por parte do seu pequeno grupo de religiosas. (...) Esperemos que seja uma lição duradoura de caridade para todos. Os leigos que as ajudam também são admiráveis»<sup>221</sup>.

Deparamo-nos com as palavras do Arcebispo Périer onde demonstra que a obra que Teresa de Calcutá estava a realizar estava a ser uma obra com bastante cuidado e com amor. Veja-se que Arcebispo, nos inícios desta caminhada de Madre Teresa, não acreditava que aquela ação fosse avante. Mas agora deparamo-nos, nesta sua carta antes citada, que o mesmo ficou profundamente impressionado com generosidade presente no desejo de Madre Teresa. A obra que se estava a realizar era para um bem maior, era para a “salvação” de várias pessoas. O amor que recebiam, o carinho, o compartilhar as dores, as suas tristezas, tudo isto era uma obra de compaixão, ou seja, uma obra de misericórdia, pois para o homem é necessário o outro<sup>222</sup> pois sem ajuda não consegue suportar as adversidades da vida.

Numa outra carta escrita por Teresa de Calcutá:

«Não sei se disse a Vossa Excelência que dei início a uma relação espiritual com os doentes. Cada Irmã tem um segundo eu para rezar e sofrer por ele, e as irmãs partilham as boas obras e as suas orações com ela. (...) Sentem-se tão felizes por alguém por quem sofrer (...) embora sejam cegos, coxos, tuberculosos, aleijados, cancerosos. Muitas vezes, quando o trabalho me é muito difícil, ofereço o sofrimento destes meus filhos e sinto-me imediatamente ajudada»<sup>223</sup>.

Cada relação que fazia com cada pessoa era uma relação especial. Era especial porque cada pessoa é diferente mas acima de tudo porque não ligava às suas condições. Por mais doente que estivesse, por mais suja que fosse não havia uma barreira à relação. A compaixão vê-se neste comportamento, porque não é a forma como se olha o outro que importa, mas sim a conexão que se tem com ela. É este aproximar, este ajudar

---

<sup>221</sup> Cf. FERDINAND PÉRIER – Carta para Madre Teresa, 1 de Outubro de 1952. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 155.

<sup>222</sup> MANICARDI – *A Caridade dá que fazer*, p. 54.

<sup>223</sup> TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Arcebispo Périer, 23 de Outubro de 1953. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 163.

fisicamente e espiritualmente, neste caso, que faz com que a relação de proximidade seja verdadeira concreta.

Madre Teresa mostrava-se alegre com a sua obra, com a sua congregação. Todo o bem que estava a fazer às pessoas era a demonstração interior do amor que tinha por Jesus Cristo, esse amor que era ardente. Toda a vez que ajudava o outro, dizia que era para «matar a sede de Jesus pelas almas»<sup>224</sup>. Numa carta aos seus colaboradores doentes e sofredores a Madre diz-nos:

«Nós, Missionárias da Caridade, quão agradecidas devemos sentir-nos, vós por sofrerdes e nós por trabalharmos. Completamos uns nos outros o que falta a paixão de Cristo. Que bela é a nossa vocação, sermos portadoras do amor de Cristo aos bairros de lata. A vossa vida de sacrifício é o cálice, ou antes, os nossos votos são o cálice e o vosso sofrimento e o nosso trabalho são o vinho e a hóstia imaculada»<sup>225</sup>.

Como temos presente neste excerto e como no capítulo transato tivemos presente, vemos que a Sociedade<sup>226</sup> tinha colaboradores e esses colaboradores sofriam com as suas dores. A vocação da Madre Teresa e da sua congregação era espalhar o amor de Cristo por todos, traduzindo esse amor por obras, obras essas de compaixão.

«A nossa amiga a rapariga de Punjab sofre terrivelmente. Quando a vi, chorar intensamente. Fui-me embora quando chegou a mãe. (...). Quem me dera poder sofrer mais espiritualmente, se isso a aliviasse. Que contraste entre os ricos e os pobres. A minha gente de Kalighat são mártires vivos e contudo nem uma palavra. Um rapazinho que sofria dores horríveis, disse por fim, que tinha pena de morrer, porque acabava de aprender a sofrer por amor a Deus»<sup>227</sup>.

Neste excerto deparamo-nos que a Madre queria e gostaria de poder sofrer mais nela os horrores da vida, para poder deixar viver mais os outros. As situações que os outros gozavam “cortavam-lhe” o coração. O pouco que tinham, a doença que os assombrava era uma forte dor para ela. Todas as crianças que esta acolhia eram para ela como “filhos”. As crianças dos bairros de lata, como já vimos anteriormente, eram levados para a escola e à missa. Assim neste pequeno fragmento deparamo-nos com uma expressão da lembrança dela escrita, onde conta que um rapazinho depois de descobrir o verdadeiro amor, o amor por Deus, estava as portas da morte e sentia pena por partir. As ações da Madre mostram que utilizava a sua força para transmitir aos outros, derivando disso uma igualdade sem fronteiras.

---

<sup>224</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 172.

<sup>225</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para os Colaboradores Doentes e Sofredores, 9 de março de 1955. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 168.

<sup>226</sup> Podemos dar por este nome as Missionárias da Caridade.

<sup>227</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o padre Picachy, 23 de Novembro de 1958. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 189.

Numa outra redação da Madre: «Obrigado pelas suas orações. Não preciso de me forçar a ser feliz ou a manter o sorriso face aos outros, sou muito feliz porque o bom Deus me deu uma grande graça, submeti-me por completo, estou à disposição dele. Um caloroso sim a Deus e um grande sorriso para toda a gente»<sup>228</sup>. De facto na correspondência que tinha com os seus diretores espirituais, muitas vezes e de vários modos a Madre falava que não era preciso muita exigência para amar os outros, para cuidador dos outros, bastava sim, que sentisse a presença de Deus para que essa graça fosse uma “inundação de amor”. Esta graça que a Madre fala é a graça de poder contemplar e ajudar os outros através da compaixão, do amor. Deus deu-lhe uma missão e essa missão estava a ser cumprida.

«Recebemos mais 13 postulantes em Janeiro passado e já parecem estar cheias da alegria de sofrerem pelos pobres de Deus. Teremos um bom grupo para maio se Deus quiser. E eu limito-me a contemplar tudo isto maravilhada»<sup>229</sup>. Madre Teresa estava bastante agradada por ver que havia jovens que se juntavam à sua “causa” para um bem maior e que estas partilhavam «a sua alegria de sofrer pelos pobres de Deus»<sup>230</sup>.

«A Sagrada Comunhão, a Santa Missa, todas as coisas santas da vida espiritual, da vida de Cristo em mim, são todas tão vazias, tão frias, tão pouco desejadas. A situação física dos meus pobres abandonados na rua, daqueles que ninguém quer, que ninguém ama, que ninguém reclama, é o verdadeiro quadro da minha vida espiritual, do meu amor a Jesus, e contudo esta dor terrível nunca me fez desejar que as coisas fossem diferentes. Mais ainda, quero que seja assim enquanto Ele quiser»<sup>231</sup>.

Podemos comprovar que a situação dos pobres dos marginalizados acaba por ser a grande dor que Madre Teresa tem e a falta de amor por Deus. Toda a dor que ela sente no seu coração é a mesma dor que sente todos os dias por pensar que não chega para completar a sua paixão, a sua compaixão pelos demais. Nesta sua carta ela reporta-nos que sente até que os próprios sacramentos já não chegam para este seu amor por Deus. Ela sente a falta deste amor.

Esta falta de amor que a Madre sentia levou a que ela se identificasse totalmente com o “seu povo”. Madre Teresa passou por uma grande escuridão interior e foi essa mesma escuridão que a fez ter a capacidade de poder compreender os sentimentos dos pobres. «O maior de todos os males é a falta de amor e de caridade, a terrível

---

<sup>228</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Padre Neuner, data de 1961. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 223.

<sup>229</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Padre Neuner, 17 de Fevereiro de 1962. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 233.

<sup>230</sup> KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 233

<sup>231</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para o Padre Neuner, 12 de maio de 1962. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 237-238.

indiferença relativamente ao próximo que vive à beira da estrada, vítima da exploração, da corrupção, da pobreza e da doença»<sup>232</sup>. Todos os que eram ajudados, sentiam que tinham o amor dela, sentiam que tinham alguém ao lado deles, que sentiam as suas alegrias, e pensavam que ela era naquela hora, naquele minuto a única pessoa no mundo, abstraindo-se de tudo o resto. Toda a ajuda que ela proporcionava era sempre bem vinda, sobretudo a ajuda sentimental, pois não eram só os materiais que importavam para eles, eram também o amor que recebiam, gestos tão delicados de carinho e de compassividade para com eles.

Diz Madre Teresa:

«Jesus foi enviado pelo Pai aos pobres e para ser capaz de compreender os pobres, Jesus teve de conhecer e experienciar essa pobreza no seu próprio Corpo e na sua Alma. Também nós temos de experienciar a pobreza se quisermos ser verdadeiras portadoras do amor de deus. Para sermos capazes de proclamar a Boa Nova aos pobres temos de saber o que é a pobreza»<sup>233</sup>.

Ao longo da sua vida Teresa de Calcutá vivia e ensinava, especialmente as outras irmãs que os pobres não se compreendem sem se sentir o que é verdadeiramente a pobreza, tanto material como corporal. A compaixão, é isto, fazer-se com o outro, viver como o outro, mesmo que seja não ter nada, ter o necessário para se sobreviver, sendo que a compaixão é dar, ser generoso.

Num outro momento marcante da sua vida, a quando das lutas entre muçulmanos e hindus em Calcutá, diz Madre Teresa: «Partir-lhe-ia o coração ver milhares de pessoas ficarem sem as suas casas, de um dia para o outro. Tem havido confrontos entre hindus e os muçulmanos. (...). Que mundo terrível este, sem o amor de Cristo. Não consigo pura e simplesmente compreender porque foi que eles fizeram aquilo. Porquê provocar tanta dor aos Pobres?»<sup>234</sup>

A quando dos terríveis confrontos em Calcutá, Teresa de Calcutá viveu toda essa luta de perto. Ao ver os “seus” pobres inseridos nestes conflitos, sentiu uma grande tristeza, pois como eles já eram pobres, com esta luta civil, ainda se tornariam mais pobres e infelizes.

Um dos grandes textos que temos em nosso poder hoje, é o discurso da Madre Teresa na entrega do Nobel da Paz em Oslo no ano de 1979. Neste seu discurso tentou

---

<sup>232</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 238.

<sup>233</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – *Caridade: a alma da missão*, 23 de Janeiro de 1991. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 239.

<sup>234</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta para Eileen Egan, 24 de Janeiro de 1964. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 252.

mostrar acima de tudo como era vivido o seu serviço, a sua rotina, as suas tristezas as suas dores. Disse no seu discurso:

«Doeu a Jesus amar-nos. Doeui-lhe. E para se assegurar de que nos lembraríamos do seu grande amor por nós, fez-se pão da vida para saciar a nossa fome do seu amor, a nossa fome de Deus, pois fomos criados para esse amor. (...) Fomos criados para amar e sermos amados, e Ele fez-se homem para que pudéssemos amar como Ele nos amou. Fez-se ele próprio o faminto, o nu, o que não tem abrigo, o doente, o que se acha na prisão, o solitário, o indesejado, e diz: “Foi a mim que o fizeste”. Tem fome do nosso amor, e esta fome é a fome dos pobres. É a fome que vós e eu temos que encontrar. (...).

Nunca esquecerei uma oportunidade que tive de visitar uma casa onde se achavam todos esses pais velhos que os filhos haviam relegado para uma instituição e talvez esquecido. Fui lá e vi que nessa casa possuíam tudo, coisas magníficas, mas todos tinham os olhos postos na porta. Não vi um único cujo rosto se iluminasse, com um sorriso. Voltei-me então para a Irmã e perguntei: Como é isto? Como se compreende que essas pessoas, que têm tudo aqui, estejam todas a olhar para a porta? Por que não sorriem?

Estou tão habituada a ver sorrisos na nossa gente, que até os moribundos sorriem. E ela respondeu-me: “É assim quase todos os dias. Esperam. Esperam que algum filho os venha visitar. Sentem-se magoados por estarem esquecidos”. E vejam: É aqui que entra o amor. Talvez tenhamos na nossa família alguém que se sinta só, doente, aborrecido, e para esses todos os dias são difíceis. Estamos nós lá? Estamos lá para os receber? Está lá a mãe para receber o filho?»<sup>235</sup>.

A grandeza destas palavras que foram proferidas no seu discurso, foram de tal forma nobres que mesmo num momento de reconhecimento à sua pessoa, à sua ação, Madre Teresa nunca se esquecia de referir os demais, esses demais que eram os pobres com quem ela convivia e a quem ajudava. O amor, a compaixão, todos estes sentimentos coloca presente no seu discurso, pergunta a cada pessoa que estava presente se eles próprios teriam esses sentimentos. A compaixão não é um requinte, não é uma mera palavra nem um mero sentimento, é sim um “fruto” que cresce dentro de nós tendo esse fruto um sentido, um significado.

Diz-nos ainda Madre Teresa no seu discurso:

«Os pobres formam um grande povo, capaz de nos ensinar muitas coisas belas. Há dias um deles veio agradecer-me e disse: “Vocês que escolheram a castidade, são as pessoas mais indicadas para nos ensinar o planeamento familiar, pois ele não é mais do que o autodomínio sem prejuízo do amor que um tem pelo outro”. (...) Os pobres são maravilhosos. Uma noite em que saímos, recolhemos na rua quatro pessoas, uma delas nas mais terríveis condições. Disse então às Irmãs: “Tomem conta das outras três, eu ficarei com esta que parece pior”. Fiz por ela tudo o que o meu amor podia inspirar. Deitei-a e que belo sorriso lhe brilhava no rosto! Pegou na minha mão e proferiu apenas uma palavra: “Obrigada”... e morreu»<sup>236</sup>.

---

<sup>235</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Discurso na entrega do Nobel da Paz. In SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 189-191.

<sup>236</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Discurso na entrega do Nobel da Paz. In SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 192.

A vida trás sempre muitas alegrias e tristezas, mas sem dúvida que Madre Teresa olhava para as coisas boas como uma força, um impulsionar o seu trabalho. Aquela pessoa que foi ter com a Madre agradeceu pelos bons conselhos que as Missionárias davam, pois não sendo mães, elas ajudavam no planeamento de uma família, ou seja, “contribuíam” para uma melhor relação entre os membros do agregado familiar. O agradecimento desta mulher, já nos fins da sua vida, foi como uma força verdadeira, para a continuidade “deste doar” do seu amor.

A miséria que Teresa via e convivia todos os dias era de facto absurda. As Missionárias tentavam sempre levar às pessoas o que elas precisavam e o que mais necessitavam. Relata-nos a Madre ainda no seu discurso.

«Tive a mais extraordinária experiência com uma família hindu que tinha oito filhos. Veio um senhor a nossa casa e disse-me: “Madre Teresa, há uma família com oito filhos, há muito que não comem, faça qualquer coisa por eles”. Muni-me de algum arroz e fui lá imediatamente. Vi as crianças: os olhos a brilhar de fome. (...) A mulher pegou no arroz, divido-o e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe: Onde foi? Que foi fazer? E ela deu-me uma resposta muito simples: Eles também têm fome. O que mais me impressionou foi verificar que ela sabia. E quem eram eles? Uma família muçulmana. E ela sabia. Não lhes levei mais arroz naquela noite porque queria que gozassem o prazer de repartir»<sup>237</sup>.

Esta experiência que a Madre viveu é de facto uma prova vivificadora, pois o que Teresa fazia, o demonstrar a compaixão, o amor, também as pessoas acabariam por fazer.

Viram através do exemplo que lhes foi deixado e fizeram também (cf. *Mt.* 7, 12). As vicissitudes da vida trazem estes exemplos que deixam marcas. Para Teresa este foi um dos grandes marcos que teve, poder encontrar naquelas pessoas o amor e a compaixão.

Numa última “extração” do seu discurso, temos evidente uma resposta da Madre Teresa, que absolutiza a sua vida, e o seu “projeto”. A compaixão tem de ser vivida com e através do amor.

«Nunca me esquecerei de catorze professores que há algum tempo vieram de diversas universidades dos Estado Unidos. E vieram a Calcutá para a nossa casa. Em dado momento, falámos na visita que fizeram ao lar dos que estão a morrer. (...) E vieram esses professores à nossa casa e falávamos de amor e de compaixão. E então um deles perguntou-me: “Peço-lhe, Madre, que nos diga qualquer coisa que possamos levar como recordação”. E eu disse-lhes “Sorriam uns para os outros”»<sup>238</sup>.

---

<sup>237</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Discurso na entrega do Nobel da Paz. In SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 193.

<sup>238</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Discurso na entrega do Nobel da Paz. In SPINK – *Madre Teresa de Calcutá*, p. 196.

Estas palavras direcionam-nos para o amor que Jesus pede a cada um, um amor que nos faça amar uns aos outros. O sorriso é símbolo de alegria e da compaixão, viver e sentir o que o outro sente, tanto nos bons como nos maus momentos. «A Madre Teresa tinha grande compaixão por aqueles que se sentiam rejeitados e indesejados: os pais rejeitados, abandonados nos lares de velhos, os jovens solitários cujas famílias não se preocupam com eles, e muito em especial as crianças por nascer»<sup>239</sup>.

Ao longo dos tempos Teresa ia insistindo com as Missionárias que o serviço aos outros, o ajudar, o sentir-se próximo, era o verdadeiro chamamento, um autêntico indicador da presença de Cristo. Aconselha a Madre:

«Permiti que os pobres e as pessoas vos consumam. (...) Permitam que os pobres vos “mordam” o sorriso, o tempo. É natural que, por vezes, preferissem nem sequer olhar para uma pessoa com quem tiveram algum desentendimento. Nessa altura, não se limitem a olhar, dêem-lhe também um sorriso. (...) Aprendam isto de cor: têm de permitir que as pessoas vos consumam»<sup>240</sup>.

Estando a caminho do fim da sua jornada, a sua vida, a Madre Teresa numa carta direccionada aos Presidentes George Bush e a Saddam Hussein, expõe a sua ideologia da seguinte forma, tendo sempre presente os que mais necessitavam, mostrando que a compaixão também se dá e se mostra na guerra:

«Peço-vos em nome daqueles que ficarão órfãos, viúvos ou sozinhos. Peço-vos por favor que os salvem. Peço-vos em nome daqueles que ficarão incapacitados ou desfigurados. Eles são filhos de Deus. Peço-vos em nome daqueles que ficarão sem casa, sem alimentos e sem amor. Por favor, pensem neles como fossem vossos filhos. Finalmente, peço-vos em nome daqueles que verão ser-lhes tirada a coisa mais preciosa que Deus nos pode dar, a vida. Peço-vos que salvem os nossos irmãos e as nossas irmãs, vossos e nossos, porque eles nos foram dados por Deus para os amarmos e os protegermos»<sup>241</sup>.

As atrocidades da guerra levaram a que Madre Teresa pedisse pelas pobres pessoas que ficariam sem nada. A vida de muitas pessoas ficaria reduzida a nada, vivendo assim na miséria.

Em suma, deparámo-nos ao longo deste capítulo que Madre Teresa de Calcutá, foi sempre uma pessoa lutadora pelos “seus pobres”. Ela sentia a necessidade de mostrar o mandamento que Jesus Cristo nos deu e nós deixou, que nos amassemos uns aos outros, sendo assim através da compaixão para e com os demais. A sua vida foi, de facto, uma vida exaustiva, mas acima de tudo uma vida de gratidão pelo trabalho que

---

<sup>239</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 295.

<sup>240</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Instruções da Madre Teresa às Irmãs Missionárias da Caridade, de 5 de Outubro de 1984. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 287.

<sup>241</sup> Cf. TERESA DE CALCUTÁ – Carta aberta aos Presidentes George Bush e Saddam Hussein, 2 de Janeiro de 1991. Apud KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 317.

desempenhou com os que mais necessitavam. Ao longo do seu tempo, teve momentos em que a “escuridão” se apoderava dela, todavia não foi essa escuridão que a “rebaixou”, foram os momentos com aqueles a quem ela deu a sua vida que a ajudaram a ser a mulher que hoje conhecemos. A sua compaixão foi sem limites, e esses limites levaram-na à santidade.

## Conclusão

Ao longo desta “caminhada”, deparamo-nos com vários aspetos que não imagináramos, nem pensaríamos que viéssemos a conhecer, tendo em conta a obra por nós “estudada”. Conhecer a sua vida, a sua história e o seu percurso de “Santa”, que já assim a podemos denominar, absorve-nos para o mundo em que Madre Teresa viveu e conquistou. Toda a vida desta mulher, com “M” maiúsculo, deriva da sua boa vontade, obras e conquistas, e leva-nos a pensar o que verdadeiramente importa nesta nossa vida. Serão a riqueza, o luxo, a vaidade, a indiferença e o desprezo necessários? Muitos não hesitarão em dizer um “sim”, viver como aliado de si só, deixar o outro para trás para conseguir chegar ao patamar mais alto mas, como diz o ditado: “ Sozinhos vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe”. Foi neste contexto que Madre Teresa conquistou todos à sua volta e o Mundo que via, ao de longe, as suas ações.

Para Madre Teresa, fundar a Congregação das Missionárias da Caridade significou abandonar tudo aquilo que lhe poderia proporcionar o que chamamos de “uma vida boa”. Esta vida que Teresa escolheu levou-a a recusar o poder, a grandeza, a segurança, o dinheiro, a saúde, entre outras. Desde o início da criação desta congregação, a sua vontade e o seu lema sempre foram a ajuda para com outro, ajuda que procurava dar sem a esperança de uma retoma, de receber algo. O amor que Madre Teresa tinha por Jesus foi um amor arrebatador, um amor com uma ligação tão forte e especial que a levou a proferir que era a «noiva de Jesus»<sup>242</sup>.

A compaixão dada e trabalhada por Madre Teresa foi o melhor que ela podia dar. Dar ao outro o apoio necessário para as suas angústias, para as suas últimas horas de vida, para as suas feridas criadas na carne e no espírito. Para esta mulher, os sentimentos, atribuídos a saí por Jesus através do que ela denomina “chamamento”, sempre foram um suporte. Ao longo deste nosso trabalho tivemos sempre presente o que era verdadeiramente o projeto de uma vida edificada em diálogo amoroso com Jesus – Cristo, Senhor e Deus das nossas vidas.

Madre Teresa de Calcutá, desde o seu nascimento até a hora da sua morte, demonstrou sentimentos que só alguém com uma grande ligação a Deus poderia ter. Temos presente que, muitas vezes, as suas ideias e escolhas eram confrontadas e questionadas por autoridades superiores mas, não obstante, a sua confiança em Deus

---

<sup>242</sup> Cf. KOLODIEJCHUCK – *Madre Teresa*, p. 45.

sempre superou e alcançou o seu desejo maior. Os seus escritos chegaram até nós, felizmente, graças a uma colectânea reunida pelos seus superiores e outras irmãs, pois Madre Teresa não queria deixar visíveis as suas preocupações, os seus anseios patentes nos seus escritos. Temos atualmente estes registos para entender melhor e, acima de tudo, para aprender o que esta mulher detinha para ser a figura que hoje é para o mundo contemporâneo.

A compaixão por ela vivida e oferecida leva-nos a refletir, de um certo modo, sobre as obras de misericórdia, dando-lhes um maior relevo na nossa vida cristã. Com isto não quer dizer que não lhe déssemos, nem tivéssemos o devido “respeito” por ela, todavia, o Ser Humano foca-se e percebe melhor através de imagens, de ícones. Madre Teresa, ao longo da sua caminhada, sentiu muitas vezes que a estavam a impedir de fazer aquilo que era o mais sensato, no entanto, o seu amor e a sua entrega, e até a sua própria “crença” nos desígnios de Deus, conduziram-na ao mais alto dos patamares. O Ser Humano é um ser de hábitos e, se não for estimulado, vai perdendo o interesse pelas coisas, ou até pelos demais, por isso é que Madre Teresa, através deste gesto de compaixão, trouxe algo mais a este Mundo composto por poder e ostentação.

Como aludimos, o ser humano é um ser que se esquece rapidamente das coisas, dos outros, mas, com o exemplo de vida e de sentimento transmitido pela nossa “personagem”, acaba por “acatar” melhor as necessidades. Somos todos um pouco de Tomé (cf. *Jo. 20,27*) – ver para crer –, então, nada melhor do que ver este maravilhoso sentimento transmitido por Madre Teresa. Todo o trabalho realizado por esta foi de inegável grandeza, de uma singela pureza, de uma humildade amorosa extraordinária, exemplificando por comportamentos o motivo dos demais também merecem o carinho de nós e de todos os outros. Os Indianos, que por maioria são de uma cultura religiosa diferente da impressa no Mundo pelos cristãos, possuem necessidades iguais aos outros. Todos somos iguais – temos um corpo, uma alma, sentimentos, etc. – e um valor intrínseco idêntico – estabelecido este por Deus ao nos constituir à Sua imagem e semelhança –, e era por esta convicção que Madre Teresa lutava.

Foi, cremos, neste justo sentido que João Paulo II, na homilia de beatificação de Madre Teresa, nos disse: «A sua vida é um testemunho da dignidade e do privilégio do serviço humilde. Ela escolheu ser não apenas a mais pequena, mas a serva dos mais pequeninos. Como mãe autêntica dos pobres, inclinou-se diante dos que sofriam várias formas de pobreza. A sua grandeza reside na sua capacidade de doar sem calcular o

custo, de se doar “até doer”. A sua vida foi uma vivência radical e uma proclamação audaciosa do Evangelho»<sup>243</sup>.

Deste nosso projeto, e além das constatações apontadas antes, conseguimos tirar verdadeiras ilações do que é a compaixão, vivida e sentida por parte de uma mulher que tanto deu aos demais na medida que a eles se deu sem reservas. A verdadeira compaixão é, acima de tudo, o transformador do amor que leva a que nos entreguemos em misericórdia aos outros para assim construirmos um Mundo melhor e vivenciarmos, e darmos a vivenciar, o Reino de Deus. O sacrifício que Jesus teve por nós na cruz foi um ato de total entrega, um dar-se de amor sem igual, e foi por estas e, com certeza, outras razões, que Teresa de Calcutá deu e fez da sua vida uma total entrega sem fronteiras.

Em modo de apreciação crítica ao nosso trabalho, verificamos que o mesmo nos permitiu observar e absorver o que de melhor esta mulher tinha. A sua vida espiritual passou por grandes “Cabos das Tormentas”, mas com eles que viveu e trabalhou em prol do próximo, transformando-os em “Cabos da Boa-Esperança”. Através de Madre Teresa, verificamos que os outros são o nosso “caminho”, são uma meta a alcançar, não para nos elevar-nos graças a eles, mas, dado que eles possuem um valor intrínseco, por eles mesmos. O entregar-nos a eles deverá ser um esforço sério e digno, pois cada ser humano tem uma dignidade que deve ser cumprida. Um esforço que não se reduz a um humanismo secular flutuante, mas que radica num humanismo cristão que dá sal e luz a todo o existente e tudo o que fazemos.

Madre Teresa viveu no meio de uma panóplia de divindades, e respeitou a todos os crentes nas mesmas, mas nunca se acomodou a uma dissolução da sua pessoa num relativismo amorfo. Não. Mesmo que o seu evangelho tenha sido mais vivido do que falado, ela viveu sempre em Cristo e foi d’Este que aprendeu o sentido da mais veraz compaixão: não a que vem e vai, mas a que se torna um hábito que, havendo moldado o coração, se torna espiritualmente natural a este. Num tempo como o nosso em que o diálogo com não-cristãos é tão necessário, este seu ensinamento é fundamental.

Este nosso trabalho, como é sabido, tem carências a nível do que foi por nós levado a cabo. Passamos a apresentá-las: numa primeira fase, a falta de bibliografia, sendo que muitos livros por nós procurados já não estavam no mercado ou disponíveis em bibliotecas. Mesmo tendo recorrido a alfarrabistas, não encontramos mais do que

---

<sup>243</sup> Cf. IGREJA CATÓLICA, JOÃO PAULO II – *Homilia por ocasião da beatificação de Madre Teresa* (19 de Outubro de 2003). [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20031019\\_mother-theresa.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20031019_mother-theresa.html) (consultado dia 5 de Janeiro de 2021).

temos presente ao longo desta nossa elaboração do trabalho. Podemos também enunciar que, para a elaboração do nosso primeiro capítulo, “A contextualização da Índia”, utilizamos, de um modo geral, a mesma obra, uma vez que, para um maior aprofundamento desse tema, teríamos de recorrer a bibliotecas externas a Portugal, o que dificultaria a redação do mesmo, devido ao tempo, mas, acima de tudo, à barreira da língua escrita nesses demais. Sabemos que ficaria, de um certo modo, mais agradável para a leitura, porém, foi-nos impossível encontrar tais livros.

Um outro ponto crítico de que temos a plena noção é o tipo de linguagem utilizado e a escrita com uma certa limitação. Sabendo da nossa dificuldade nesta área, tentamos ao máximo que fosse um trabalho verdadeiro, onde expressamos e demonstramos o que somos. Por fim, e não menos importante, é nosso dever denotarmos a “pequenez” deste nosso trabalho. No entanto, salientamos que as limitações que a pandemia do COVID 19 trouxe às nossas vidas ao longo dos últimos meses não nos permitiram ter acesso a outras fontes, mas temos consciência da nossa falta.

De uma forma geral, consideramos que este nosso projeto apresenta algo concreto da vida de Madre Teresa. Apresenta o que a Igreja hoje nos pede: sermos pessoas de bem, ajudar os outros e, acima de tudo, demonstramos àqueles que ainda não conhecem a fé católica que somos uma Igreja de comunhão, de união.

Num olhar mais atento sobre este nosso projeto, encontramos certas fragilidades, e uma delas, que poderia ter sido também mais trabalhada, foi o tratamento da forma como o próprio governo viu a difusão do cristianismo através da pessoa e da congregação de Madre Teresa, num país que é maioritariamente politeísta e que se rege pelos vários deuses, cada um com determinadas características. Em contrapartida, muitas das pessoas que de perto conviviam com Madre Teresa converteram-se à fé cristã, só pelo simples facto de serem atendidos por pessoas que acreditavam num único Deus, o Deus verdadeiro, que é onipotente e onipresente e, acima de tudo, o expoente máximo daquilo que é o verdadeiro amor.

Neste sentido, nós gostaríamos de ter aprofundado mais este assunto, mas não nos foi possível dado um conjunto de circunstâncias já por nós referidas. Contudo, deixamos aqui uma base de estudo que poderá servir de apoio para projetos futuros. Por exemplo: em que sentido os orientadores espirituais de Teresa de Calcutá a influenciaram a respeito da compaixão? Neste caso em concreto, teriam de ser estudados os próprios escritos destes seus diversos acompanhantes espirituais. Ou ainda:

em que sentido a própria vivência da compaixão está inserida nas “*Constituições*” da congregação por ela fundada? Para isto teriam de se estudar e ter acesso às próprias Constituições da Congregação das Missionárias da Caridade. Outros possíveis temas poderiam incidir: sobre a “noite escura”, que ela tanto dizia sentir como profunda tristeza na ausência de Deus, procurando respostas nos seus momentos de oração, vistos como um grande conforto para suprimir estes momentos de “dor”, e na eucaristia como foco principal de todo este amor que ela sentia; e a alegria espiritual ao estar com os que não conheciam Jesus, mas que morriam felizes por ouvir falar dele.

De um modo geral, e fazendo uma retrospectiva do que é o nosso trabalho, podemos afirmar que muito mais haveria para dizer, contudo, deixamos aqui uma porta aberta para um futuro estudo.

Em jeito de remate a esta presente Conclusão, devemos dizer que a elaboração deste trabalho abriu-nos para uma realidade pouco conhecida. A compaixão não pode ser entendida como um sentimento “dolorista”, mas como um compadecer-se para a verdadeira alegria. A compaixão não pode ser conotada como algo “sombrio”, algo que evidencia a dor dos outros, mas sim a felicidade de ajudar os demais com alegria. É nesta alegria em ajudar que se consagra o amor pelos nossos semelhantes.

Devemos ser como Madre Teresa: deixar de lado o individualismo, tão presente neste nosso Universo ligado a futilidades, para assim edificarmos uma Humanidade mais perfeita. A vida pessoal de determinado indivíduo não se mede só pelo bem que se faz mas, acima de tudo, com o amor que se faz e com o carinho que se dá. Que Madre Teresa seja sempre uma inspiração para as pessoas que sentem que podem dar mais, mas que, com medo ou com a paralisia da vida, não almejam algo mais grandioso para elas e para a sua vida.

É nosso sincero desejo que esta forma de viver com os outros e de trabalhar para os outros, como Madre Teresa fez, faça frutificar nas nossas comunidades cristãs algo melhor; algo grandioso e sincero para Deus.

# Bibliografia

## Fontes

### Fontes primárias

TERESA DE CALCUTÁ – *As asas da santidade: Pensamentos e palavras*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2005, p. 24-360.

TERESA DE CALCUTÁ – *Cartas de Madre Teresa*. In KOLODIEJCHOCK, Brian – *Madre Teresa: Vem, sê a minha luz*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2007.

### Fonte secundárias

*Bíblia sagrada*. 5ª ed. Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

IGREJA CATÓLICA – *Catecismo da Igreja Católica*. 2ª ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

IGREJA CATÓLICA, BENTO XVI – *Deus Caritas est* [Carta encíclica de 25 de Dezembro de 2005]. *AAS* 98 (2006) 217-252.

IGREJA CATÓLICA, FRANCISCO – *Homilia por ocasião da canonização da Beata Madre Teresa de Calcutá* (4 de Setembro de 2016). [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco\\_20160904\\_omelia-canonizzazio ne-madre-teresa.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160904_omelia-canonizzazio ne-madre-teresa.html).

IGREJA CATÓLICA, Francisco – *Misericordia et Misera* [Carta Apostólica de 20 de Novembro de 2016]. *AAS*. 108 (2016) 1311-1327.

IGREJA CATÓLICA, JOÃO PAULO II – *Homilia por ocasião da beatificação de Madre Teresa* (19 de Outubro de 2003). [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20031019\\_mother-theresa.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2003/documents/hf_jp-ii_hom_20031019_mother-theresa.html).

## Estudos

ALLEGRI, Roberto – *A Mãe de Calcutá: Madre Teresa*. Braga: Editorial A.O, 2016.

- BAUBER, J. B. – Misericórdia. In *Diccionario de Teología Bíblica*. Barcelona: Editorial Herder, 1967, p. 658-659.
- DARLAP, Adolf – Misericórdia. In *Diccionario de Espiritualidad*. Dir. Ancilli Ermanno. Barcelona: Editorial Herder, 1983, vol. 2. 628-629.
- GENNARO, C. – Misericórdia (obras de). In *Sacramentum Mundi: Enciclopedia Teológica*. Barcelona: Editorial Herder, 1973, vol. 4, p. 601-603.
- GONZÁLES-BALADO, José Luís – *Santa Teresa do mundo inteiro: vida, obra e mensagem*. 4ª ed. Lisboa: Paulus Editora, 2016.
- LÓPEZ GUZMÁN, María Dolores – Madre Teresa: Creer o no Creer. *Razón y fe*. Madrid. n.º 1383 (2014) 53-62.
- MANICARDI, Luciano – *A Caridade dá que fazer*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016.
- MELO, F. Alcântara de – Índia: III. História Política. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000, vol. 15, col. 788-798.
- METCALF, Barbara D.; METCALF, Thomas R. – *Historia de la India*, 3ª ed. Madrid: Ediciones Akal, 2014.
- PANI, Giancarlo – Madre Teresa di Calcutta: La canonizzazione di una Missionaria della Carità. *La Civiltà Cattolica*, n.º 3989 (2016) 420-432.
- s./a. – Casta. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Portugal: Página Editora, vol. 6, p. 155-156.
- s./a. – Princepesco. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Portugal: Página Editora, vol. 23, p. 284.
- REGO, A. da Silva – Índia: IV. História Religiosa. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 2000, vol. 15, col. 799-803.
- SILVA, António da – Casta. In *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Editorial Verbo, 1966, vol. 4, col. 1356-1357.
- SPINK, Kathryn – *Madre Teresa de Calcutá: Missionárias da Caridade*. Braga: Editorial A.O., 1981.
- ZAMBONINI, Franca – *Madre Teresa: A mística dos últimos*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2003.

## **Subsídios**

SAINT-EXUPÉRY, Antoine – *O Príncipezinho*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

## Índice

<i>Siglas e abreviaturas</i> .....	5
<i>Introdução</i> .....	7
<i>Capítulo 1: Contextualização Histórica</i> .....	13
1.1.- Índia.....	13
1.2.- Dominação Britânica.....	14
1.3.- Chegada de Gandhi.....	16
1.4.- Apoiantes e opositores.....	18
1.5.- A não-cooperação .....	20
1.6.- Revoluções Agrícolas e Industriais .....	21
1.7.- Retorno da não-cooperação (1927-1934).....	21
1.8.- Novas oportunidades e novos conflitos.....	23
1.9.- A Indústria e a Economia .....	23
1.10.- A importância do ano 1940.....	24
1.11.- A ideia do Paquistão.....	26
1.12.- Guerra e Família .....	27
1.13.- Ideia de Separação .....	28
1.14.- Definição da Nação.....	30
1.15.- Morte de Gandhi .....	31
1.16.- Democracia e desenvolvimento de 1950 até 1989 .....	31
<i>Capítulo 2: Madre Teresa - a sua vida</i> .....	35
2.1.- O começo e o encontro da sua vocação.....	35
2.2.- Início da sua caminhada - Irmãs de Loreto .....	39
2.3.- A chamada para uma missão maior .....	43
2.4.- Nascimento da Congregação .....	46
2.5.- O trabalho em (com)paixão e amor .....	51
2.6.- A obra continua pelo mundo inteiro.....	53
2.7.- Os últimos momentos .....	54
<i>Capítulo 3: A compaixão pelos demais ao longo de uma vida</i> .....	57
3.1.- O sentido da compaixão .....	57
3.2.- A compaixão nas Escrituras .....	60
3.2.1.- No Antigo Testamento .....	60

<b>3.2.2.- No Novo Testamento .....</b>	<b>61</b>
<b>3.3.- Compaixão lado a lado com a Misericórdia .....</b>	<b>62</b>
<b>3.4.- Obras de Misericórdia - Vias de auxílio.....</b>	<b>63</b>
<b>3.5.- O Rosto da Compaixão, através dos seus escritos .....</b>	<b>65</b>
<b><i>Conclusão.....</i></b>	<b>80</b>
<b><i>Bibliografia .....</i></b>	<b>85</b>